



EXPOSIÇÃO E DEFESA DAS VERDADES FUNDAMENTAIS DO ESPIRITISMO

Dr. Anastasio García López



EXPOSIÇÃO E DEFESA DAS VERDADES FUNDAMENTAIS DO ESPIRITISMO

Anastasio García López

Obra original publicada em 1872,
Salamanca, Espanha

Digitalizado por **Liliana**

Revisão e publicação em espanhol:

Federación Espírita Española

www.espiritismo.es

Tradução: **Teresa de Espanha**

Revisão: **Irmãos W. e Jorge Hessen**

www.autoresespiritasclassicos.com

Versão digitalizada:

© 2017

Distribuição Digital Portal Luz Espírita

www.luzespirita.org.br



EXPOSIÇÃO E DEFESA DAS VERDADES FUNDAMENTAIS DO ESPIRITISMO

Anastasio García López

Salamanca, Espanha
Imprensa de D. Sebastián Cerezo, Isla de La Rúa, 1
© 1872

Índice

Prolegômenos: *Apóstolos do Espiritismo na Espanha*

Biografia: *Anastasio García López*

Anastasio García López: *Como me tornei espírita*

Prefácio desta segunda edição

Refutação do Folheto Intitulado "A cátedra dos curiosos",
publicado no *¡España con Honra!*

Apêndice:

Deus

Espírito e Matéria

Criação

O Espiritismo como Filosofia

O Espiritismo como Ciência

O Espiritismo como Religião

Prolegômenos

Apóstolos do Espiritismo na Espanha

Ciudad-Real, fevereiro de 1869.

Ao Sr. Allan Kardec.

Caro Senhor,

Os espíritas que compõem o círculo da cidade de Andújar, hoje disseminados pela vontade de Deus para a propagação da verdadeira Doutrina, vos saúdam fraternalmente.

*Ínfimos pelo talento, grandes pela fé, propomo-nos sustentar a **Doutrina Espírita**, tanto pela imprensa, como pela palavra, tanto em público como em particular, porque é a mesma que Jesus pregou, quando veio à Terra para a redenção da Humanidade.*

*A Doutrina Espírita, chamada a combater o materialismo, a fazer prevalecer a divina palavra, a fim de que o espírito do **Evangelho** não seja mais truncado por ninguém, a preparar o caminho da igualdade e da fraternidade, necessita hoje, na Espanha, de apóstolos e de mártires. Se não podemos ser os primeiros, seremos os últimos: estamos prontos para o sacrifício.*

Lutaremos sós ou em conjunto, com os que professam nossa Doutrina. Os tempos são chegados; não percamos, por indecisão ou por medo, a recompensa que está reservada aos que sofrem e são perseguidos pela justiça.

Nosso grupo era composto de seis pessoas, sob a direção espiritual do Espírito Fénelon. Nosso médium era Francisco Perez Blanca, e os outros: Pablo Medina, Luís Gonzalez, Francisco Marti, José Gonzalez e Manuel Gonzalez.

Depois de haver espalhado a semente em Andújar, estamos hoje em diversas cidades: Leon, Sevilha, Salamanca, etc., onde cada um de nós trabalha na propagação da Doutrina, o que consideramos como nossa missão.

Seguindo os conselhos de Fénelon, vamos publicar um jornal espírita. Desejando ilustrá-lo com extratos tirados das obras que publicastes, pedimos que nos concedais a permissão. Além disso, ficaríamos muito contentes com a vossa benévola cooperação e, para tal fim, pomos à vossa disposição as colunas do nosso jornal.

Agradecendo-vos antecipadamente, rogamos saudar, em nosso nome, os nossos irmãos da Sociedade de Paris.

E vós, caro senhor, recebei o fraternal abraço de vossos irmãos. Por todos,

Manuel Gonzalez Soriano

Resposta de Allan Kardec

Em muitas ocasiões já dissemos que a Espanha contava numerosos adeptos, sinceros, devotados e esclarecidos. Aqui, não é mais devotamento, é abnegação; não uma abnegação irrefletida, mas calma, fria, como a do soldado que marcha para o combate, dizendo: Custe-me o que custar, cumprirei o meu dever. Não é essa coragem que flameja como um fogo de palha e se extingue ao primeiro alarme; que, antes de agir, calcula cuidadosamente o que pode perder ou ganhar: é o devotamento daquele que põe o interesse de todos acima do interesse pessoal.

Que teria sucedido às grandes ideias que fizeram avançar o mundo, se só tivessem encontrado defensores egoístas, devotados em palavras enquanto nada tivessem a temer e a perder, mas se dobrando ante um olhar de ameaça e o medo de comprometer algumas parcelas de seu bem-estar? As ciências, as artes, a indústria, o patriotismo, as religiões, as filosofias têm tido os seus apóstolos e os seus mártires. O Espiritismo também é uma grande ideia regeneradora; apenas surge; ainda não está completo, e já encontra corações devotados até a abnegação, até o sacrifício; devotamentos muitas vezes ignorados, não buscando a glória nem o brilho, mas que, por agir numa pequena esfera, nem por isso são menos meritórios, porque moralmente mais desinteressados.

Contudo, em todas as causas, os devotamentos em plena luz são necessários, porque eletrizam as massas. Não está longe o tempo, isto é certo, em que o Espiritismo terá também seus grandes defensores que, afrontando os sarcasmos, os preconceitos e a perseguição, empunharão sua bandeira com a firmeza que dá a consciência de fazer uma coisa útil; apoiá-

lo-ão com a autoridade de seu nome e de seu talento, e seu exemplo arrastará a multidão dos tímidos que, por prudência, se tenham mantido afastados.

Nossos irmãos da Espanha abrem a marcha; cingem os rins e se preparam para a luta. Que recebam os nossos cumprimentos e os de seus irmãos em crença de todos os países, porque entre os espíritas não há distinção de nacionalidades. Seus nomes serão inscritos com honra ao lado dos corajosos pioneiros, aos quais a posteridade deverá um tributo de reconhecimento, por terem sido os primeiros a pagar com suas pessoas e contribuído para o soerguimento do edifício.

Significa dizer que o devotamento consiste em tomar o bastão de viagem para ir pregar pelo mundo a toda a gente? Não, certamente; em qualquer lugar onde se esteja pode-se ser útil. O verdadeiro devotamento consiste em saber tirar o melhor partido de sua posição, pondo ao serviço da causa, o mais utilmente possível e com discernimento, as forças físicas e morais que a Providência distribuiu a cada um.

A dispersão desses senhores não se deveu à sua vontade. Reunidos, inicialmente, pela natureza de suas funções, estas os chamaram a vários pontos da Espanha. Longe de desanimarem por esse isolamento, compreenderam que, ficando unidos por pensamento e ação, poderiam fincar a bandeira em vários centros, e que assim sua separação redundaria em proveito da vulgarização da ideia.

Assim se deu num regimento francês, onde um certo número de oficiais tinha formado grupos, dos mais sérios e mais bem organizados que vimos. Animados de um zelo esclarecido e de um devotamento a toda prova, seu objetivo era, primeiramente, instruir-se a fundo nos princípios da Doutrina e, depois, exercitasse na palavra, impondo-se a obrigação de tratar, cada um por sua vez, uma questão, para se familiarizarem na controvérsia. Fora de seu círculo pregavam pela palavra e pelo exemplo, mas com prudência e moderação; não procurando fazer a propagação a qualquer preço, tornavam-na mais proveitosa. Deslocado o regimento, se espalharam por várias cidades; assim o grupo se dispersou materialmente, mas, sempre unido em intenções, prossegue sua obra em pontos diferentes.

Allan Kardec

Fonte: **Revista Espírita** - Março de 1869

O espírita ilustrado não precisa de nenhum rito, de nenhum culto externo, de nenhuma religião positiva. Seu templo é o universo, cujas inúmeras estrelas são outros tantos altares, de onde são elevadas as preces de toda a humanidade para a inteligência criadora; seu culto é o estudo da criação, o cumprimento dos deveres para consigo mesmo e para com seus semelhantes, e com isso ele satisfaz os deveres que a Deus se referem; suas missas e suas orações são a prática de todas as virtudes e da caridade em especial por ser o resumo de todas as outras; sendo bom dentro da sociedade, bom dentro da família, bom e honesto sempre em toda a parte; e amando todos os homens como irmãos, é como o Espiritismo estabelece seu culto.

Porém, se alguém encontrar consolação na prática dos cultos das religiões positivas, se alguém, espírita ou não, precisar dessas fórmulas para satisfazer as aspirações do seu espírito, o Espiritismo não irá rejeitá-lo ou vituperá-lo, deixará que ele siga seu caminho, buscando que sua luz chegue a todas as inteligências onde puder penetrar.

Anastasio García López

"O Fiel Escudeiro de Allan Kardec"

Biografia

Anastasio García López



O Dr. D. Anastasio García López nasceu no dia 27 de abril de 1823, em Ledaña, província de Cuenca, Espanha.¹

Era um homem de inteligência clara, uma notável franqueza e animada desejo mais nobre. Ele era um médico de casas de banho e praticado a homeopatia; publicou vários livros profissionais.

Órfão de pai à tenra idade de cinco anos, os constantes cuidados maternos conseguiram que em 1838 iniciasse estudos de Filosofia no Seminário e Instituto de ensino médio de Múrcia, onde obteve diploma em Filosofia com as melhores notas.

Em 1841 começou os estudos de médico cirurgião no Colégio de Medicina São Carlos de Madrid, até que em 1848 terminou sua carreira com nota dez em todas as matérias, conseguindo o título de Licenciado.

¹ Fonte: *El Criterio Médico*, edição de 31 de 10 de 1888, conforme consta na página virtual: www.homeoint.org/site/sanjose/garcialopez.htm.

Como Licenciado em Medicina e Cirurgia, desenvolveu seu trabalho em diferentes lugares da Península, sendo médico titular em Cebreros (Ávila), Navalperal de la Mata (Cáceres), em pouco tempo foi subdelegado de Medicina, comissionado pelo Governo para estudar uma epidemia especial nos lugares de Casatejada e Serrejón, e analisar as águas de Fuente del Oro; subdelegado de Saúde e titular de Medinaceli; médico diretor, por concurso de méritos, do Hospital Provincial de Sória.

Entrando, também por concurso de méritos, no Corpo de médicos diretores de banhos minerais da Espanha, desenvolvendo essa atividade em Cestona, Alhama de Aragón, Panticosa, Ledesma, Caldas de Oviedo e Archena; catedrático numerário de Fisiologia e Higiene e auxiliar de Medicina legal e Toxicologia na Universidade de Salamanca, onde, em 1868, obteve o grau de doutor em Medicina, pronunciando um notável discurso sobre o crupe e seu tratamento homeopático, que foi muito aplaudido; regente, mais tarde, da cátedra de Psicologia e Lógica na Universidade Central, onde passou com nota dez um curso especial sobre língua grega e outro de Economia política; foi deputado republicano nas Cortes Constituintes de 1873.

Também levou sua iniciativa a Barcelona em 1889, para a fundação de uma Academia e de um Hospital homeopático, sendo criada depois a Academia Homeopática Barcelonesa, da qual foi presidente de honra o Dr. García López. A *Revista de Homeopatía* foi o órgão oficial da mencionada Academia.²

O Dr. García López foi propagador infatigável da Doutrina Espírita e da medicina homeopática. Nesse senso, foi autor de inúmeros artigos, livros e opúsculos interessantes. Suas obras do Espiritismo são: *Exposição e Defesa das verdades Fundamentais do Espiritismo*, *Rebuttal do materialismo*, *Magic XIX* e *Palestras sobre Cosmologia, Antropologia e Sociologia*.

A Revolução Liberal de 1868, na Espanha, destituiu a Rainha Isabel II do trono e permitiu o surgimento da Primeira República Espanhola em 1873. Esta revolução teve intensa participação de espíritas e maçons que lutavam inclusive pela implantação da liberdade de culto e da laicidade do Estado. Com maior liberdade, a propaganda espírita conseguiu ampla divulgação e penetração entre as massas e também entre as classes mais intelectualizadas da sociedade espanhola deste período.

Em 1873, durante o período republicano, o deputado espírita José Navarrete propôs uma emenda na Lei de Educação Pública que incluía a disciplina de Espiritismo como matéria obrigatória nos currículos de ensino

² A maior parte deste texto baseia-se em um artigo necrológico publicado na revista *El Propagador Homeopático*, Ano II, nº 1, Madrid, maio de 1897 (Traduzido por Teresa da Espanha).

secundário e das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras da República Espanhola. Esta emenda, recebeu ainda a assinatura de outros quatro deputados espíritas: Luís F. Benítez de Lugo, Anastasio García López, Manuel Corchado y Juarbe e Mamés Redondo Franco. Como justificativa para a proposição, os deputados assim se manifestaram:

Os Deputados que subscrevem, sabendo que a causa inicial da confusão que reina na nação espanhola, na esfera da inteligência, na região do sentimento e no campo das obras, é a falta de uma fé racional, é a carência no ser humano de um critério científico para ajustar suas relações com o mundo invisível, relações profundamente perturbadas pela influência fatal das religiões positivas, têm a honra de submeter à aprovação da Assembleia Constituinte a seguinte emenda ao projeto de lei sobre a reforma do ensino secundário e das Faculdades de Filosofia, Letras e Ciências.

Junto à proposta de emenda, foi elaborado um *Programa de Curso Elementar de Espiritismo*, que contemplava os seguintes conteúdos: Noções de Cosmologia, Antropologia e Filosofia, Catecismo da Doutrina Kardequiana, Deus, a Criação, Conceito de Espírito, Lei do Progresso, Vida Planetária e Mundos Habitados, Magnetismo e fluidos, código moral e religioso, Ciência Espírita, a vida futura e reencarnação etc.

Infelizmente, antes que o projeto fosse discutido e aprovado pelo Parlamento Espanhol, um golpe de Estado liderado pelo general Martínez Campos deu fim a Primeira República Espanhola e restabeleceu a monarquia na pessoa de D. Alfonso de Bourbon, filho de Isabel II. Consequentemente, a influência dos espíritas na política espanhola, foi diminuída após este acontecimento.

Mesmo assim o movimento espírita espanhol continuou atuando junto à sociedade, pois foi amplamente conhecida a atuação das sociedades espíritas na criação de escolas de ensino laico, que atendia a uma parcela significativa da população que não contava com políticas públicas de educação ou condições de pagar pelo ensino ministrado em colégios católicos.

Este acontecimento histórico, com todo o seu contexto, é um farto manancial de informações que podem nos inspirar no presente a buscar soluções para o desenvolvimento da Educação Espírita, bem como, estabelecer condições para que o conhecimento espírita cumpra seu papel de renovador social.³

Em 1888 tem lugar Primeiro Congresso Internacional espírita em Barcelona, organizada pelo Centro Barcelonés de Estudios psicológicos. Aonde a atuação Dr. Anastasio García López teve um papel relevante sendo que aderiram

³ *Auto-De-Fé de Barcelona*, de Florentino Barrera - Buenos Aires: Ediciones Vida Infinita, 2008.

ao Congresso sessenta e oito entre os grupos, centros e sociedades peninsulares, seis colonial americano, dez da América espanhola, dois dos Estados Unidos, e seis franceses, quatro belgas, dois italianos, um russo e um romeno. Os jornais espíritas representados que ascenderam a vinte sete.

A sessão preparatória foi em 8 de setembro, às quatro da tarde, sob a presidência do Vizconde de Torres Solanot. Sendo nomeado presidente honorário Fernández Colavida e os futuros trabalhos do Congresso foram organizados. Celebrando três sessões públicas e cinco sessões privadas. As conclusões aprovadas no Congresso são os seguintes:

O primeiro Congresso Internacional Espírita afirma e proclama a existência do Espiritismo, como a ciência abrangente e progressiva. São seus fundamentos: A existência de Deus, mundos habitados incontáveis, a reencarnação nas fases incontáveis na vida de cada ser e a persistência eterna do Espírito, demonstração experimental da sobrevivência da alma humana pela comunicação mediúmica com os Espíritos, recompensas e penalidades como uma consequência natural dos atos, progresso infinito, comunhão universal dos seres, solidariedade.

Em 1892 ocupou o Congresso de Madrid, menos perceptível do que Barcelona. O presidente foi D. Anastasio Garcia Lopez. A sessão preparatória foi realizada em 19 de outubro, a abertura 20 e a outra nos dias 21, 22, 23 e 24.

Foi colaborador incansável do maior periódico espírita da Espanha a *Revista Mensal El Criterio Espiritista* que foi fundada por Alverico Perón.

Fundador em 1893 do *Jornal Fraternidad Universal, La Segunda Epoca de El Criterio Espiritista. Organo Oficial de la Sociedad de Su Nombre. Revista de Estudios Psicologicos* que teve a sua duração até o final de sua vida. Juntamente com a uma Sociedade espírita denominada “La Fraternidad Universal”.

O Dr. Anastasio García López, faleceu no dia 1 de maio de 1897 na cidade de Sevilha, aos setenta e três anos de idade.⁴

⁴ Grupo de Estudos Avançados Espíritas - GEAE (Boletim Quinzenal de Distribuição Eletrônica).

Anastasio García López

Como me tornei espírita

Madri, Outubro de 1882

Quando o meu bom amigo Huelbes⁵ publicou no *El Buen Sentido* um artigo dirigido a explicar como ele chegou a ser espírita, convidando outros a escreverem também sobre sua conversão a essa doutrina, achei que isso era um pensamento aceitável, como todos os seus, e considerei-me obrigado a seguir o seu exemplo, correspondendo assim aos desejos do benemérito adalide da nossa escola, D. José Amigó y Pellicer, a quem faz tempo ofereci enviar esta carta, que redigi com a lembrança das minhas crenças passadas, sendo, portanto, expressão fiel da evolução do meu espírito desde que tenho uso de razão.

Sendo muito criança, com pouco mais de três anos, perdi o meu pai, e a minha educação ficou, por conseguinte, aos exclusivos cuidados da minha virtuosa mãe, que me incutiu tudo aquilo que constitui o dogma da igreja católica romana. Porém, já naquela tenra idade, a minha razão infantil rebelava-se um tanto contra aquilo que me diziam serem mistérios, e eu fazia inúmeras perguntas à minha mãe e a outras pessoas merecedoras do meu respeito, ora sobre o pecado original, ora sobre a confissão e a comunhão, ora sobre a mudança substancial do vinho e da hóstia em carne e sangue de Cristo, e sobre uma porção de assuntos que resistiam-se à minha inteligência, tornando-me, quase sempre, até impertinente; então, era-me imposto silêncio, com a advertência de que todas essas e outras coisas, eu devia acreditar nelas sem jamais me inspirarem dúvidas, porque a fé naquilo que a Igreja ensinava devia ficar por cima do que a minha razão me sugerisse.

De tanto me incutirem essas ideias, cheguei a ser católico, apostólico, romano tão fervente, que teria enfrentado o martírio antes de abjurar das

⁵ Joaquín Huelbes Temprado (1842 - 1916), deputado e ativista espírita espanhol.

minhas crenças, ficando entusiasmado e até invejando a sorte dos santos que tinham dado a vida para defender a religião católica.

Terminada a minha instrução primária e de gramática latina, entrei para o Instituto Provincial de Múrcia em uma época em que o liberalismo já imperava na Espanha, e o professorado naquela cidade era um viveiro de jovens ilustrados que vertiam nos seus alunos ideias inteiramente opostas àquelas que eu recebera na escola e no lar doméstico. Meus estudos de psicologia, com Condillac e outros autores de seu mesmo sistema, que eram aqueles assinalados no texto; as noções que me foram dadas sobre astronomia, ciências naturais e físico-químicas; tudo aquilo que, em uma palavra, formava o conjunto do meu ensino secundário, abriu para mim novos horizontes e o meu espírito entrou em uma fase inteiramente oposta à anterior.

Meu gosto pela leitura fez que eu não ficasse limitado aos livros das matérias acadêmicas, devorando muitos outros com a mesma avidez com que antes lera *O Ano Cristão*, *O Martirólogo*, *O Flos Sanctorum*, *O Evangélico Triunfo* e muitos outros do gênero, que tinham contribuído para fortalecer a minha fé e que depois substituí por *A Moral Universal* e *O Bom-Senso*, do Barão d'Olbach, pelo *A Origem dos Cultos*, de Dupuy, *As Ruínas de Palmira*, de Volvey, e outros análogos. Passei, então, do fanatismo católico ao fanatismo materialista, em cujas últimas crenças afirmei-me mais ainda quando comecei a carreira de médico, cujos estudos, do modo como eram feitos na minha época, conduziam a elas, como ainda hoje conduzem.

Deu-se em mim uma circunstância especial que preparou a minha razão para continuar mais tarde por outra trilha, como foi compatibilizar, com a carreira de medicina, a carreira de ciências filosóficas, sendo o motivo de me interessar pelo que na época era chamado de filosofia alemã; e atravessando pela multidão de dúvidas que sempre assaltavam meu espírito, a derradeira evolução das minhas crenças foi o panteísmo. Nunca fui cético ou eclético, e sentia uma necessidade irresistível de conhecer as causas de todos os fenômenos, tanto de ordem física como de ordem moral; e sendo que desde que a minha razão teve a consistência que lhe é própria, não me era oferecida explicação de todos os problemas da vida, de todos os fenômenos da natureza nem pelo catolicismo romano, nem pelo materialismo, nem pelo panteísmo, fui passando por todas essas doutrinas, as quais eu admitia e rejeitava depois, ficando afinal com a panteísta, como sendo a que deixava menos lacunas para as aspirações da

minha inteligência e da minha consciência. Porém, mesmo assim, o meu espírito não ficava satisfeito por completo, porque ele aspirava sempre a buscar o porquê de todas as coisas.

Na ordem fisiológica, eu conhecia o funcionamento orgânico, mas a histologia e a química também não explicavam o sonambulismo natural ou o provocado, dos quais eu tivera ocasião de observar muitos casos, como também outros de pressentimentos e adivinhações em vários estados patológicos de alguns dos meus pacientes. Também não me era dada explicação pela química orgânica ou pela estrutura dos tecidos, dos estados de letargia prolongados, das mortes aparentes, ou do fato curiosíssimo, que eu tinha lido, de existirem pessoas que por uma educação especial conseguiam adquirir condições fisiológicas para ficarem voluntariamente submersas em uma morte temporal, deixando em suspenso por longo tempo a circulação, a respiração, a nutrição e as secreções, como alguns faquires da Índia fazem. Muitos outros fenômenos de ordem fisiológica e patológica, cuja causa em vão eu pesquisava, eram um incentivo para buscar teorias ou inventar hipóteses que me fornecessem uma explicação para esses fatos.

Na ordem moral, eu buscava também a justificação para tantos acontecimentos, ao parecer anômalos, contraditórios e nada equitativos ou harmônicos. Por que existem seres condenados a viverem na miséria e na ignorância, sendo sua vida um encadeamento de todo gênero de dores e sofrimentos, apesar de observarem uma conduta moderada e de terem condições orgânicas e de espírito para entrarem na participação do bem-estar da humanidade, enquanto existem tantos malvados e tantos imbecis que nascem e vivem no meio da opulência, sendo a sua uma vida de intermináveis prazeres? Por quê existem, ao parecer, tantas injustiças sociais, tantas iniquidades na humanidade, tantas desigualdades entre os homens? Qual é a finalidade dos seres que nascem e morrem sem terem preenchido missão alguma na Terra? Estes e outros muitos eram os problemas eu vinha propondo a mim mesmo, procurando sua razão de ser na hipótese do panteísmo, do ateísmo e do espiritualismo teológico, sem que nenhuma delas deixasse satisfeito o meu entendimento e nem a minha consciência.

Algumas vezes ouvira falar em Espiritismo, porém nada tinha lido ou visto e julgava como absurdo a pouca coisa que eu conhecia dessa doutrina, apesar de já naquela época terem-se me apresentado espontaneamente certos fenômenos insólitos que eu explicava a mim

mesmo como sendo produto de ações de magnetismo biológico, entre eles a perda de um filho meu acontecida quando estava com 12 anos de idade. O primeiro fato foi um pressentimento da sua morte estando ele em perfeita saúde; ao pouco tempo desse pressentimento, ele foi invadido por um tifo, que o arrebatou de mim em poucos dias. O segundo fato foi a aparição desse filho querido, vista por mim na mesma noite do seu falecimento, quando estava às escuras no meu dormitório; ele se apresentava como formado por um gás luminoso, parecido com a luz que um fósforo emite se esfregado entre os dedos quando a gente está no escuro. Esses dois fatos impressionaram fortemente o meu espírito, mas procurei explicação para eles dentro da minha filosofia panteísta e das minhas teorias sobre o magnetismo.

Apesar disso, a dúvida apossava-se do meu espírito sobre esses fenômenos e eu elaborava hipóteses no meu pensamento para buscar explicações que satisfizessem melhor a minha razão, e algumas delas estavam de acordo, como pude ver depois, com a doutrina espírita que eu não conhecia. E tanto isso é verdade, que tendo publicado uma novela, intitulada *A magia do Século XIX*, por encomenda de um editor, sem que eu soubesse ou tivesse conhecimento saiu uma novela que contém a narração de muitos dos fenômenos espíritas explicados conforme essa doutrina.

Quando tive a aparição do meu filho, entrou em mim um grande desejo de comparecer em alguma das reuniões dos espíritas, e averigui que alguns deles se juntavam em casa do então coronel de engenheiros, Sr. Pérez de Rosas. Quis ser apresentado a esse cavalheiro e, obtido seu consentimento para assistir às sessões semanais, compareci à primeira que houve depois da minha visita. Eu não conhecia nenhuma das pessoas que formavam aquela tertúlia, cujas conversas e linguagem eram desconhecidas para mim. Falaram-me das faculdades mediúnicas de vários dentre eles, coisa que de início não compreendi até que fui vendo o que era feito na reunião.

Devo confessar que as minhas primeiras impressões foram desfavoráveis e pensava achar-me em uma reunião de ilusos, carentes de bom-senso. Convidaram-me para perguntar o que quisesse a qualquer um dos médiuns e, estando sentado perto do Sr. Huelbes, ao qual estava vendo pela primeira vez, ele me disse que, se comparecessem à nossa evocação espíritos que inspirassem as respostas para as minhas perguntas, ele as passaria para mim imediatamente.

Evocamos Samuel Hahnemann, e quando o Sr. Huelbes escreveu:

“Aqui está”, comecei a propor uma série de problemas difíceis sobre medicina homeopática; nem bem tinha formulado o primeiro, e o médium já estava começando a escrever com admirável rapidez, preenchendo folhas cuja leitura me surpreendeu pela correção do estilo e pelos conceitos elevados com que resolvia as questões que eu colocava. Entusiasmado com essa experiência, não prestei atenção aos outros fatos da sessão, e para mim era inexplicável a maneira como eram escritos aqueles magníficos artigos que poderiam até serem publicados em um jornal científico, assim de repente e sem qualquer mediação prévia, em meio ao barulho e às conversas existentes na sala, por uma pessoa não versada nas ciências médicas, já que o Sr. Huelbes, mesmo tendo estudado Medicina anos depois, na época era muito jovem e estava cursando Direito na faculdade.

Minha surpresa aumentou quando, terminadas as comunicações sobre questões de homeopatia, evoquei o espírito do meu filho e o Sr. Huelbes disse que estava vendo-o tal como ele era quando vivo; e apesar de não tê-lo conhecido e de eu não ter fornecido a ele nenhum dado, descreveu o menino tal como ele tinha sido, detalhando suas feições, sua cor, a roupa com que foi amortalhado e todas as minúcias necessárias para me convencer de que realmente o Huelbes estava vendo o meu filho. Este, depois, deu-me uma comunicação da nossa vida íntima, empregando o estilo e certas frases, próprias e características dele, em termos tais que, quando Huelbes a leu para mim, acreditei estar ouvindo o meu filho falar. Para que não restasse em mim a menor dúvida, a comunicação era assinada com a inicial E, e o nome do meu filho era Emílio, fato que o Sr. Huelbes ignorava, aliás, como todas as pessoas daquela reunião.

Ao voltar para casa a minha cabeça assemelhava-se a um vulcão. Não consegui dormir em toda aquela noite e na manhã seguinte a minha primeira providência foi ir até a livraria de Bailly-Balliere para comprar todas as obras que houvesse sobre Espiritismo. Abrira-se para mim um novo horizonte, tinha encontrado a chave de todos os problemas que por tantos anos agitavam o meu espírito, buscando a causa e a explicação deles em todas as filosofias, sem que nenhuma delas tivesse jamais deixado satisfeita a minha razão nem a minha consciência. Por alguns meses fiquei entregue totalmente à leitura dos livros de Allan Kardec, assistia as reuniões da casa do Sr. Pérez de Rosas, minha mulher e meus filhos também tornaram-se espíritas, dedicando-nos, em minha casa e com as pessoas da minha família, a ensaiar a produção de fenômenos, obtendo

coisas tão portentosas como nunca depois vi em nenhum círculo dentre os muitos em que compareci.

Dois dos meus sobrinhos aconteceu que também eram médiuns com muitas faculdades, entre outras o sonambulismo lúcido com visão do futuro. Com esses elementos consegui obter, não somente a comprovação experimental da verdade sobre as minhas novas crenças, como também uma extensa propaganda entre os meus parentes e nas minhas relações sociais, colocando, a partir de então, a minha atividade ao serviço da escola espírita, sem receio às censuras ou ao ridículo de que com frequência tenho sido objeto, e muito menos às excomunhões que os bispos de Salamanca e Burgo de Osma fulminaram contra mim por causa de um folheto que publiquei, intitulado *Exposição e Defesa das Verdades do Espiritismo*.

Eis aqui, resumido, como me tornei espírita e o porquê de continuar nessas crenças. Encontrei nelas o conceito que a minha consciência buscava sobre a causa primeira; conheci, até onde é possível à inteligência do homem na Terra, o Deus da ciência, muito diverso do Deus das religiões positivas; o Espiritismo não era mais rejeitado pela minha razão, sendo que, despojado da ontologia com que ele me foi dado a conhecer, estava de posse de meios para demonstrar, prática e experimentalmente, a existência do espírito, a perpetuidade do ser, sua permanente individualidade através de múltiplos organismos e em muitos mundos, constituindo todos os espíritos a humanidade espalhada por todo o Universo e sendo, portanto, cada planeta uma cidade habitada por seres inteligentes e passíveis de aperfeiçoamento. A partir de então, tive a solução de todas as minhas dúvidas passadas, consegui ver resolvidos todos os problemas da vida individual e social, compreendi a evolução como uma lei iniludível e a religião harmonizada com a ciência. Dissiparam-se os fatos sobrenaturais a que tão refratária tinha sido sempre a minha razão e vi que esses fenômenos portentosos, referidos como uma realidade em todas as épocas e em todas as civilizações, eram subordinados a leis naturais até então ainda não conhecidas nem investigadas e que apenas com a doutrina espírita era possível se encontrar para elas uma causalidade e uma razão de existir. Não ficou mais impossível para mim a revelação, pois compreendi a evidência das comunicações entre os vivos e os Espíritos que estão na erraticidade⁶ ou em vida livre e, portanto, a ciência harmonizada com a fé raciocinada

⁶ Erraticidade: período entre as reencarnações.

encontrava um auxiliar nessas revelações para ampliar a esfera dos seus conhecimentos. O Espiritismo fazia-me ver as leis providenciais na criação inteira e no avanço e desenvolvimento da humanidade; compreendi a religião única e universal, sem templos, culto ou sacerdotes, porque seu templo é o espaço infinito e a infinidade de mundos que giram eternamente no imenso pélago da matéria cósmica, cuja essência é a inteligência absoluta e cujo dogma é o trabalho que eleva a alma a Deus, o estudo das leis da natureza, fazendo compreender cada vez melhor a Deus, e a prática da caridade e o amor por todos os seres; e com isso o espírito progride e se aprimora eternamente, desaparecendo esses mitos de inferno e purgatório e da beatitude imóvel das religiões positivas, como tantos outros erros que só têm servido de empecilho para o progresso humano.

É verdade que, apesar desta amplificação da minha razão pelas verdades do Espiritismo, resta ainda uma aspiração em minha alma, que é adentrar problemas que a minha inteligência e consciência me propõem sem encontrar para eles uma solução satisfatória: mas o Espiritismo ensina-me também que não posso, nas condições atuais da minha existência, alcançar essas esferas de conhecimentos que eu desejaria possuir, sendo que até nas minhas dúvidas e ignorância ele me sustenta e encoraja, porque chegará um tempo no qual, pelos sucessivos aprimoramentos que acumularei nas milhares de vidas que viverei em milhares de mundos, a minha inteligência ter-se-á aberto em novas faculdades que ainda não possui e serão mais profundas e extensas as que agora tem, sendo acrescentados em proporção a isso os meus conhecimentos sobre Deus e suas obras, ou seja, sobre a Natureza, e irei satisfazendo esse desejo que possuo de saber sempre mais.

E eis aqui a explicação de como e porquê eu sou espírita.

Publicado na revista *El Buen Sentido*
(Lérida, outubro de 1882)

Prefácio desta segunda edição

Tendo estabelecido de maneira temporária minha residência na cidade de Salamanca, onde o Espiritismo era completamente desconhecido, dei-o a conhecer em um pequeno círculo privado, composto por um pequeno número de pessoas que se propuseram a estudá-lo de boa fé, e alguns outros que compareciam sem outro objetivo além de assistir, como quem vai a passatempos de prestidigitação. Entre estes últimos, havia aqueles que serviam de telégrafo para referir, comentar e ridicularizar junto dos muitos padres e jesuítas do lugar, as nossas experiências e as doutrinas por mim expostas, que alarmaram enormemente as pessoas neocatólicas, a julgar pela virulência dos ataques que descarregaram sobre as minhas ideias e personalidade. Além de alguns artigos de menor importância publicados por um jornal carlista, intitulado *¡España con Honra!*, apareceu no mesmo um folhetim com o epígrafe de *La Cátedra de los Curiosos (A Cátedra dos Curiosos)*, ou *El Diablo Haciendo Comedias (O Diabo Fazendo Comédias)*, assinado sob o pseudônimo de Benito, cujo autor introduziu três personagens para o desenvolvimento do seu argumento, um, chamado Salsete, e que supostamente era assistente às reuniões do círculo espírita, outro, chamado Perico, a quem o primeiro contava tudo aquilo que tinha visto e ouvido, e um terceiro personagem, o padre D. Gerônimo, homem instruído que entra na conversa para explicar aos outros dois as questões de Espiritismo e Magnetismo, do modo que melhor convém à Igreja romana.

Para destruir os erros daquele panfleto-farsa, com o qual estavam muito ufanos as pessoas de sotaina e seus numerosos partidários de Salamanca, publiquei a primeira edição deste opúsculo, que intitulei *Refutação do panfleto “A Cátedra dos Curiosos”* ou *Exposição e Defesa das Verdades Fundamentais do Espiritismo*.

Como sempre acontece em casos semelhantes, o público quis saber da polêmica, eles leram os dois folhetos, e isto serviu como motivo para o Espiritismo ser conhecido até nas aldeias mais insignificantes da província; e

mesmo não tendo a melhor das disposições para aceitar ideias novas e de progresso, por causa da preponderância dos capangas do obscurantismo, muitas verdades foram semeadas, que no tempo propício germinarão, apesar de que durante a minha estadia em Salamanca, trabalhava-se muito nos púlpitos e confessionários para destruir a minha propaganda.

Na minha refutação fiz um fiel resumo do folheto que impugnava, copiando literalmente seus argumentos principais. Tendo-se rapidamente esgotado a primeira edição, e com muitos pedidos de círculos e sociedades espíritas, e também de particulares, resolvi fazer uma segunda, acrescentando uma exposição concisa, para explicar o credo espírita sob os diferentes pontos de religião, ciência e filosofia.

Apesar do tempo transcorrido e da promessa feita, tanto pelo autor anônimo do folheto que combato quanto pelos redatores do jornal onde ele foi publicado, de refutar por sua vez tudo aquilo que eu pudesse expor em defesa do Espiritismo, nada do que escrevi no meu opúsculo foi impugnado ainda. Eles têm medo da discussão, porque dela é que a luz pode jorrar, e sabem que seus erros somente serviriam para deixar mais relevantes as verdades que eu sustentei, e que sempre estou disposto a defender.

Refutação

Do folheto intitulado

"A cátedra dos curiosos",

publicado no

¡España con honra!

É com grande temor que saio para a arena, Benito.

E o caso não é para menos. O panfleto-farsa de vocês, mesmo sendo intitulado como comédia, me deixou acovardado, quando encontrei nele pensadores tão profundos ou tão penetrantes como o seu D. Gerônimo e o seu Perico, e lógicos de tanta sutileza como o seu palhaço Salsete.

Não sei do que me admirar mais nessa obra de três sábios, se da robustez da argumentação, ou do gracejo do estilo. Que conhecimento tão completo do assunto objeto da controvérsia! Que extensão de noções científicas! Que interpretação tão pura e tão santa do Cristianismo! Quanta classe no epigrama! Quanta elegância na frase! Que linguagem tão culta e tão gentil!

Não é de admirar a minha vacilação em me decidir a refutar essa produção ultramontana da fina flor dos ultramontanos de Salamanca.

Porém, como a minha palavra foi empenhada, e como antes de conhecer o panfleto ofereci-me a contestá-lo, não posso prescindir de o fazer, apesar dessas graves dificuldades.

Incentiva-me, no entanto, a convicção que adquiri com a leitura da obra de Benito de que o diabo irá me ajudar, personagem muito instruído nestas coisas de Espiritismo e Magnetismo, aliás, como diz o folheto em questão, ele é quem nos apresenta os estranhos fenômenos que, mais do que impugnar, explicou o panfletista pseudônimo. Sendo familiarizado com o diabo, conversando frequentemente com ele, e tendo sido tão gentil conosco para nos fazer

importantes comunicados, bem a través de mesas girantes, ou de médiuns psicógrafos, ora a favor do sonambulismo, que os curiosos da cátedra viram até a lucidez a enormes distâncias; e sendo um senhor tão poderoso, buscará sustentar sua obra, inspirando-me para que eu possa impugnar aquele folheto.

De não ser assim, é impossível nenhum mortal se atrever a combater essa obra tão aperfeiçoada, tão nutrida de ciência, que irá passar aos séculos vindouros como a produção mais notável do século XIX.

É uma pena não terem feito da mesma uma tiragem de milhões de exemplares, para ela circular profusamente pelos quatro cantos da Terra, pois com essa leitura decerto não restaria um espírita ou um magnetista, nem para remédio!

Ela será transmitida às gerações futuras pela história e, como produção da fina flor dos ultramontanos de Salamanca, irá fazer parte dos catálogos das obras que lidam com queijos e abóboras.

O folheto do Benito é dividido em quatro partes. A primeira é composta de uma longa coleção de frases cultas, escolhidas para cada vez que o autor precisa falar de mim direta ou indiretamente, ou então se referir às minhas palestras entre *os curiosos*. Eis aqui algumas, tiradas daqui e dali, ao acaso; *esse cara, o tolo, ignorante, bruto, monte de podridão, charlatão, etc., etc.* Além de *ateu e materialista raivoso*, qualificação que estende a todos os médicos.

Esta última colocação revela toda a penetração do autor do panfleto e seu conhecimento do *Espiritismo*. A lógica não pode ser mais severa: defendo e espalho a doutrina espírita, doutrina que admite a existência da alma imortal, a vida eterna do espírito, e um Ser que é superior a toda a criação.

Criador de tudo o que existe, dos sóis resplandecentes ao mais insignificante dos asteroides, dos globos colossais que giram no espaço, ao mais diminuto grão de areia, do animal de organização mais complexa ao zoófito, do homem inteligente ao ultramontano; então, sou ateu e materialista. A consequência não pode ser mais lógica; tanto como aquela outra colocada também no panfleto: “quem não é carlista não é católico, então, todos os liberais são ateus”.

As centenas de palavras cultas que ele dedica a mim, mesmo quando o Código Penal tem o mau gosto de qualificá-las de injúrias, são consequência da moral evangélica, do modo como ela é defendida pelos fiéis intérpretes da religião católica, e da qual está empapado o autor do panfleto, e é por essa razão que eu não estou de acordo com as apreciações do Código, porque ainda ninguém viu um olmeiro dando peras, ou um carvalho dando uvas, ou sentimento de justiça nos católicos romanos, nem respeito e amor ao próximo

nas pessoas ultramontanas.

Decerto, se existisse o Santo Tribunal da Inquisição, não estaria livre da fogueira nenhum dos assistentes à *Cátedra dos Curiosos*, nem mesmo aqueles que, faltando à própria dignidade, introduziram-se nela para fazer o nobre papel de espiões e levar notícias do que estava acontecendo com o *diabo fazendo comédias*. O panfletista fez mal em denunciá-los, pois mesmo que suas relações com o jesuitismo e outras confrarias dependentes dessa associação massônica, conjuração permanente para conseguir o poder teocrático universal, impõem a eles a obrigação de serem espiões, com essa denúncia ficam muito mal vistos aqueles que entraram em minha casa, que estava aberta para todos aqueles que pareciam cavalheiros por vestirem terno. A pedido de alguns amigos, fiz o propósito de dar-lhes a conhecer uma doutrina, ao meu ver, civilizadora, que não tinha penetrado nesta cidade, ainda subjugada pelo fanatismo clerical e completamente dominada pelo jesuitismo. Eu queria que eles vissem os fenômenos do Espiritismo e do Magnetismo, com todas as explicações possíveis, incluída aquela dada pela Corte romana sobre a intervenção do diabo, dizendo-lhes qual era a minha, que é a mesma da escola de Allan Kardec, e permitindo que fossem discutidas, expondo todas as dúvidas para poder resolvê-las. E quando, em uma reunião científica formada por homens sérios e honestos, que em vez de passar a noite ao redor de uma mesa de jogo ou em outros passatempos parecidos, reúnem-se para estudar fenômenos que caem no domínio da ciência e que a inteligência humana precisa conhecer, introduz-se nelas alguém na condição de espião, isso é realmente muito pouco honroso para quem faz tal coisa. E visto que houve quem fizesse esse baixíssimo papel, o panfletista não deveria tê-los denunciado, pois apesar de que eles já eram conhecidos por mim, eu teria guardado reserva, compadecido da sua pequenez de alma e do seu obtuso entendimento, e desejando a purificação dos seus sentimentos.

Corresponde também à primeira parte do panfleto a comparação que o autor faz da minha casa com as casas de prostituição, dando preferência e afirmando que é melhor frequentar estas últimas do que as reuniões espíritas. Isso não nos surpreende, e já sabíamos que esses são os passatempos preferidos das pessoas representadas por *¡España com Honra!* E se isso não fosse suficiente, usa o verbo *fornicare* ao menos seis vezes, umas em latim e outras em castelhano, em vários tempos e pessoas. Sem dúvida esta literatura ultramontana é do agrado dos castos ouvidos dos redatores do panfleto e do jornal, e de seus *amadores*.

Nem uma palavra mais dedicarei a essa primeira parte do panfleto,

consagrada à minha personalidade. Apenas acrescentarei que a moral do Espiritismo ditada, é claro, pelo diabo, aconselha não só perdoar aqueles que nos injuriam, como também devolver benesses por ofensas.

Na segunda parte compreenderemos tudo quanto contém de carlista esse panfleto, sua caridade para com aqueles que não pertencem ao partido político do autor, sua argumentação tão vigorosa para demonstrar que os liberais não são católicos e sim ateus, e conseqüentemente, materialistas sem religião, Deus ou lei, hereges que é preciso exterminar até a quinta geração para honra e glória do Senhor, e para contentamento do rei D. Carlos VII, que segundo uma profecia dada a conhecer recentemente, irá reinar quando o pontificado cair, o qual irá levantar na ponta da sua espada.

Não conseguimos entender a razão de incluir esta parte política em um panfleto dedicado a combater o *Espiritismo*, doutrina que é aceita por muitos homens de opiniões carlistas e de todas as nuances monárquicas, como também democratas e republicanos, porque ela não é incompatível com qualquer ideia política. Mas sem dúvida o autor quis provar que, sendo uma doutrina do diabo, não deve ser admitida por aqueles que vivem com os Santos e dos Santos. Para colocar estas ideias em maior destaque, o panfleto inclui uma cena melodramática com a transformação do seu palhaço *Salsete* de republicano para carlista. Lendo essa parte do diálogo, quem não se comoveria e se deixaria arrastar pela lógica persuasiva de *D. Gerônimo*? Confesso que fez em mim tanto efeito, que fiquei converso ao carlismo, e acredito que com todos os republicanos e outros liberais, quando lerem o panfleto, vai acontecer a mesma coisa. Então, se o panfletista Benito não conseguir convencer os *espíritas* de que a doutrina deles é obra do diabo, ao menos vai conseguir engrossar o partido carlista com todos os liberais conversos pelo influxo das suas razões maciças e de peso.

Sendo o nosso objetivo apenas defender o Espiritismo, prescindimos, mesmo com sentimento, de fazer mais comentários sobre a parte política do folheto, deixando como prova da nossa imparcialidade, que ela está à altura do resto da obra, campeando nela uma inteligência aguda ou angulosa, que é a mesma coisa, um caráter varonil ou de macho, e uma intensidade forte como de touro, e desculpe V. S. a maneira de assinalar.

Na terceira e quarta parte do panfleto englobamos tudo aquilo que diz respeito ao Espiritismo e o Magnetismo, e sendo esta a questão que assumi o compromisso de debater, vou analisar a série de provas aduzidas contra essa doutrina ridícula e supersticiosa, anatematizada pela corte romana, amaldiçoada pelo clero católico e principalmente pelos jesuítas, apesar de que eles tentaram provocar com frequência fenômenos espíritas, os quais têm obtido em grande

número, variadíssimos e surpreendentes, sem dúvida porque entre eles está sempre o diabo ou muitos diabos, se eles próprios não o são.

É verdade que na *Cátedra dos curiosos* no início não possuíamos *instrumentos* para fazer aparecer o corpo inteiro de Satanás, e nisso Benito foi bem informado, como também os *cavalheiros* espiões que se fizeram apresentar sob pretexto de desejarem conhecer o Espiritismo. Naquele momento, nada foi visto além do rabo e seu adjacente, e por essa razão acreditaram não ser Satanás em pessoa, e sim algum ultramontano condenado, delegado da S. R. Majestade, pouco versado em achaques de fenômenos espíritas; sendo assim, enquanto permanecemos cercados de espiões apenas obtivemos chicotadas dadas com o rabo e coices, porque o delegado de Satanás, além do rabo, também de vez em quando mostrava a pata. Mais tarde, quando os *Salsetes* não mais frequentavam a cátedra, o diabo se mostrou a nós por completo e vimos até seus chifres.

A primeira questão a ser debatida seria a realidade dos fenômenos espíritas e magnéticos. Se o Benito tivesse negado esses fenômenos, só me restaria prová-los com citações de autores respeitáveis, e se mesmo assim ele não acreditasse, convidá-lo para os presenciar. Porém, Benito confessa pela boca do seu *D. Gerônimo* que “existe um tipo de fenômenos maravilhosos cuja existência não há como negar em modo algum sem passar por verdadeiro tolo, irracional ou incrédulo estúpido, porque foram testemunhados pelos homens mais dignos de confiança que se possa desejar em matéria de fatos, visto que a maioria dessas testemunhas junto com a sua vasta doutrina, possui honestidade e laboriosidade excelente na investigação e exame dos fatos, tendo praticado experiências por si mesmos ou frequentado locais onde tais experiências eram feitas e visto com seus próprios olhos as coisas mais admiráveis, cuja realidade não puderam questionar”. Esta declaração tão explícita é apoiada pelo autor do panfleto nas respeitáveis autoridades dos abades Fiard, Fustier, Wurtz, e na obra de Mirville, como também nos autores da *Civiltà Católica*, no P. Perrone e outros sujeitos nada suspeitos para o panfletista. Para o caso de ele ignorar, esclarecemos que um dos primeiros conhecedores do Espiritismo na Espanha foi o Sr. Arbolí, bispo de Cádiz, que contou sobre os fenômenos a vários sacerdotes instruídos e virtuosos, e depois de comprová-los em sua presença, consultou com o pontífice sobre o que pensar e aconselhar sobre eles. Pela Corte de Roma foi respondido que não havia como negar os fenômenos espíritas, mas que os fiéis deviam ser proibidos de ler livros de Espiritismo e de fazer experiências, explicando a eles que tudo isso era coisa de Satanás. Como aquela declaração não estava de acordo com a consciência do bispo, ele limitou-se a proibir as experiências, sem se opor à leitura de livros.

Partimos, então, da base de que os fenômenos espíritas são verdadeiros, e apesar de estarmos de acordo no fato de que em muitas ocasiões pode existir farsa e charlatanismo, especialmente em mãos daquelas pessoas para as quais o Espiritismo ou Magnetismo é objeto de lucro, ou então exibem os fenômenos em teatros, esse não é o Espiritismo e esse não é o Magnetismo dos quais nós devemos nos ocupar, e sim daqueles fenômenos que são produzidos em reuniões de estudo, entre pessoas que não buscam com isso uma hora de diversão como acontece no caso dos *Salsetes* que foram à *Cátedra dos curiosos* de Salamanca, mas buscam ver os fatos com os próprios olhos, para encontrar depois a explicação mais racional. São, pois, fatos pesquisados e comprovados, e o autor do panfleto afirma, “os movimentos das mesas ou mesinhas de cabeceira e de outros objetos inanimados, que com seus movimentos dão respostas inteligentes que uma mesinha escreve amarrando um lápis a uma de suas pernas e colocando um papel embaixo; que existem pessoas capazes de desenvolver a faculdade mediúnica, chegando a escrever automaticamente, muitas vezes sobre coisas que desconhecem, e que dão respostas a perguntas mentais; e por último, está de acordo também em que é possível produzir em certos sujeitos um estado anormal chamado sonambulismo, no qual, além do sono, a insensibilidade e a catalepsia, oferecem o fenômeno maravilhoso de ler com os olhos vendados, ver os objetos a grandes distâncias, mesmo a muitas léguas do local da experiência, e em ocasiões até predizer acontecimentos do futuro.” O panfletista também não nega as aparições de defuntos, já que as crônicas da Igreja católica estão repletas de relatos de aparecidos que se fizeram visíveis, que deixaram ouvir sua voz e ofereceram outros fenômenos maravilhosos que a Igreja tem qualificado de milagres.

Agora, esses fenômenos estranhos, que vão do movimento das mesas girantes e falantes até as comunicações escritas obtidas pelos *médiuns*, dos fenômenos sonambúlicos com a vista lúcida a distância até as aparições de sujeitos que não estão mais na vida da carne, não podem ter uma causa material, não podem ser o efeito exclusivo da eletricidade acumulada sobre uma mesinha, resultado da aplicação das mãos daqueles que estão realizando a pesquisa, porque nesse caso não existiriam respostas inteligentes; e nem um *médium* poderia escrever sobre coisas que não entende, em ocasiões até em uma língua que desconhece, ou daria respostas adequadas a perguntas dirigidas mentalmente; nem o sonâmbulo veria a enormes distâncias, ou revelaria acontecimentos do futuro, nem contaria sobre comunicações feitas por pessoas que já faleceram, e que muitas vezes nem o sonâmbulo ou o magnetizador conheceram, e nem possuem antecedentes sobre elas.

Existe então, em todos esses fenômenos, uma causa inteligente para a produção dos mesmos, por muito que, para poder realizá-los, seja preciso entrarem em jogo agentes materiais.

Até aqui estamos de acordo, o autor do panfleto e os espíritas; porém, a partir do momento em que buscamos estabelecer qual seja a causa inteligente dos fenômenos espíritas e magnéticos, cada um segue um caminho. Nós dizemos que são as almas dos defuntos, e os católicos romanos afirmam que é o diabo. Além disso, as almas dos defuntos, em deixando o corpo, vão, no dizer do panfleto, ou ao céu ou ao inferno ou ao purgatório, e desses locais não podem sair, sendo portanto impossível para elas se comunicarem conosco. “O *espírito* ou *metaespírito*, corpo de matéria sutil que está sempre acompanhando a alma, segundo os espíritas, e que através do seu fluido consegue se comunicar com a matéria palpável ou com o mundo material, não passa de uma quimera, que ninguém viu nem conseguiu provar sua existência”, como afirma o autor do panfleto. “As almas não podem conhecer nada do que acontece neste mundo sensível, porque após saírem do corpo agem ao modo dos espíritos, e o espírito não pode perceber nada do mundo material a não ser por intermédio dos sentidos corporais. Têm ocorrido aparições algumas vezes, diz o autor do panfleto, de almas que tomaram um corpo aéreo para se fazerem visíveis, mas isto aconteceu por um milagre. O composto chamado homem é um ser mais perfeito do que só a alma, porque pode tudo aquilo que uma alma pode, ou seja entender, raciocinar e querer, e além disso, também pode outras coisas que a alma sozinha não pode fazer, como sentir, vegetar e se locomover; por isso a alma, como diz *D. Gerônimo*, deseja a união com o corpo, e se o espírito existisse, aquela união seria uma coisa accidental, ficando o homem depois da morte tão animal como era antes dela, com as mesmas sensações até mesmo em grau superior. Porém a alma, acrescenta ele, separada do corpo é inferior ao homem, e deseja a união com o corpo porque com ele adquire novas perfeições.”

Não sendo possível, pois, negar os fenômenos espíritas, mas sendo infundada a causa à qual os atribuem os partidários dessa doutrina, um filósofo não deve fazer outra coisa, como aconselha o autor do panfleto, a não ser afirmar que as almas dos defuntos não estão aqui entre nós, e que esses fenômenos são obras do diabo, cujo natalício, biografia, vida e costumes, e outras minúcias desse personagem, nos refere circunstanciadamente o panfletista, como pessoa que o conhece de perto e com ele tem se relacionado com intimidade. Porque, uma das duas: ou esses fenômenos são milagres permitidos por Deus, ou são fenômenos naturais. A primeira não pode ser admitida, porque Deus não há de estar fazendo milagres a toda hora e em todo local onde os *curiosos* desejem

provocar manifestações espíritas, muitas vezes por tolices. Ora, então, são fenômenos naturais produzidos pelo diabo em virtude de um pacto implícito ou explícito feito com os espíritas e magnetizadores, a través do qual ele disponibiliza todo o seu poder, e isso é chamado de magia ou bruxaria, da qual participam os abades Fiard, Fustier, Wurtz, o padre Perrone e os jesuítas de Roma que provocam muitos fenômenos dessa bruxaria.

Essa é, em resumo, a argumentação de fundo contra o Espiritismo, e a mesma que é aplicada contra o Magnetismo pelo autor do panfleto que impugnamos, além de alguma outra argúcia de segunda fila.

Acreditar hoje que existe um ser espiritual que é tão poderoso para a maldade como Deus é para o Bem, é acreditar em uma perversão do bom-senso. Qual o homem de critério médio que aceita esses dois poderes universais, que se falam de potência a potência, e que lembram dogmas de antigas religiões pagãs, admitindo o princípio do Bem e o princípio do Mal? O Sr. não vê, senhor Benito, que se existe esse Satanás tão forte e tão poderoso, que vai por aí contrariando os desígnios de Deus, isso é diminuir o poder do Ser Supremo? Além disso, essa doutrina é ímpia, porque Deus teria sido injusto criando um *Espírito* destinado eternamente ao mal, para sua própria infelicidade e para buscar a desgraça dos homens. E é mais poderoso do que Deus no mundo das almas, visto ser maior o número daqueles que se condenam e seguem Satanás, do que aqueles que são salvos e vão ao céu, conforme o ensinamento da Igreja romana.

É verdade que existem demônios, porém de carne e osso, e “eles são os hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus vingativo, e acreditam agradá-lo cometendo em Seu nome mil abominações, comerciando em Seu nome, vendendo a Sua misericórdia, julgando dispor da soberba e da vingança que atribuem a Ele”. (Obras de Allan Kardec).

“Compreende-se que em épocas de ignorância era preciso materializar muitos conceitos, e que, para as pessoas fazerem uma ideia do que são os maus espíritos, eles eram representados com chifres e cauda, como signos de bestialidade (está entendendo, Benito, o que eu estou falando?); assim como os espíritos bons são representados com asas brancas em sinal de pureza. As palavras de Jesus Cristo onde se apoiam aqueles que admitem a existência de Satanás e dos anjos maus, são figuradas, como tantas outras dele, e como muitos dos textos bíblicos”. (Id. Id.)

Não discutimos seus ensinamentos, mas sim a falsa interpretação que se tem feito deles. A forma alegórica foi característica da palavra de Jesus, porque ele falava de acordo com o tempo e os lugares; e não podendo dizer nada que fosse falso, o qual parece estar em desacordo com a razão, é por isso que ele foi

mal entendido e pior interpretado. É verdade que existem espíritos maus e tentadores para os homens, porém são almas daqueles que já tiveram existência corporal, espíritos imperfeitos que desfrutaram fazendo o mal; mas que irão se aperfeiçoar e modificar suas condições morais.

Como prova de que a linguagem figurada era característica em Jesus, como também em muitos dos profetas e em textos bíblicos, é só lembrar os seis dias da Criação que a ciência já conseguiu demonstrar que foram longas épocas, representando, cada um daqueles dias, milhões de anos; a Terra, tida na Sagrada Escritura como centro do firmamento, é apenas um dos menores planetas pequenos que giram ao redor do Sol; aquela outra parábola “depois destes dias de aflição o Sol escurecerá, a lua perderá seu esplendor, as estrelas cairão do céu e as potências do firmamento serão abatidas, e em verdade vos digo que não passará esta geração sem todas estas coisas acontecerem” é também uma linguagem figurada. A interpretação, pois, que a Igreja deu às palavras de Cristo para sustentar a realidade de um Ser tão poderoso como Satanás, é absurda e contrária ao bom-senso. E para não sermos argumentados de que é preciso acatar os ensinamentos da Igreja docente, mesmo quando parecerem um desatino, dizemos que negamos esse direito. O poder que Cristo delegou em Pedro e seus sucessores não foi para criar uma oligarquia no seio da Sociedade cristã; aquele poder era extensivo a todos os discípulos, a todos os iniciados na nova religião; e todo cristão que bem praticar a moral evangélica, possuirá autoridade para explicá-la e dar seu sentido racional aos conceitos figurados. E ainda se essa Igreja tivesse representado fielmente a vontade do Salvador, então poderia ter o direito de ser respeitada e obedecida; porém a grande maioria daqueles que se atribuíram o direito de serem representantes de Deus na Terra, tendo-se distinguido pela sua ignorância, sua soberba, e seus crimes; tendo manchado cem vezes a cadeira de São Pedro com os homens cruéis, assassinos, libertinos e incestuosos que sentaram nela; tendo transformado a religião do Redentor em uma mercadoria e os templos em bazares, vendendo os sacramentos, as orações, as missas, a indulgência, inventando o purgatório, de onde os seus malandros pretendem tirar as almas dos falecidos conforme ao dinheiro que lhes for entregue para exercer essa indústria, da qual possuem patente de invenção; tendo transformado o confessionário em lugar de seduções, chegando até a ser perigoso para as inocentes jovens que se ajoelham aos pés de homens lúbricos, que respeitam o templo tanto quanto os lupanares, e sendo, além disso, o local de espionagem clerical para estar ao par da vida particular das famílias; e por último, tendo transformado as igrejas em clubes furiosos, e em vez de pregar nos púlpitos a caridade e a fraternidade universal, é

o ódio que é fomentado, a vingança, o extermínio daqueles que não têm as mesmas opiniões dessa oligarquia teocrática, com seu comportamento deram espaço para a rebelião dos povos para reivindicar seus direitos, para dar fim a tanta iniquidade, para destruir essa sociedade organizada dentro da sociedade cristã, para acabar com esses usurpadores que se dizem ministros do Senhor e que tanto têm ultrajado a religião do Crucificado, para devolver ao Cristianismo toda a sua pureza e o prestígio que eles tiraram, para que ela seja verdadeiramente católica, universal, absorvente pelo amor, pela caridade, porque eles não são católicos, nem podem sê-lo aqueles que dizem “fora da minha Igreja não há salvação”; para que os homens falem diretamente com Deus sem a necessidade de representantes.

Por isso o Espiritismo veio, ao lado da democracia, para derrubar todas as tiranias, para acabar com todos os carrascos, para concluir com todos os déspotas, já usem coroa ou tiara, para fundar o reinado da justiça, da igualdade, da fraternidade, do direito, da religião universal. O Cristianismo será afeiçoado, porém a Igreja romana cairá, e sua vida será muito breve, apesar de ela procurar se galvanizar com o concílio ecumênico. Mas quando a podridão toma conta de um cadáver, o galvanismo não tem mais o poder de produzir movimentos em seus músculos.

Não aceitamos as interpretações absurdas que a Igreja romana faz dos textos bíblicos e das palavras de Jesus, e acreditamos, no que tange à existência dos demônios, que eles são almas dos mortos, pertencentes a homens que não praticaram a virtude e que no estado de erraticidade onde estão, ainda persistem na tendência ao mal; mas que afinal irão chegar ao conhecimento de que não podem usufruir as alegrias de seguir pelo caminho do progresso da vida espiritual. Esses espíritos imperfeitos, que por um tempo mais ou menos longo podem ser tomados por diabos, e entre os quais existem muitíssimos padres e frades, muitos reis, cortesãos e aristocratas, muitos generais e todos os déspotas e exploradores dos homens, puderam ter existido ainda antes da formação da Terra e da criação do homem em nosso planeta, porque milhões de séculos antes de que o nosso globo tivesse condições de habitabilidade, já existiam infinitos mundos habitados por seres inteligentes, que fazem parte da humanidade universal, espalhada pelas miríades de estrelas, que são outros tantos mundos habitados. Então, quando surgisse o homem da Terra, já existiriam inúmeros espíritos que teriam feito sua vida de provas para atingir a perfeição, enquanto outros ainda estariam muito atrasados no caminho do progresso. O Espiritismo admite, então, Anjos e Demônios, ou melhor, espíritos já aperfeiçoados e espíritos atrasados; mas não no sentido em que são admitidos pela Igreja

romana, como seres criados para serem permanentemente felizes ou infelizes a partir do mesmo instante da sua criação, sem mérito ou demérito algum, o qual, como foi dito, argumenta contra a justiça de Deus.

Não sendo, pois, Satanás outra coisa além de um mito, cai pela base toda a argumentação do panfletista que atribui a este senhor, amigo seu, a produção dos fenômenos espíritas e magnetistas. Essa sim, é doutrina supersticiosa e ridícula até de sobra, muito boa para assustar crianças arteiras, mas que nem aqueles que a propagam acreditam nela, mesmo aparentando o contrário só porque é conveniente para eles.

E, Sr. Benito, o Sr. sabe, se é mesmo diabo quem se apresenta em todo fenômeno maravilhoso, desses que agora estão na moda, como é grande o trabalho que ele tem, com tantas sociedades e círculos espíritas existentes no mundo? Com certeza ele deve se ver em apuros para comparecer em tantos lugares ao mesmo tempo, aqui deslocando mesas, acolá movendo as mãos daqueles que escrevem, dando sonhos aos magnetizados, elevando espíritos pelos ares para lhes mostrar os mais belos panoramas; e além disso, deve ser muito instruído, porque responde questões difíceis de ciências naturais, de ciências filosóficas, de matemática, de história, etc., etc. Se é mesmo Satanás quem faz tudo isso, convenhamos em que ele melhorou de comportamento e não é mais tão mau como está sendo pintado; é muito melhor do que o Sr., senhor Benito, e melhor do que muitos dos padres que o senhor conhece, porque em todas as comunicações obtidas nos círculos espíritas ele já está aconselhando a prática das virtudes, e muito em especial a caridade, que abrange todas elas. Observa-se também que quanto maior a formalidade nas reuniões, quanto melhores forem os hábitos dos assistentes, e quanto maior o fervor religioso deles, maiores probabilidades existem de se obterem fenômenos espíritas. Além disso, é prática comum, ao evocar um espírito, suplicar a Deus que dê sua permissão, e nas sociedades espíritas é comum também dirigir alguma prece ao Ser Supremo, suplicando a Ele humildemente afaste os espíritos imperfeitos para eles não influenciarem as comunicações ou conselhos que serão pedidos, e que sempre devem ter um objeto de aperfeiçoamento moral daqueles que os pedem; e é justamente quando assim se procede que os melhores fenômenos são obtidos; porque quando nas reuniões há ateus, homens incrédulos em tudo, de duvidosas virtudes, ou então de caráter leviano que tomam o Espiritismo como diversão; ou há distrações entre os assistentes e eles pensam pouco em Deus, quando, em uma palavra, *existem Salsetes*, nesse caso, ou não se obtêm fenômenos, ou eles são insignificantes e muitas vezes até inconvenientes, e apenas se consegue obter comunicações estúpidas, insulsas ou grosseiras.

De tudo isso deduzimos que o diabo tem se civilizado e convertido à virtude, que não se assusta mais ao ouvir o nome de Deus nem se irrita por isso, muito pelo contrário, invocando a Deus é como ele se apresenta melhor para realizar suas habilidades e seus jogos de prestidigitação, que dá bons conselhos, repletos de moralidade e unção evangélica, se isso for pedido a ele e for desejado com fervor religioso. Observe o Sr. o quanto pode a civilização; até Satanás tem evoluído e já é melhor do que os neocatólicos e do que todos os *escrevedores do ;Espanña com Honra!*

Vamos, Sr. Benito, o senhor acredita mesmo que o demônio é quem produz todos os fenômenos maravilhosos do Espiritismo e do Magnetismo, e diz de verdade que existe esse deus das trevas e da maldade? Se for assim, parece que o senhor tem muito pouco na cabeça e engole qualquer coisa. Isso mesmo é o que o vulgo ignorante diz, em presença de fenômenos dos quais não consegue adivinhar a causa. Quando esse vulgo viu pela primeira vez uma locomotiva, disse que era coisa do diabo, e ainda existem pessoas simples que pensam isso; quando viu transmitir um recado por um arame a centenas de léguas e em poucos segundos, pensou muito seriamente que só Satanás poderia fazer uma coisa assim; é verdade que um Papa também pensou assim e anatematizou os telégrafos; quando esse vulgo vê jogos de prestidigitação ou de física recreativa, também atribui ao diabo todos esses fenômenos. E desse jeito, senhor Benito, o Sr. está ao mesmo nível desse vulgo ignorante, e sinto muito pelo senhor, porque antes de escrever esse panfleto o senhor era tido por pessoa de sofrível critério e instrução média, mas agora o senhor vai ficar desabonado com essa sua tolice. Observe o quanto a ciência poderia avançar e quanto progresso a humanidade conseguiria, se sempre que fosse apresentado um fenômeno novo, desses que marcam uma etapa no avanço dos povos, os sábios encolhessem os ombros, e em vez de observar os fatos e procurar a razão científica dos mesmos, tivessem se contentado com dizer que *isso é coisa do diabo* e não devemos estudá-lo. Então, senhor Benito, fique o Sr. com os demônios, que nós os espíritas vamos com a ciência.

E visto que Satanás carrega o Sr., vamos acompanhá-lo um pouco para visitar a casa dele, lugar fechado e circunscrito, situado no mais profundo, onde existem tantas almas que não têm corpo, nervos ou carnes, e nem mesmo *perispírito*, e que muito embora isso, são cozinhadas em caldeirões com piche fervente, são assadas em grelhas, adubadas com enxofre derretido, e belamente trinchadas, atravessando suas entranhas com aqueles longos tridentes de ferro em brasa. Sr. Benito, o senhor sabe que tudo isso envolve muita poesia, só que poesia de broxa grossa? É até onde pode ser levada a fábula. Nem as descrições

do inferno feitas por Homero e Vergílio, por Dante, Tasso e Milton igualam a fábula da Igreja romana.

Temos aqui aquela mesma questão do diabo. A Igreja tem dado sempre as piores interpretações, as mais contrárias à razão e ao bom-senso, a todos os textos sagrados. “É preciso não se representar a outra vida cheia de suplícios arbitrários cujo objetivo parece ser, mais do que expiação, vingança. A eficácia das punições consiste em tornar a alma para a saúde, levantá-la de suas quedas, e revesti-la com novas forças para caminhar com passo mais firme pelos caminhos onde se perdeu. A justiça de Deus, assim, fica em harmonia com sua sabedoria e sua misericórdia, ou seja, com a razão e o amor considerados em sua essência eterna.” Eis umas palavras que vêm muito ao caso, e que fomos tomar de Chateaubriand, de quem imagino o Sr. não receia, senhor Benito.

Em primeiro lugar, no universo não existe lá em cima ou lá em baixo, e não se deve dizer, a não ser de modo figurado, que os céus estão lá no alto e o inferno lá em baixo.

Em segundo lugar, também é linguagem metafórica imaginar esses locais como sendo fechados e circunscritos. E além disso, as punições e os gozos da alma não podem ser materiais, porque a alma não é matéria. Se fosse pretendido dar, com essa linguagem e essas comparações com os tormentos do fogo, uma ideia dos grandes sofrimentos do espírito após a separação do corpo, seria uma maneira bem tosca de se dar a compreender o estado moral das almas que não cumpriram a lei divina, e mesmo assim, não seria suficiente para contar sobre o que devem ser essas penas da consciência; mas querer sustentar a realidade desses tormentos materiais, desses caldeirões de piche, e de enxofre e chumbo derretidos, é uma solene bobagem, senhor Benito; e vou dizer-lhe aquilo que dizia um dos filósofos que a Corte romana excomunga: “se eu visse dois padres que, falando a sós não dão risada dessas coisas, então eu iria acreditar nelas”.

A inteligência e a matéria seguem o impulso das leis que as regem. Do mesmo modo que à glotonaria e à intemperança seguem as indigestões e as doenças, assim à ignorância, aos vícios, à falta de caridade, ao não ter cultivado o bem, isto é, o espírito, pela instrução e a virtude, seguem os sofrimentos da consciência e as penas da alma quando já se separou do corpo, porque os efeitos da instrução e da virtude não são para o corpo, mas para a alma, que continua na posse daquilo que adquiriu na vida corpórea.

A alma é suscetível de aperfeiçoamento e Deus não vai negar a ela, enquanto não estiver reduzida ao nada, a realização plena das faculdades com que a favoreceu para ela adquirir sua perfeição. Porém a Igreja romana formou para si um Deus ao seu modo, atribuindo a Ele todas as paixões dos homens e

acreditou que o natural em Deus era castigar o homem mau eternamente. A razão não permite hoje ao homem raciocinar tão torpemente e com essa impiedade; e as palavras de Jesus Cristo têm sido mal interpretadas. O que se deduz delas e de toda a sua doutrina, é que o homem que apela a Deus é perdoado, porque por grande que fosse o seu crime, maior é o perdão. Aquele que se opõe pertinazmente à lei de Deus, estará na situação da sua pertinácia; mas quando ele apelar a Deus, Deus o perdoará. Deus perdoa a alma, não o corpo; então, quando a alma apelar a Deus, quer seja enquanto ainda está unida ao corpo ou quando já estiver separada, Deus não irá desampará-la. Quando a morte chega, a alma é a mesma de antes, só que está faltando o instrumento de suas manifestações materiais. O homem morre, a alma continua. A pertinácia a que se referem as palavras de Jesus Cristo, são referidas então à alma. Acreditar que Deus fosse misericordioso com a alma apenas por um período de trinta, quarenta ou cem anos, é um absurdo e uma impiedade. O que significa a vida do homem se comparada com a eternidade? É menos do que um momento na vida. O que iriam dizer do homem que não perdoa a quem lhe pedisse perdão pelas ofensas que lhe tivesse feito? O que iríamos dizer de Deus, se Ele fosse tão cruel e vingativo como é pintado pela Igreja romana?

Os sofrimentos do Espírito em seu estado livre não podem ser arbitrários, nem Deus pode ficar se ocupando, como um juiz da Terra, de tudo aquilo que cada um fez de bom ou de mau; eles estão sujeitos a leis fixas e invariáveis, e consistem nos remorsos da consciência pelo mal que se fez e pelo bem que se deixou de fazer, no desespero que se apossa da alma ao se reconhecer infeliz quando ve que não atingiu a felicidade moral, a paz, os gozos daqueles que foram bons; e irão durar o tempo necessário para a expiação dos crimes e para andar de novo o caminho em melhores passos. A alegoria de um inferno de fogo nada mais é do que um modo de falar para exprimir por comparação a intensidade desses sofrimentos, por ser o fogo, ou assim acreditarem os homens, o mais cruel tipo de suplício. Se existissem espíritos eternamente maus, suas punições seriam eternas; porém Deus não criou almas destinadas permanentemente ao mal, sendo que todas são perfectíveis, com sujeição ao seu livre-arbítrio, e portanto devem se aprimorar mais ou menos depressa, conforme à sua vontade. Essa vontade poderá ser tardia, porém mais cedo ou mais tarde a lei que rege o mundo espiritual será cumprida.

Por tudo que deixamos dito, é possível se deduzir como é absurdo e monstruoso as penas eternas serem admitidas, como também serem consideradas de uma maneira material. Como a Igreja romana tem o costume de queimar homens em vida, desejou continuar torrando-os após a morte; e como

os caracteres de seu temperamento são a crueldade, a ira e a vingança, quer que Deus possua também esses atributos. Que os povos em épocas de ignorância tenham atribuído ao Ser Supremo as mesmas paixões dos homens, pode ser desculpável; porém em pleno século XIX, e na sociedade cristã cujo Deus é todo amor, caridade, misericórdia, que dá a todos o esquecimento e o perdão das ofensas, esse é um pensamento blasfemo para com a justiça e a bondade divina.

Como Deus não teria as qualidades que Ele exige às suas criaturas? Existe uma notável contradição entre a bondade infinita e a vingança infinita. Essa doutrina da eternidade das penas tem sido em todos os tempos uma fonte fecunda de incredulidade, de ateísmo ou de indiferença, pois a partir do momento em que o Espírito começa a abrir sua razão, rejeita essa monstruosa injustiça de castigar eternamente e a tormentos terríveis aqueles que se afastaram do objeto da criação, envolvendo na mesma dúvida e na mesma incredulidade as penas eternas e o Deus a quem elas são atribuídas.

Nem os concílios, nem os Padres da Igreja, atreveram-se jamais a pronunciarem-se seriamente sobre esta grave questão, e os teólogos mais ilustrados opinam que a palavra *eterno* é figurada, tomada no sentido que ela vulgarmente tem quando se quer exprimir uma longa duração cujo final não se prevê, e que não quer dizer que as punições sejam penas perpétuas até o infinito. O castigo, como já foi dito, é o sofrimento do Espírito pelos seus extravios, é a dor moral, necessária para conhecer as consequências dos crimes e aprender por experiência própria a obediência às leis do mundo da inteligência; é o estímulo que faz a alma se movimentar pelas amarguras que sofre ao se recolher sobre si mesma, e voltar ao caminho da salvação.

Sustentar a eternidade dos castigos por crimes que não são eternos, visto que as almas, mais cedo ou mais tarde, irão se arrepender e desejarão seguir outra via diferente, é negar a razão de ser desses castigos. Com essa mitologia pagã, Roma fez mais incrédulos do que todos os livros que ela anatematiza como heréticos. Com a pena relativa e temporal tudo fica justificado e desaparece essa monstruosidade de um Deus vingativo e implacável. Nesta questão, como em muitas outras, ou a Igreja modifica a interpretação de seus dogmas conforme a ilustração que os tempos trouxeram para que sejam cumpridos os desígnios providenciais, ou então esses dogmas irão perecer entre suas próprias mãos.

Assim como é uma lei do mundo dos Espíritos a necessidade do sofrimento moral quando não cumpriram corretamente sua missão na Terra, do mesmo modo e maneira desenvolve-se o gozo da consciência, essas satisfações indefiníveis que obtêm aqueles outros que se aprimoraram pela virtude e a sabedoria. Os Espíritos que a si próprios cultivaram nesse sentido compreendem

mais profundamente a criação, e portanto conhecem Deus muito melhor do que os outros: já não são mais suscetíveis de ódios, de invejas, de vinganças ou de quaisquer outras baixas paixões. Unidos entre si e com seu Criador pelos laços do amor, gozam da felicidade suprema; são felizes pelo bem que fizeram, e estas recompensas são também proporcionais ao grau de perfeição que cada um atinge; e como a evolução é uma lei geral para tudo aquilo que foi criado, e os espíritos aspiram a um estado cada vez melhor, continuam realizando novos aprimoramentos para se aproximarem mais de Deus, que vão conhecendo e compreendendo mais e mais em suas obras. Para adquirir esses aprimoramentos a alma tem o universo inteiro, e o tempo para essa realização é a eternidade; porém, por mais que se aperfeiçoar e se aproximar de Deus, ela sempre guardará a distância que vai da perfeição relativa até a perfeição absoluta. O céu e os deleites que nele se desfrutam não devem ser considerados como um quietismo da alma dentro de um lugar circunscrito. Considerar isso seria plagiar os Campos Elíseos dos antigos; e mesmo quando em sentido poético poderiam ser permitidas as alegorias que a Igreja usa para descrevê-lo, no sentido reto e filosófico não é possível se entender por céu um local fechado destinado às almas aperfeiçoadas, pois o céu é o espaço universal, os planetas, todos os mundos, enfim, porque em qualquer parte estaremos perto de Deus se fizermos méritos para compreendê-lo. Ou será que Deus ocupa um lugar determinado no universo e fica mais afastado de certos locais do que de outros? Não existem, então, locais determinados para as penas ou para as recompensas, cada alma carrega em sua própria consciência, em virtude de uma lei ineludível do espírito, seu inferno ou sua glória, sofrimentos ou alegrias, tormentos ou gozos; porém como as almas foram criadas, absolutamente todas, para a perfeição, não existe razão alguma que a faça se eternizar no mal e todas irão chegar, umas antes do que outras, conforme o uso que fizerem do seu livre-arbítrio, à realização do seu destino providencial. Esse tempo de tormentos durante o qual a alma conhece que teria sido melhor fazer o bem, com o propósito de se reabilitar e satisfazer o mal que fez, assim como a realização desses propósitos, é em realidade o purgatório; mas não entendido como a Igreja quer que o vulgo ignorante acredite que ele é, um lugar também de tormentos físicos, onde as almas são queimadas com fogo material, e de onde saem com orações compradas nos bazares do clero romano. As observações que fizemos acima também poder ser aplicadas aqui. O *purgatório* não é um lugar onde os Espíritos vão, mas um estado no qual eles sofrem as consequências das suas infrações contra a lei moral, como aquelas que o corpo sofre quando despreza os preceitos da higiene; e, assim como para recuperar a saúde o corpo

precisa abandonar seus maus hábitos e voltar à observância das regras higiênicas, assim também a alma precisa se arrepender de seus extravios e subordinar seus novos atos às leis eternas do espírito. A alma é sempre a mesma, no corpo carnal ou fora dele, sempre possui suas faculdades essenciais, sua consciência, seu livre-arbítrio e sua atividade, e em qualquer tempo e em qualquer estado, Deus permite a ela exercitá-las para seu aprimoramento, reabilitando-se no espaço, reabilitando-se em novas existências e em qualquer mundo dos infinitos que estão habitados pela humanidade única e universal.

Então, Sr. Benito, o senhor já pode ver que não existe esse Satanás do qual o senhor nos fala, nem esses lugares fechados onde o senhor diz que irão as almas sem poderem mais sair. Então, a causa dos fenômenos espíritas, que o Sr. não nega, não é a intervenção de um Ser quimérico: e sendo a causa deles uma causa inteligente, não há outra explicação, ou são as almas dos finados ou é a intervenção direta de Deus. Esta última não é admissível, o Sr. já disse e eu não nego, pois Deus não vai ficar se ocupando em nos ajudar a deslocar mesas, fazer escrever os médiuns e permitindo a lucidez do sonâmbulo. Além de que em tudo intervém a Causa primeira, todos os fenômenos realizados no Universo possuem certas leis às quais estão subordinados, e os fenômenos espíritas não fazem a exceção desta regra. A partir do momento em que se faz perceber o absurdo da intervenção desse ser mitológico chamado de Satanás, devemos acreditar que as comunicações obtidas no Espiritismo são uma revelação, e quando nelas apresentam-se verdades que a inteligência humana não teria como descobrir de outro modo, é preciso dar a essas verdades todo seu valor, tanto mais quanto que elas estão de acordo com a razão e com a consciência, e vão dirigidas ao aprimoramento moral dos indivíduos e das sociedades.

Mesmo quando em todos os tempos e desde as épocas mais remotas os fenômenos espíritas têm sido observados, nunca foram com tanta abundância como na época presente, nem foram estudados tão demoradamente como agora, nem a razão do homem possuía a cultura que hoje possui para compreendê-los.

Quando focamos neles a observação até o ponto de terem merecido a atenção de Corporações sábias, buscando a sua razão de ser, quer na eletricidade acumulada, em leis da organização e, os fanáticos, no diabo, chegou-se à dedução de que, visto obterem-se respostas inteligentes, a causa devia ser inteligente, e não podendo ser atribuída à inteligência das pessoas que provocavam o fenômeno, porque as circunstâncias dessas pessoas afastavam essa explicação, foi interrogada essa causa invisível, para que explicasse por quem e como eram produzidos esses maravilhosos fenômenos. A resposta foi que eram as almas dos finados, muitas das quais podiam se comunicar com os vivos. A partir de então,

começou uma série de revelações feitas a homens de alta capacidade e a Sociedades de estudos, que por toda a parte foram organizadas para recolher essa nova doutrina que traz um ensinamento científico e religioso. Por esse meio soube-se que o Espiritismo é a amplificação do Cristianismo, a realização de antigas profecias e que ele chegou para cumprir uma nova era na humanidade, na qual será aplicada, na Terra toda, a lei divina resumida nesta fórmula “*amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a ti mesmo*”. Essa lei não foi feita para um só povo, nem para uma só raça, nem para uma só religião, mas para a humanidade inteira. Jesus Cristo teve a missão de aperfeiçoar a lei de Moisés, não de destruí-la, Ele ensinou que a verdadeira vida não está na Terra, mas nos céus. Porém, assim como Moisés, não obstante ter recebido a verdade revelada, acomodou sua palavra e estabeleceu práticas religiosas conforme ao estado de ignorância do povo que ele dirigia, do mesmo modo Jesus empregou uma linguagem que pudessem compreender os homens da sua época, limitando-se em muitas coisas, a semear germes de verdades, que Ele mesmo declarou a seus discípulos não se acharem em estado de compreendê-las. Para entender seu verdadeiro sentido era necessário que o código de acesso fosse dado por novas ideias e novos conhecimentos com um grau mais adiantado de maturidade no espírito humano, sendo então que era preciso esperar o progresso da ciência.

A religião e a ciência, diz Allan Kardec, em seu livro intitulado *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, são as duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo moral, e a outra descobre as leis do mundo material; porém umas e outras possuem o mesmo princípio, que é Deus, e por isso não podem contradizerem-se umas às outras. Quando uma delas aparecer como negação da outra, ou é a religião que está errada ou a é ciência que está. Porém, esse antagonismo que se julgou ver nelas provém da falta de observação e do exclusivismo com que são estudadas duas ordens de ideias; daí nasceu um conflito que está gerando a incredulidade em uma das partes e a intolerância na outra. Os tempos são chegados para que os ensinamentos de Cristo recebam seu complemento, para a ciência deixar de ser exclusivamente materialista aceitando o elemento espiritual, e, por sua vez, a religião deixar de rejeitar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, e assim, apoiadas uma na outra, a religião não precisará mais ser desmentida a cada passo. Até hoje elas não conseguiram se entender, indo cada uma pelo seu lado e se rejeitando. Era preciso preencher o vazio que as separa, buscar o laço que possa uni-las bem fortemente, e esse laço é o conhecimento das leis que regem o mundo invisível e suas relações com o mundo visível, leis tão imutáveis como aquelas que regulam o movimento dos astros e a existência dos seres. Demonstradas pela experiência tais relações, a fé

deixa de ser cega e direciona-se para a razão, que nada encontra de ilógico na fé, e o materialismo fica então vencido. Neste momento está a se operar uma revolução moral que trabalha todos os espíritos e após dezoito séculos em elaboração, está na hora de chegar a termo, marcando uma nova era para a humanidade. É fácil de se prever suas consequências nas realizações sociais, e quem se opuser a elas não terá sucesso, porque são os desígnios de Deus como uma evolução da lei do progresso. O Espiritismo é essa ciência nova que vem revelar aos homens com provas irrecusáveis a existência e a natureza do mundo invisível e suas relações com o mundo visível, que se manifesta para nós não como uma coisa sobrenatural, mas como uma das forças vivas e incessantemente ativas da natureza, como a fonte de multidão de fenômenos que não eram compreendidos e por essa razão ficavam relegados aos domínios do fantástico. A essas relações é que aludia Jesus em muitas das suas passagens, que ficaram ininteligíveis e foram falsamente interpretadas. A lei do Antigo Testamento foi personificada em Moisés; a lei do *Novo Testamento*, em Jesus Cristo; e o *Espiritismo* é a terceira revelação, não mais personificada em um indivíduo, mas assinalada pelos *Espíritos* em todos os pontos da Terra através de um grande número de intermediários, que chegam a constituir, até certo ponto, um ser coletivo, abrangendo o conjunto de seres do mundo invisível que comparecem para fornecer suas luzes aos homens, para que eles possam conhecer esse mundo e a sorte que os aguarda nele.

O Espiritismo é de ordem divina, e estava anunciado pelo mesmo Jesus Cristo, como pressentiram muitos gênios em todas as épocas, entre eles Sto. Agostinho, que em suas *Confissões* e por motivo da morte de sua mãe, dizia o seguinte: “estou convencido de que minha mãe voltará para me visitar e me aconselhar, revelando-me aquilo que nos espera na vida futura”.

Não vou entrar, senhor Benito, nas menções que eu poderia fazer provando para o Sr. que o surgimento do Espiritismo e as inúmeras verdades que ele veio revelar já estavam contidas com antecipação na doutrina de Jesus, que a Igreja romana não soube compreender nem interpretar. Como nem o Sr. e nem o seu sabe tudo D. Gerônimo tocaram nesse assunto, não preciso me ocupar dele, e recomendo a obra acima mencionada, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, como também *A Gênese Segundo o Espiritismo*, do mesmo autor, e nelas poderá ver que nessa doutrina ridícula e supersticiosa, como o Sr. a supõe, o menos importante são esses fenômenos físicos que o seu *Salsete* tem lhe contado, porque o essencial é a nova filosofia espiritualista que contém, onde estão resolvidas as mais árduas questões que até agora estavam sem solução, apesar dos gigantescos esforços dos mais sábios psicólogos, opondo um dique ao

panteísmo e ao materialismo que estavam se apoderando da consciência humana, por causa da insuficiência das soluções de espiritualismo anteriores àquelas formuladas pela filosofia espírita. Além disso, ela traz uma nova Ciência do Espírito, pela qual são explicados também inúmeros fenômenos de ordem orgânica e inorgânica, que não tinham explicação possível a não ser com hipóteses mais aparentes do que sólidas. E, por último, funda uma nova religião, aliás, eu disse errado, ele expõe o Cristianismo em toda sua pureza primitiva, removendo todas as falsas interpretações que dele têm feito tanto a Igreja romana quanto as dissidentes, e dá seu genuíno significado a pontos que não foram bem compreendidos porque não era o tempo de o serem. Esse é o Espiritismo, senhores atores da farsa do Benito; e agora iremos nos ocupar desse *perispírito*, dessa casca ou pericárdio que tem dado tanto o que fazer aos senhores, e que tanto lhes tem feito rir. Presumo, porém, que não irão compreender coisa alguma do que tenho para lhes dizer sobre este particular, visto que no seu panfleto não deram lá muitas provas de estarem à altura da ciência moderna, especialmente da *Astronomia transcendental* como da ciência do *Ser*, tão necessárias para o raciocínio estar preparado a receber certas verdades do *Espiritismo*.

Em primeiro lugar, sendo verdadeiro o fato da provocação de movimentos em objetos inanimados, e que respostas escritas são obtidas quando a esses objetos é atrelado um lápis na condição de poder traçar caracteres, e que também são conseguidas comunicações surpreendentes por intermédio de pessoas que possuem a faculdade mediúnica, as quais escrevem automaticamente sobre assuntos que são para elas desconhecidos; e visto estarmos de acordo em que esses fenômenos são produto de uma causa inteligente, repetidamente tem-se perguntado, em todos os países e em todos os círculos onde o Espiritismo é estudado, sobre a causa que movimentava os objetos e que fazia os médiuns escreverem. Temos demonstrado que não é o diabo, nem este personagem é outra coisa além de um mito.

É preciso, então, receber as comunicações que se obtêm como o produto de uma inteligência que não é a nossa e que está fora de nós; são por tanto, uma revelação, e em virtude disso, a demonstração das verdades que assim são adquiridas, consiste na efetividade dos fenômenos e no convencimento de que a causa deles é inteligente e não está em nós. Desse modo, o Espiritismo veio completar as ciências biológicas e psíquicas, dando solução a inúmeras questões que estavam sem resolver, e assim é como foi entendido que o Espírito tem sempre à disposição uma matéria fluídica, através da qual ele entra em comunicação com a matéria ponderável. Dizer que o perispírito é uma quimera

só porque não podemos vê-lo ou tocá-lo não é em realidade um argumento sério. Também a alma não impressiona os sentidos, e acreditamos na existência dela como acreditamos na existência de Deus, mesmo não sendo seres visíveis ou palpáveis. A noção do perispírito, pressentida em todas as épocas por alguns grandes pensadores, como já pulsaram na consciência da humanidade tantas outras que mais tarde foram completamente desenvolvidas, é uma noção revelada; e a partir do momento em que possuímos a evidência de que as comunicações são o produto de uma causa inteligente estranha a nós mesmos, não temos como não acreditar na verdade daquilo que nos é comunicado, e mais ainda porque essas noções assim adquiridas abrem um vasto horizonte para a razão, e com elas será possível ampliar notavelmente a esfera da ciência.

Aqueles que acompanham os processos intelectuais, que nada são além de manifestações do *Ser absoluto*, apesar dos anátemas da Corte de Roma que amaldiçoa a razão humana, faísca divina que Deus colocou no espírito do homem para que ele O estudasse e O compreendesse em Suas obras, aqueles que acompanham, repito, a evolução da ciência sabem que todos os corpos grandes e pequenos são apenas a metamorfose da matéria elemental primitiva, denominada *coética*, *cósmica* ou *fluido cósmico universal*, que nesse último estado é imponderável. Cada um desses estados da matéria possui seus fenômenos especiais: no estado ponderável eles são materiais ou físicos; no estado de eterização, eles são mais ligados com a vida do espírito; e o homem em estado de encarnação não pode ter percepção além dos fenômenos físicos, visto que aqueles que são do domínio da vida espiritual escapam aos sentidos materiais. Assim como na forma ponderável da matéria existem inúmeros graus, também na forma etérea existe uma série que a aproxima ou a afasta da sua pureza absoluta ou da sua primeira modificação ponderável; e daí a existência de vários fluidos, por mais que todos eles sejam modificações de um só. E do mesmo modo que os meios materiais servem para a vida corpórea, esses meios fluídicos servem para a vida espiritual.

A revelação espírita ensina, de acordo com a ciência, que esses fluídos são de grande importância no universo, tanto que foram chamados de dinâmias ou forças, estabelecendo assim uma diferença radical entre eles e a matéria ponderável. Essa mesma revelação ensina que o espírito condensa ao seu redor um pouco desse fluido para ficar em relações com o mundo material palpável, formando então o perispírito (mesmo a frase não sendo tão exata como deveria ser) de modo que conforme à perfeição da alma, assim ela tem maior ou menor poder para condensar essa matéria, a qual é diferente conforme aos mundos e aos meios onde os Espíritos vivem. A natureza do invólucro fluídico está em

relação com o grau de evolução do Espírito, e daí que os Espíritos não possam trocar esse fluido ou modificá-lo como os Espíritos mais evoluídos fazem, e cujos fenômenos de uns e outros são sempre a emanção das leis que regem o elemento espiritual tão constitutivo e essencial no universo como o mundo material, e como ele também sujeito a leis fixas e invariáveis. Sendo assim, a constituição do perispírito não é idêntica em todos os espíritos desencarnados ou encarnados e é modificada conforme à sua evolução moral.

Os meios estão sempre em relação com os seres que devem viver neles; os peixes respiram na água, os animais terrestres vivem bem no ar, e do mesmo modo o fluido etéreo é para os espíritos como a atmosfera para os seres que a respiram. E do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar, e os animais de pulmões completos não podem viver dentro da água, os espíritos menos evoluídos não podem suportar a viveza dos fluidos mais etéreos, e estabelece-se uma repulsão que os afasta de atmosferas mais espiritualizadas. Existe nisso uma grande similitude com o que acontece na vida corpórea com os homens. Os ignorantes se assustam dos avanços das ciências e ficam arrepiados diante de uma portentosa descoberta ou uma sublime concepção do gênio; e, se têm o ridículo privilégio de se vestir de preto e pela cabeça, arremessam seu anátema contra a razão e contra aquela invenção. Isto leva a pensar que essa parte do gênero humano está constituída de um número de espíritos atrasados, que começam sua carreira na vida, ou então que ficaram estagnados na via do progresso, e isso é castigo ou expiação por infrações que eles cometeram. Para mudar de meio é preciso mudar de natureza, ou seja, o Espírito precisa despojar-se dos seus instintos maus e grosseiros, e purificar-se moralmente para identificar-se com um meio mais puro. Tudo se liga e encadeia no universo, tudo está submetido à grande e harmoniosa lei da unidade, da materialidade mais compacta à espiritualidade mais pura. Tudo está sujeito a leis eternas, e não acontece nenhum fenômeno fora dessas leis. Porém, não sendo conhecidas as leis dos fluidos e nem as leis do espírito, os fatos do domínio delas foram negados ou atribuídos a milagres, ou então à intervenção do ser fantástico chamado de diabo. Mas a potência divina resplandece em todas as partes da sua grandiosa obra e não precisa, para testemunhar seu poder, perturbar a Criação ou suas leis. Os chamados milagres, muitos dos quais nós admitimos, mesmo existindo muita farsa por conveniência daqueles que se erigiram em intermediários entre Deus e os homens, não são fenômenos contrários às leis naturais, visto não haver nada de sobrenatural no universo e sim fatos submetidos a leis ainda não conhecidas, do domínio dos fluidos e do mundo espiritual. É mais digno da grandeza de Deus, e Ele é mais honrado por nós

pesquisando-se essas leis, do que Ele ser apresentado como um mago produzindo fenômenos, muitas vezes dignos de um prestidigitador, e ao mesmo tempo colocado em competição, para estes fatos maravilhosos, com o próprio Satanás. Na verdade, ninguém desmereceu tanto a majestade divina e foi motivo para tanta incredulidade, como a Igreja romana com seus ensinamentos errados e suas patranhas. Já chegou a época onde essa fé desaparece, essa fé que é contrária à razão e ao bom-senso, pois a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade permanece viva no coração do homem; e se aparece como sufocada pela mefítica influência das historinhas pueris com que a Igreja de Roma a tem rodeado, levanta-se mais forte quando fica desprendida dessa influência, como a abatida flor abre sua corola quando recebe os raios do sol vivificante. A Doutrina Espírita é o sol que surge no horizonte para purificar a inteligência de elementos nocivos, do materialismo e do romanismo que levam os homens ao ceticismo ou à indiferença.

Todo fenômeno do mundo espiritual é tão natural como os pertencentes ao mundo físico. Não existem e jamais existiram milagres, no sentido de fatos contradizendo leis naturais. Existem milagres e prodígios, sim, no sentido de fatos admiráveis, testemunhando a sabedoria divina, e nesse conceito tudo é milagre na Criação. O fato é que foi procurada sua relação com as leis do mundo físico, porém, não sendo regidos por elas, apareciam como estando em contradição com essas leis. E essa é uma das lacunas que o Espiritismo veio preencher na ciência, adquirindo por revelação o conhecimento do que é o perispírito, do que são os fluidos ou as formas etéreas da matéria primitiva, a vida do Espírito livre do corpo carnal, o modo e tempo da sua união com ele e da sua separação, sua evolução infinita na eternidade e através dos mundos, e por isso o Espiritismo é uma ciência nova, ou então um complemento da ciência, por nos ter trazido soluções para problemas difíceis, que não poderíamos encontrar apenas com os esforços da razão. Acontece também que sobre muitas das verdades que constituem essa doutrina não é possível se pedirem demonstrações de certa ordem, bastando provar a base, que, como vimos, é indestrutível. Admitidos os fenômenos como uma realidade, concordando em que são obtidas comunicações que não são produto de agentes materiais mas de causas inteligentes, e que essa inteligência não é a nossa; e descartada a ridícula explicação da intervenção de Satanás, não resta outro caminho a não ser aceitar as comunicações espíritas como vindas de Espíritos que já gozam da vida livre, e portanto, as noções assim obtidas são verdades reveladas, que não podem ser recusadas porque serem comunicadas por uma razão ilustrada, que está em harmonia com tudo o que já é conhecido pelas ciências, e com o aviso de que

veio para ser um complemento seu. De modo que a fé espírita é uma fé raciocinada e não uma fé cega como a que o romanismo exige dos homens.

Essas revelações têm ensinado também o modo de nos certificarmos sobre se a comunicação provém de um Espírito superior, de uma inteligência adiantada, ou de um Espírito atrasado.

Os fluidos cósmicos são, pois, atmosfera e elemento dos Espíritos, e dela são tomados os elementos para seus atos, sendo realizados fenômenos especiais nesses meios ambientes deles, perceptíveis para o Espírito, mas que escapam aos sentidos do corpo carnal. Esses fluidos são o veículo do pensamento, assim como o ar é o veículo do som. E não é, senhor Benito, que os Espíritos manipulem os fluidos etéreos como o homem maneja os gases, líquidos e sólidos da Terra; basta a eles apenas o próprio pensamento, vontade e atividade essencial, porque estas faculdades são para a alma o que os membros são para o corpo. Então, com o pensamento eles imprimem direção, aglomeram, condensam, dilatam, dão forma e cor determinadas, mudam seu modo de ser físico e químico, e servem-se deles para se colocarem em contato com a matéria palpável, fazer um objeto inanimado entrar em movimento, fazer uma pessoa traçar inconscientemente caracteres, frases, períodos e discursos, para se ostentarem às vezes visíveis, e realizarem essas aparições que o Sr. não nega e que o Espiritismo admite, sem se atribuir o fenômeno a um milagre, pois longe disso, não se vê outra coisa além de um fato natural subordinado às leis que regem o mundo dos espíritos e o fluido cósmico universal. Por esse meio, e sujeitando-se a essas leis, basta a um Espírito pensar e querer dar-se a conhecer a alguém sob a aparência de quando era vivo, e ele mostra-se em efeito, com seus traços fisionômicos e com todos os caracteres que teve em sua vida carnal. Esse fenômeno tem se repetido inúmeras vezes e é observado com frequência nas pesquisas que são feitas sobre o Magnetismo aplicado ao Espiritismo. Quando não negam estes fatos, vocês os classificam como milagres e com isso ficam satisfeitos. Mas nós sabemos explicá-los; as revelações espíritas dão-nos a teoria, e acreditamos não faltarmos a Deus ou à religião admitindo essa teoria e pesquisando a causa e o modo de se realizarem esses fenômenos, visto que, não porque a razão chegue a conhecer o mecanismo, eles deixarão de ser grandiosos e testemunhas da infinita sabedoria do Criador. Vocês pensam que se fazem agradáveis a Ele apenas por abrirem a boca e os olhos espantados em presença das maravilhas que nos são oferecidas por toda a parte, condenando ao quietismo a própria razão e amaldiçoando quem a exercita. Nós acreditamos que a razão nos foi dada para estudar Suas obras, e que nós nos fazemos dignos do Seu amor penetrando o mais possível nos mistérios da Sua Criação, livro aberto

sempre à inteligência humana, e em cujas páginas vão lendo as gerações que se sucedem umas às outras na extensa vida da humanidade. Leitura que é feita paulatinamente, conforme ao desejo das inteligências chamadas a viver a vida do progresso, e com excessiva rapidez, segundo a aspiração e os interesses da oligarquia clerical, ou porque esse grande livro está escrito em hieróglifos que ela não entende, ou então porque às vezes não convém a ela que exista alguém conseguindo decifrar.

O Espírito cria, pois, objetos fluidicamente com seu pensamento e sua vontade, e pode aparecer com o aspecto carnal que teve, seus vestidos, etc., etc.; e do mesmo modo e por um efeito análogo, sua existência é tão fugaz como o próprio pensamento. Sendo esses fluidos cósmicos o veículo do pensamento, e podendo ele modificar suas propriedades, é evidente que os pensamentos bons ou maus devem influir em suas propriedades, devem se impregnarem, por assim dizer, da pureza ou impureza dos sentimentos. Os fluidos que cercam ou que são projetados pelos maus espíritos são viciados, porém aqueles que recebem a influência dos bons espíritos possuem os caracteres da perfeição moral que os faz vibrar. Se os fluidos ambientais modificam-se pela projeção dos pensamentos do espírito, seu invólucro perispiritual, que faz parte constitutiva do seu ser, e recebe de modo permanente a impressão dos seus pensamentos, deve, com maior razão, participar em suas boas ou más qualidades, e será modificado conforme à variação dos pensamentos e sentimentos do Espírito.

Ao se encarnar, o Espírito conserva o perispírito com suas qualidades próprias, e essa união não deve ser entendida como se o espírito e seu invólucro fluídico estivessem sendo circunscritos pelo corpo, mas que eles penetram no corpo por irradiação, como o calórico penetra nos corpos, e formam junto dele uma atmosfera fluídica, que os sonâmbulos podem ver em seus magnetizadores. O perispírito tem uma influência grande no organismo, porque ele é o ponto inicial das evoluções da matéria para se organizar, e durante a vida carnal pode, pela sua expansão e dilatabilidade, entrar em relações com Espíritos livres, como em ocasiões acontece, durante o sono natural e muito mais ainda com o sono magnético. O pensamento transmite-se de Espírito para Espírito pelo veículo dos fluidos, dos quais o mesmo perispírito é formado. Portanto, ele assimila-se com tais fluidos, que têm sobre ele uma ação direta visto confundir-se com eles pela sua irradiação e expansão.

Assim como os fluidos atuam sobre o perispírito, este por sua vez reage sobre o organismo material com o qual está em contato molecular. Se os eflúvios forem de natureza boa, o corpo sente uma impressão saudável, mas se forem ruins, ele experimenta uma impressão penosa, que pode chegar até a causar

distúrbios físicos, se a influência for permanente e enérgica. Os locais ou ambientes onde existe abundância de maus espíritos, estão impregnados de fluidos ruins, que influem perturbadoramente e de um modo nocivo no perispírito dos vivos, transtornando seu moral e seu físico.

É, sem tirar nem por, como alguém que fica entre neocatólicos e carlistas, a pessoa sente-se asfixiada com a atmosfera mefítica que eles formam com seus venenosos eflúvios. Estas influências e estas ações e reações entre os fluidos e os espíritos, desenvolvem-se tanto no mundo espiritual quanto durante a vida do corpo material. As reuniões dos homens, as assembleias, os clubes, etc., são focos de irradiação de pensamentos diversos, que chegam até o espírito de cada uma das pessoas presentes nesses locais, do mesmo modo como os sons chegam até nós pelo ar. Se esses pensamentos são harmoniosos e simpáticos para nós, sentimos uma impressão agradável; se as ondulações fluídicas que nos atingem não são harmônicas com os nossos sentimentos, a impressão para nós é desagradável e incômoda; e às vezes não é necessário que a palavra nos comunique os pensamentos de uma reunião. Existem locais onde não nos sentimos bem já de entrada, por efeito dos maus pensamentos das pessoas presentes, formando uma atmosfera moral asfixiante para quem está habituado a fluidos mais puros.

A mesma coisa acontece com aqueles que vivem na diáfana atmosfera da liberdade e do progresso, quando entram em clubes de homens que vivem dois séculos atrasados na trilha que a humanidade percorre, e que pregam tanta coisa errada, tanto absurdo e até crimes, ao invés de incentivar a caridade e a ciência, que hoje deveriam ser a alma das sociedades. O pensamento produz, assim, um efeito físico que reage sobre o moral, e que apenas o Espiritismo explica satisfatoriamente. Esses fenômenos, como muitos outros do gênero, eram explicados apenas dizendo que eles dependem das nossas simpatias ou antipatias, porém isso era apenas dar um nome bonito ao fato, deixando-nos na ignorância do que fossem tais simpatias e do mecanismo da sua produção. Do mesmo modo, com essa doutrina é explicada a razão dos sonhos, do sonambulismo natural e patológico e do artificial ou provocado. Muitas vezes, os fenômenos maravilhosos que o homem observa são tidos por ele como coisa de charlatanismo, não acreditando na realidade deles porque não conhece a lei que os rege; ou então, se a evidência é tamanha que impede a negação dos fatos, procura explicá-los com hipóteses que costumam não satisfazer a razão, e portanto deixam na incredulidade aqueles que os estudam na história e não buscam seu convencimento na repetição desse fatos, ou então valem-se do sobrenatural e da intervenção do diabo, para quem possui uma inteligência fraca

e pouco abastecida de conhecimentos.

Observe, senhor Benito, como a admissão do perispírito, que em nada se opõe ao dogma católico e nem sequer foi negada pelo *homem infalível* que dirige a orquestra na ópera-bufa que os *bonzos* do romanismo vêm representando há séculos, estabelece uma tese que a razão admite sem violência, segundo a qual espalha-se uma grande luz sobre a essência da vida, sobre esse princípio vital negado por alguns, admitido por muitos, mas sobre o qual têm divagado até a exaustão as diversas escolas médicas e filosóficas de todas as épocas. O perispírito é, em efeito, o laço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual. Por ele realizam-se no homem fenômenos especiais que não têm sua causa na matéria palpável: a inspiração, os pressentimentos, a visão espiritual ou psíquica que muitas pessoas têm, são a consequência da irradiação desse perispírito pela atmosfera dos fluidos etéreos e sua comunicação com os espíritos. É, pois, o perispírito o órgão sensitivo do Espírito, e é por intermédio desse órgão que ele tem a percepção das coisas espirituais que escapam à visão, ao ouvido e aos outros sentidos orgânicos, localizados e limitados à recepção de coisas materiais, enquanto o espírito vê, sente e entende por todo o seu ser aquilo que está na esfera da irradiação do seu fluido perispiritual. Por meio dele é que a alma leva sua ação para fora do organismo, como acontece na visão sonambúlica, onde não se vê através dos olhos do corpo, mas com os olhos do Espírito, e por intermédio do Espírito que toca os objetos e leva até a alma a noção clara de como eles são. No êxtase e muitas vezes no sonho, existe uma emancipação do Espírito, cujo estado aproxima-o da vida que ele irá ter após a morte do corpo. Nesses momentos citados acima, o corpo continua com sua vida vegetativa, e a alma goza da vida espiritual, continuando ligada ao corpo pelo perispírito, que quando o abandona definitivamente, então é que a morte sobrevém.

E veja o Sr. como chegamos a assentar as bases de uma doutrina oposta àquela sustentada no panfleto sobre algumas questões psicológicas. Segundo o Espiritismo, a vida normal da alma é a vida livre ou desencarnada, e a vida carnal é apenas um acidente para realizar uma evolução; porém o panfletista Benito afirma que a vida natural do Espírito está em sua união com o corpo, e que sem ele não pode conhecer nada do que acontece neste mundo sensível, porque, depois de sair do corpo, a alma age ao modo dos Espíritos, que só podem perceber o mundo material por meio dos sentidos. No entanto, vocês afirmam que ela é queimada com fogo material no inferno e no purgatório, saindo deste último lugar com os responsos, as missas e as bulas que são compradas nos bazares do romanismo, cujas preces e cujas bulas elas conhecem, ouvem e leem, mesmo não tendo ouvidos, olhos ou língua. Exclua o Sr. a Doutrina Espírita, e

não terá como explicar as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. É verdade que a visão não é feita pelos Espíritos a favor dos olhos de matéria orgânica, nem ouvem com as ondas sonoras do ar; mas argumentar assim é imaginar que tudo fica subordinado às leis físicas que regem a matéria ponderável na Terra. Existe a luz que podemos denominar material; e a luz etérea; a primeira possui focos circunscritos nos corpos luminosos, e seu modo de ser é adequado para impressionar os sentidos corporais; a segunda tem o seu foco em toda a parte, e seu modo de ser é harmônico e apropriado para os espíritos poderem perceber objetos do mundo material. Por essa razão não existem obstáculos para a visão espiritual, e nos sonhos, às vezes, o espírito vê pessoas e locais, do mesmo modo que o sonâmbulo, porque para a alma nesses estados de semiemancipação, não existem corpos opacos, nem escuridão, visto o mundo espiritual estar iluminado por luz também espiritual, ou fluídica, se preferir esse nome; e tem seus efeitos próprios, que não estão subordinados às leis da física nem da visão orgânica. A vista à distância, que o autor do panfleto não nega nos casos de sonambulismo magnético ou natural, ou então na escuridão mais profunda e com os olhos fechados, é explicada perfeitamente com essa doutrina, bem mais de acordo com a razão do que a explicação boba da intervenção do diabo.

O Espírito depois de separado do corpo, age ao modo dos Espíritos. Isso é uma verdade; porém não é verdadeira a afirmação de D. Gerônimo, de que ele nada pode perceber do mundo material se não for por meio dos sentidos corporais. Desconhecendo a teoria dos fluidos é como dá para acreditar no que o panfletista diz; mas basta lembrar o que acontece no sonambulismo natural para se convencer de que o espírito tem percepções de objetos que não chegam até ele através de sentidos corporais. Citamos o sonambulismo natural, porque é um fenômeno muito comum, e quase todo mundo presenciou ou teve notícias desse sujeitos que se levantam e fazem uma porção de coisas próprias do estado de vigília, sem que a falta de luz seja para eles um obstáculo. Imagino que D. Gerônimo deve ter notícia de um desses casos, muito notável, acontecido com um jovem sacerdote do seminário de Bordéus, testemunhado por inúmeras pessoas, entre as quais o Arcebispo, que por algumas noites foi presenciar os extraordinários fenômenos que o seminarista oferecia. Ele levantava-se à noite, dormindo e sentava-se à mesa para estudar e escrever, compondo sermões tão bons ou melhores do que teria feito estando acordado. Se ele precisasse consultar algum livro, ia procurá-lo e o folheava, para tomar as notas de que precisava. Quando já estava com algumas folhas escritas, ele as lia em voz alta, corrigia os erros que encontrava, tanto de letras como de conceitos, riscava

aquilo que achava não estar bom, e colocava as correções entre linhas. Várias noites em que ele estava sendo observado, alguém colocava, sem que ele acordasse, um cartão grande entre seu rosto e o papel onde ele estava escrevendo, mas isso não era obstáculo algum, porque ele continuava com a mesma agilidade, entregue à tarefa e ao estudo sonambúlico. Esse moço não ficava impressionado com a luz física, não enxergava objetos através das pupilas, mas seu espírito os percebia. Descartem a tese dos fluidos e do perispírito, e não terão como explicar satisfatoriamente esses curiosos fenômenos.

O composto chamado *homem*, diz o profundo filósofo D. Gerônimo, é um Ser mais perfeito do que só a alma, porque faz tudo aquilo que a alma pode fazer, como entender, raciocinar e querer, e além disso outras coisas que a alma sozinha não pode fazer, como são sentir, vegetar e se movimentar. Olhe aqui, D. Gerônimo, o Sr. está se deslizando muito, e os devotos timoratos irão tomar nota de suas palavras, e com razão poderiam dizer: então, se a alma não pode sentir sem estar unida ao corpo, muito pouco nos importam os caldeirões de Pedro Botelho, ou as chamas do purgatório; e se essa ideia grassa entre os pagãos, grande quebranto irão sofrer os fundos destinados a conceder permissões e passaportes de padres para as almas passarem do purgatório para o céu. Mas quanta torpeza a nossa! Estávamos convencidos de que o corpo era só o condutor das impressões, e que era a alma quem sentia. Acreditávamos que apenas os materialistas sustentavam o contrário, e vemos agora que um espiritualista tão sábio quanto D. Gerônimo, nega à alma a faculdade de sentir.

Também não tínhamos reparado em que a maior perfeição consiste na soma das coisas que executamos, e portanto, se a alma sozinha somente pode entender, raciocinar e querer, o composto chamado homem é mais perfeito, porque pode mover-se, sentir e vegetar, e portanto comer, digerir e Só D. Gerônimo poderia ter ideias tão absurdas como essa. Ele também nega à alma o movimento. Então: como é que elas vão ao céu, ao purgatório ou ao inferno? Porque para essas viagens, mesmo não precisando de mochila, será necessário algum veículo, mesmo que fosse um trem de 3ª, visto que as almas não podem se locomover.

Não seja ignorante, homem, porque a alma sem o corpo tem toda a perfeição que lhe é própria pela sua essência, além daquela que conseguiu adquirir durante sua união com o corpo, pois é para isso que o espírito vive a vida corpórea, apesar de alguns terem passado por ela sem acrescentar uma linha ao caminho da evolução que todos devem percorrer. E não apenas entende, raciocina e quer, como o Sr. diz, mas também possui consciência e portanto sente, ou em outros termos, sua atividade manifesta-se pelo sentimento, pelo

movimento, pela vontade e o pensamento. “A vida, no dizer do célebre químico Humpry Davy, deve-se à presença da alma. Jamais poderei acreditar que divisão, tenuidade, sutilização, justaposição, ou combinação de alguma das partículas da matéria, possam criar a sensibilidade, e menos ainda que a inteligência possa ser o resultado de combinações de átomos insensíveis e inertes. A alma nada possui em comum com o espaço, e em suas transições, independe do tempo, de modo que pode passar de uma parte a outra do universo, graças a leis por completo estranhas ao movimento.” Flammarion fala a respeito do mesmo assunto: “A alma é de natureza transcendental e independente das condições da matéria, do espaço e do tempo: é portanto um absurdo perguntar em qual lugar um espírito existe, porque a partir do momento em que esse espírito é encadeado ou ligado a um lugar determinado, é imposta a ele uma extensão. Sendo assim, o Espírito não existe em um lugar determinado, mas sim atua em local determinado. A alma, após a morte, não precisa se transportar a nenhuma outra parte, porque ela não está em parte alguma, é indiferente a todos os lugares, e em consequência, se aprouvesse a Deus estabelecer depois da minha morte um novo laço entre minha alma e um corpo organizado na lua, a partir daquele momento ela estaria e seria na lua, sem ter feito qualquer viagem, e ainda, se nesse mesmo instante Deus concedesse à minha alma poder sobre um corpo organizado na lua, ela estaria e seria igual, aqui ou naquele astro, sem que nisso intermediasse a mais leve contradição. Os corpos são os únicos que não podem estar ao mesmo tempo em dois lugares. Os Espíritos, que pela própria natureza não possuem relação alguma com os lugares, não encontram qualquer obstáculo ou barreira para atuarem simultaneamente em vários corpos, mesmo quando situados em locais muito afastados; sob esse ponto de vista, podemos dizer que o Espírito está em todos esses locais ao mesmo tempo.

Com as citações acima podemos ver confirmado aquilo que temos repetido inúmeras vezes, isto é, que os impugnadores do Espiritismo o combatem porque seus fenômenos não se ajustam com as leis do mundo físico, por não terem eles compreendido que o Espírito está subordinado a outras leis bem diferentes, tão naturais quanto as físicas, e portanto o procedente é se aplicarem ao estudo delas antes de se erigirem em críticos de coisas que desconhecem.

Convenhamos, então, Sr. D. Gerônimo, em que a doutrina que o Sr. defende é o materialismo, e que o Sr. pertence à escola sensualista de Condillac. Com certeza o Sr. já ficou sabendo que não é verdade essa história de que a alma sozinha é menos perfeita do que o composto chamado homem, porque a alma sem o corpo pode fazer muito mais e melhores coisas do que enquanto está unida ao corpo. Essa união é, em efeito, acidental, e é tomada por ela para

adquirir novas perfeições. Como é que o Sr. pode acreditar que a vida carnal seja o normal da alma, e a vida livre ou sem corpo carnal, um acidente? Quando eu falo que o Sr. é um sensualista irreduzível, é porque a cada passo é isso o que Sr. está manifestando.

O Sr. teme ainda que se o perispírito existisse, o homem conservaria a animalidade, tanto antes quanto depois da morte. Contra esse argumento que o Sr. coloca, eu devo fazer uma concessão. Existem, em efeito, muitos que mesmo depois de mortos continuam sendo tão animais quanto eram estando vivos. Observe o Sr. o que poderiam dar de si, nesta ou na outra vida, essas almas atrasadas dos escrevedores de *¡España con Honra!*, e tantas outras do mesmo jaez. Eles precisam passar por bastantes filtros antes de perderem a sua animalidade tão piramidal.

O que é que caracteriza a animalidade, se não for a parte orgânica? Então, como é que o Sr. argumenta com tamanhos desatinos? Se disséssemos que o espírito tem nervos, músculos, veias, artérias, etc., etc., a observação do Sr. teria cabimento. Mas pensar que a alma é um animal porque possui uma substância etérea, só pôde mesmo ser ideia do autor do panfleto de cuja impugnação estamos nos ocupando. E como o sentimento e o conhecimento, a percepção e as ideias pertencem ao espírito e não aos órgãos, e como, além disso, o perispírito coloca-o em contacto com a atmosfera fluídica onde vive, e que envolve inteiramente o mundo palpável e visível, ele possui a percepção dos objetos materiais em um grau superior e com maior extensão do que na vida carnal, porque a organização estabelece limitações às faculdades do Espírito. O mundo material existe para que o elemento espiritual possa realizar suas evoluções e adquirir aprimoramento; então, seria um conceito bem raquítico pensar que apenas na Terra e durante o fugaz momento da existência carnal, o Espírito está em relação com a matéria para desenvolver as suas faculdades e adquirir novas perfeições. Para cumprir essa finalidade, que é seu destino ineludível, ele possui por tempo a eternidade, e por espaço, o universo todo. Era, então, necessário para isso que durante todos os seus progressos ele estivesse em relação com o mundo material, e que tivesse os meios para estabelecer um laço entre sua essência espiritual e os objetos materiais.

A existência do princípio espiritual é um fato que não precisa demonstração, assim como o princípio material também não precisa dela. Se existem efeitos inteligentes, existe uma causa inteligente para produzi-los, visto não haver efeito sem causa. E esse elemento espiritual é uma consequência da existência de Deus, porque, como conceber Deus, se Ele não houvesse criado nada além da matéria? Era, então, uma necessidade a existência do elemento

espiritual na Criação, e com certeza dotado da perpetuidade. O Espiritismo veio demonstrar com provas de fato a supervivência dos Espíritos, e veio, portanto, combater o materialismo e o ateísmo. Por essa razão fica estranho a Igreja ver um inimigo no Espiritismo, sendo que deveria acolhê-lo como auxiliar ilustrado e munido de demonstrações irrecusáveis.

Esse princípio espiritual não tem a sua origem no elemento cósmico universal; porque se assim fosse, ele seria um modo desse elemento, como são o calórico ou a eletricidade, e sofreria todas as vicissitudes da matéria. As qualidades com que ele se manifesta a nós, não permitem duvidar de que o princípio espiritual possui uma existência própria, e quando esse elemento se individualiza, constitui os seres chamados espíritos, do mesmo modo que quando o elemento material se individualiza constitui os corpos, já os orgânicos, já os inorgânicos. Admitido o princípio espiritual como tendo existência própria e independente da matéria, perguntamos qual é a sua origem ou ponto de partida. Eis aqui um problema que só pode ser resolvido por meio de hipóteses, porque é daqueles assuntos que Deus ainda não revelou, e que a inteligência humana só pode possuir a favor de conjeturas; porém, partindo da justiça absoluta do Ser Supremo, e a favor do pouco que sobre essa questão conseguiram manifestar os espíritos que fizeram comunicações em círculos dedicados ao estudo do Espiritismo, é possível se estabelecer que todos os espíritos têm um mesmo ponto de partida, como também toda matéria tem esse ponto na cóetiva ou na etérea universal, que todos os espíritos foram criados ignorantes, com uma atitude igual para evoluir com a própria atividade individual, e que todos irão chegar ao grau de perfeição compatível com a criatura pelos esforços próprios, e que sendo todos filhos de um mesmo pai, recebem por igual a atenção dele, porque nenhum de nós é mais favorecido do que outro, nem fica dispensado do trabalho que foi imposto a todos para chegar ao seu destino providencial.

“Ao mesmo tempo em que Deus criou os mundo materiais de toda eternidade, Ele criou também de toda eternidade seres espirituais. Sem eles, os mundos materiais não teriam razão de ser. É mais fácil conceber seres espirituais sem mundos materiais, do que ao contrário. Os mundos materiais proporcionam aos espíritos elementos de atividade para o desenvolvimento da sua inteligência; e tendo Deus criado de toda a eternidade, existindo uma criação permanente e eterna, e sendo a evolução a condição normal dos seres espirituais, e a perfeição relativa o objetivo ao qual todos aspiram, muitos têm chegado ao ponto culminante da escala do próprio progresso, enquanto outros estão ainda no começo dessa escala. Antes da Terra existir, já tinham se sucedido

inúmeros mundos na Criação; antes dela sair do caos dos elementos, o espaço já era povoado com mundos habitados por seres espirituais em todos os graus da perfeição, com aqueles que começavam sua carreira na vida até os outros que tinham atingido o cume da perfeição possível, chegando à categoria que designamos com o nome de anjos, não porque eles fossem uma criação especial e privilegiada, mas porque pertencem às primeiras criações” (Ver *A Gênese segundo o Espiritismo*).

A matéria existe para o Espírito poder desenvolver suas faculdades; por essa razão o corpo é o instrumento do Espírito, e Deus, em vez de dispor que ele fosse unido a corpos resistentes, como pedras, metais, etc., determinou na sua infinita sabedoria, que o corpo fosse orgânico, flexível e capaz de receber todos os impulsos da vontade e de se prestar a seus movimentos. Mas na medida em que o Espírito adquire novas aptidões, reveste-se de um invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que deve realizar, ou às novas faculdades que vai desdobrar.

Não bastando apenas uma única existência carnal para realizar todos os progressos de que o Espírito é passível, havendo muitos que, mesmo quando a existência única fosse suficiente para adquirir a suma perfeição não cumprem esse objetivo, às vezes por vontade própria, outras vezes por causas alheias a ela, como acontece com as crianças que falecem antes de chegar ao uso de razão, com aqueles que nascem idiotas, ou recebem uma educação extraviada da trilha da virtude, com os que pertencem a raças atrasadas como os hotentotes, etc., daí que o Espiritismo admita as reencarnações ou multiplicidade de existências corporais, já neste planeta ou em outro, dentre os milhares que existem e são habitados. A partir de que um espírito começa sua evolução, ele precisa revestir formas corpóreas apropriadas ao seu estado de infância intelectual, invólucro que muda na proporção em que suas faculdades vigorizam-se e acrescentam-se, como o corpo da criança modifica-se e consolida-se, na proporção em que vai ficando mais vigoroso o seu espírito. E como de toda a eternidade existiram mundos nos quais se desenvolveram corpos organizados e adequados para receberem espíritos, de todo tempo também os espíritos encontraram os elementos necessários para sua vida carnal, em qualquer estágio de evolução em que estivessem. O corpo sofre as vicissitudes da matéria, e depois de ter funcionado por algum tempo, desorganiza-se e morre; porém o espírito continua vivendo e tomando novos corpos apropriados ao seu grau de perfeição.

O Espiritismo ensina como é verificada essa união, sem com isso profanar o dogma católico. Em vez de se limitar a dizer “isso é um mistério, e a coisa acontece como Deus quer que aconteça”, a nova ciência veio descobrir esse

mistério e revelar o mecanismo dessa união, raciocinando a teoria. O Espírito, pela sua essência, é um ser indefinido que não pode ter uma ação direta sobre a matéria. Precisava, então, de um agente intermediário, o perispírito, que pertence à matéria pela sua origem, e ao elemento espiritual pela sua natureza etérea. Sem esse elemento, não é possível se conceber a união do corpo com o Espírito.

Quando este deve se encarnar em um corpo em vias de formação, liga-se a ele com um cordão fluídico, que é a expansão do seu perispírito, e cujo fenômeno começa com a concepção. À medida que o germe vai se desenvolvendo, essa união vai sendo consolidada, sob a influência do princípio vital e do perispírito, o qual, possuindo propriedades da matéria, une-se molécula por molécula com os elementos dinâmicos do embrião; quando o desenvolvimento deste fica completo, então a união já é íntima e acabada, e o ser humano surge para a vida exterior. Por um mecanismo inverso, essa união do perispírito com a matéria orgânica, quando o princípio vital deixa de atuar e a morte chega, a união que era sustentada a favor de forças ativas desaparece, por faltar a ação dessas forças, ou do princípio vital que as resume; então o perispírito desprende-se molécula por molécula, e o Espírito fica livre do corpo carnal. Essa separação é, às vezes, rápida, fácil e tranquila; outras é laboriosa e lenta, penosa e ainda terrível, a depender do estado moral do espírito, e portanto, da sua maior ou menor perfeição e do seu apego à vida material.

Quando o Espírito começa a se unir ao embrião, apodera-se dele um estado de perturbação, que aumenta à medida que a união vai sendo mais íntima, até o ponto de perder toda consciência de si mesmo; e quando a criança nasce começa a desdobrar suas faculdades em proporção ao estado dos órgãos.

Mesmo tendo apagadas as lembranças do seu passado, ele não perde as faculdades, qualidades e aptidões adquiridas por ele em existências anteriores, as quais ficam em estado latente e dispostas a se desdobrarem quando o desenvolvimento corporal seja suscetível de secundar os impulsos da alma. Quando ele retorna à vida espiritual, aparece novamente diante da sua consciência todo o seu passado, sofrendo de novo outro período mais ou menos prolongado de perturbação, a partir do seu desprendimento do corpo e até se desanuviar por completo a consciência do seu novo estado, perturbação mais ou menos duradoura e penosa, segundo o grau de perfeição moral e intelectual. Desse modo, não existe solução de continuidade na vida espiritual porque o Espírito é sempre o mesmo, antes, durante e depois da encarnação, que não é mais do que uma fase em sua existência. Estas noções estariam fora do alcance das investigações da ciência, e não estaríamos de posse delas se não tivessem

sido reveladas. Como partimos da base demonstrada de que as comunicações obtidas em círculos de estudo do Espiritismo partem de uma causa inteligente, e que essa causa não é o diabo, só podemos mesmo aceitá-las como verdadeiras, e tanto mais quanto que elas satisfazem ao raciocínio, mesmo quando apenas consideradas como uma hipótese da ciência humana.

De quando em vez são observados fenômenos extraordinários e surpreendentes de sujeitos que revelam conhecimentos de assuntos que não estudaram. Anos atrás, houve um pastor chamado o Pastor de Segóvia que, não sabendo ler nem escrever, resolvia de plano muitos e difíceis problemas de matemática. Este fato e outros análogos só podem ser explicados dizendo que esses sujeitos possuem uma disposição natural, e até mesmo um frenologista poderá dizer que ele está desenvolvendo o órgão do cálculo. Porém o Espiritismo explica os fatos mais satisfatoriamente, sabendo como sabe que o espírito passou por outras existências, e nelas pôde adquirir conhecimentos que conserva latentes e que só é preciso um certo estímulo para se manifestarem as aptidões do indivíduo como conhecimentos inatos. Aqueles que são poetas, pintores, músicos, sem ninguém os ter ensinado, são testemunhas dessa verdade. E não basta chamar a frenologia, porque ela provará, no máximo, que existem órgãos vigorosos para cultivar esses estudos, mas não explicará a razão das manifestações espontâneas, e sem cultivo prévio, desses estudos; porém o Espiritismo vem completar a frenologia, ensinando que o Espírito, ao se unir com o embrião, imprime nele o selo das suas faculdades e aptidões, para ele mesmo modelar em si, por assim dizer, os órgãos do seu corpo. Daí também a razão de, dos mesmos pais, nascerem filhos com muito talento ou bem dispostos para o bem, e outros de escassa inteligência e com perversas inclinações, não obstante a educação ser igual para todos eles.

Observe, Sr. Benito, como é exato aquilo que temos repetido por várias vezes, afirmando que o Espiritismo é uma nova ciência, ou o complemento das ciências, adquirida por revelação, e que resolve inúmeros problemas para os quais não fora encontrada solução até agora.

Ainda poderia explicar-lhe muitas coisas sobre Espiritismo, que o Sr. ainda não meditou muito bem, no caso de que as tivesse lido. Recomendo ao Sr. tomar essa questão muito em sério, sem qualquer desprezo, visto tratar-se de saber o futuro da nossa alma e das pessoas que nos são caras, e seria proceder de modo temerário ou até néscio, olhar com indiferença ou caçoada essas questões. Deixando refutada a sua argumentação, e ainda apontadas outras verdades do Espiritismo que o Sr. não tocou, paro por um instante com este assunto, para dizer-lhe algo sobre os fenômenos magnéticos.

Enquanto caçoa do Magnetismo, o Sr. também não nega os fatos, só que lança mão da sua explicação favorita, isto é, a intervenção do diabo para dar a razão da insensibilidade, do sono, da lucidez, da visão à distância, e das predições. E, portanto, o Sr. condena o Magnetismo por imoral, por herético e por mil coisas mais, com que o seu D. Gerônimo procura encher de medo seus leitores, para que eles fiquem arrepiados só de ouvir falar em Magnetismo ou Espiritismo, e fujam fazendo o sinal da cruz. Não sei onde é que o seu sábio D. Gerônimo foi estudar tais coisas, para ser ver induzido a afirmar “que espíritas e magnetistas têm inclinação a relaxar os costumes, a ocasionar discórdias nas famílias, contumácia e rebeldia contra a autoridade eclesiástica, orgulho e rebelião contra a autoridade civil, conselhos práticos de conduta iníqua, etc., etc., e que magnetizadores e *médiuns* são pessoas mundanas em seus pensamentos, em seus afetos, em suas ações, as quais, aliás, estão muito longe de serem santas.” E depois acrescenta: “Perguntem àqueles que andam nessas estórias, o quanto crescem no amor de Deus e na santidade dos costumes, quantas preces dirigem à Divindade quando se dispõem a realizar tais coisas, com quanta humildade, com que pureza de coração, com que maceração da carne chegam aos entretimentos magnéticos ou espíritas, e irão ter motivo para darem boas risadas.

Pois então, como é que não haviam de dar boas risadas, homem de Deus, escutando tanta bobagem. Se não fosse porque o bom do D. Gerônimo diz que nunca viu experiências de magnetismo e nem deseja ver para não se condenar, acreditaríamos que ele fez seus estudos em casas de lenocínio e tavernas, locais para ele preferíveis às reuniões de estudo dos fenômenos espíritas e magnéticos.

Pelo que a nós respeita, tivemos a sorte de estudar essas questões em autores de grande moralidade, em reuniões com pessoas de vida prática irrepreensível, de bons costumes, e não insubordinados contra as autoridades. Além de que isto nada tem a ver com o Magnetismo. É sem dúvida possível acreditar nele e praticar todas as virtudes, e ter muita ou pouca consideração para com as autoridades eclesiásticas, que só serão mesmo autoridades para quem quiser se subordinar a elas, e também cultivar o dogma do direito de insurreição dos povos contra as autoridades, quando elas não representam a opinião geral, falseiam as leis e governam despoticamente.

No tocante a preces à Divindade ao se entregarem aos entretimentos magnéticos, nós as temos observado de fato em bastantes círculos dedicados a esses estudos. Quanto à maceração da carne, não sabemos se alguém se prepara desse modo. Acreditamos que tamanha bobagem não faz nenhuma falta; mas se alguma vez D. Gerônimo desejar fazer ensaios magnéticos, ele pode se flagelar o

quanto quiser, ou, para uma garantia maior, pode entregar suas costas a um arrieiro louco, que baterá nele com tanta coragem como bateria em um macho lardo.

Para uma maior robustez na sua impugnação, ele menciona a encíclica de 30 de julho de 1856, dada pela Sagrada Inquisição Romana. Esse argumento sim, possui uma força de 40 cavalos, e se a encíclica tivesse saído por acordo do concílio, a força seria de 400 cavalos, pelo menos. E digo, com a fresquinha infalibilidade do Papa, se ele quiser repetir a piada dessa condenação do Magnetismo, e ainda excomungar aqueles que acreditam nessas coisas, irá grassar uma epidemia de tuberculose tal, que não haverá como resgatar as sociedades. Por sorte para a salubridade pública, em breve fecharão as sessões do concílio e Pio IX irá exercer a sua infalibilidade lá nas paragens para onde ele for arrastado pelas levas revolucionárias. E, por falar nessa infalibilidade, um dia desses uma pessoa instruída desta cidade, e partidária também do Espiritismo, me disse que, se o Papa fosse infalível, não é por si que ele seria, mas sim porque o Espírito Santo comunicaria a ele suas decisões; e nesse caso, o Papa seria apenas um médium, e a doutrina da infalibilidade só viria robustecer o Espiritismo. Deixando tudo isso de lado, vamos continuar nos ocupando do Magnetismo.

Mesmo sendo difícil discutir mantendo a seriedade enquanto lemos o panfleto do Benito, iremos fazer um esforço para continuar com a nossa argumentação. Se o autor se tivesse limitado a censurar o abuso que do magnetismo pode ser feito, nós iríamos unir-nos às suas censuras, porque, com efeito, é possível se abusar desse agente. Porém isso não é razão para proibir que ele seja estudado e praticado. Do mesmo modo é possível se abusar da medicina, da farmácia, e de outras profissões; também é possível se fazer um mau uso do ópio, do clorofórmio e de uma porção de substâncias enérgicas, mas nem por isso ninguém propôs a ideia de proscrever o estudo e a prática da medicina, ou o uso de substâncias, por muito que algumas vezes elas servissem a intenções criminosas. O senhor de Lima, pessoa muito instruída, que tem cultivado muito a magnetologia, publicou recentemente um Relatório, onde diz ao respeito: “Alguns praticam o magnetismo com a grandeza de alma que convém aplicar a tudo quanto é nobre, imponente e sério, apenas para praticar o bem, em favor da ciência e para realizar alguma cura. E se os doentes obtêm um sono lúcido, aproveitá-lo para o diagnóstico e a terapêutica das doenças. Outros se ocupam do magnetismo com futilidade, com ignorância, ou por comércio. Só se ocupam do magnetismo para obter o sonambulismo, do qual fazer miserável especulação ou espetáculo, quando não empregam esta preciosa faculdade em

manobras não limpas. Este último magnetismo é encontrado em toda a parte, em salões, teatros, e em certos gabinetes de sonâmbulos extralúcidos. Visto que essa prática só encontra um meio para satisfazer sua curiosidade ou interesse, ou para se atribuir um poder sobrenatural, não se importam se esse agente, que é para o bem, possa causar mal, segundo a direção que for dada a ele, e não se preocupam se esse agente é eficaz ou leva perturbação, causando uma desorganização física ou moral.”

Já foi dito no começo da impugnação desse panfleto que não iríamos nos ocupar do Espiritismo nem do Magnetismo exercido por charlatães, por enganadores, ou por aqueles que se propõem a fazer um mau uso dessa ciência, mas sim daqueles outros fenômenos que são tentados em reuniões de estudo, com o fim nobre da prática do bem, de se obter instrução e de se adquirir um certo aprimoramento moral. É verdade que às vezes aqueles que são conhecedores do magnetismo provocam o sonambulismo e todos os fenômenos mais surpreendentes que é possível se obter, sem outro objeto além de serem presenciados por aqueles que nunca viram esses fenômenos, para que possam se convencer da sua realidade. Porém, mesmo assim existe um fim que é bom, visto que eles se propõem a destruir a ignorância trazendo, a certas inteligências, meios de convicção para que não desprezem uma descoberta tão importante, chamada a influir poderosamente no progresso da humanidade. Fora destes casos, dirigidos ao proselitismo de uma doutrina de fins elevados, os verdadeiros magnetizadores não o praticam se não for com um objetivo de instrução ou de filantropia.

O magnetismo serve, em efeito, como agente curativo. Antes do clorofórmio e do éter, ele era usado para produzir a insensibilidade nos sujeitos que iriam sofrer alguma dolorosa cirurgia. Na faculdade de medicina de Paris, nos hospitais e na prática particular, ele tem prestado importantes serviços como anestésico. É muito comum, nos países mais avançados do que o nosso em ciências e lá onde não existe um clero tão ignorante como na Espanha, o qual coloca seu veto em tudo o que for progressivo, tirar grande proveito do magnetismo para curar muitas doenças, como agente terapêutico direto, modificando com um fluido saudável o fluido nocivo do doente. Todos os dias veem-se essas curações, a história refere-as por milhares, e dentre aquelas que poderíamos citar, apenas mencionaremos as que não há muitos anos conseguia um velho coronel que residia em Pau, e que foram citadas em *La Filosofía del siglo XIX del doctor Guepin*, que, não acreditando nos prodígios que ouvia contar, viajou para presenciá-los, e afirma que chegavam pessoas aleijadas, paralíticas, e sofrendo outras doenças graves, que ficavam curadas sob a influência do

poderoso fluido magnético do coronel, que não devia ser herege ou ter pacto com o diabo (?), visto rodear-se de práticas religiosas e exigir dos seus doentes rezas e preces devotas, sendo que ele entregava-se à prece também fervorosamente enquanto realizava imposição de mãos sobre eles, para curá-los com seu fluido e sua vontade.

Além disso, o Magnetismo serve também, conseguida essa lucidez, para esclarecer dúvidas no diagnóstico, e indicar os agentes curativos mais convenientes ao caso. Já tivemos ocasião de presenciar alguns desses fenômenos maravilhosos entre médicos instruídos, todos eles se propondo a um fim benéfico, e sem qualquer remota tentativa de enganação. Aplicado ao Espiritismo, é possível se obterem importantes comunicações do mundo invisível, por meio de pessoas que possuem, e têm cultivado para esse fim, a lucidez sonambúlica. É um meio de comunicação que oferece maiores garantias e mais vantagens do que os médiuns psicógrafos. Porque, por intermédio do sonâmbulo, é possível se manter uma conversa com um Espírito, e adquirir a certeza sobre se existe ou não mistificação.

Tais são as vantagens obtidas do magnetismo, sempre que aqueles que o praticarem se proponham a um fim nobre e digno, um fim virtuoso e não bagatelas, ridicularias, ou então algum objetivo imoral ou ilícito. Se em uma sessão de Magnetismo ouvimos um tolo perguntar qual será o número premiado na loteria ou se vai conseguir se lucrar em uma especulação que deseja fazer; se ouvimos alguma tonta interrogar o sonâmbulo para saber onde e no quê seu marido ocupa as horas quando está fora de casa; ou vice-versa, um marido ciumento faz tais indagações, nós nos afastamos desse local, porque esse não é o nosso Magnetismo. Porém se for perguntado ao sonâmbulo ou sonâmbula sobre a doença que um sujeito está sofrendo, indicando se for possível os meios mais convenientes para curar ou aliviar esse doente; se alguém pedir por intermédio do sonâmbulo regras de comportamento moral para se corrigir de algum vício, ou sobre o melhor modo de realizar as obras filantrópicas que está tentando fazer; ou então o sonâmbulo é interrogado para conhecer soluções de árduas questões de assuntos científicos, lá estaremos nós, porque esse sim é o nosso Magnetismo, aquele que temos conhecido, estudado e que iremos praticar quando tivermos oportunidade e necessidade dele.

Achamos, senhor Benito, que nisso não existe perversão de costumes, nem rebelião contra autoridades, nem tantas outras coisas ruins que o Sr. diz que os espíritas e magnetistas trazem. Porém o Sr. qualifica todos eles como pessoas mundanas e de comportamento iníquo, baseando-se em que a Igreja tem anatematizado essa descoberta.

O Sr., e sem dúvida o seu catolicismo, proscvem-no absolutamente, e não apenas no abuso, mas em toda prática e todo estudo de magnetologia; e eis aqui por quê eu falo que sou antes filósofo e fisiologista do que católico, frases que pronunciei na inauguração da minha cátedra de Fisiologia no ano anterior, e que tão indigestas foram para o D. Gerônimo e seus consortes. Quando o catolicismo, do jeito que vocês o entendem, ou seja, não como ele é e como será estudado quando o romanismo perturbador desaparecer, vai contra os avanços da inteligência, e os progressos da humanidade, atribuindo a coisa do diabo fatos e descobertas que não se tem como negar, então é preciso dizer: atrás as preocupações religiosas! Abram alas para a inteligência!

Sim senhor, antes filósofos e fisiologistas do que católicos, visto que o fanatismo e a ignorância pretendem divorciar o catolicismo da ciência.

Porém, apesar de pouco nos importarmos com as decisões da corte de Roma, achamos que sua proibição do magnetismo refere-se apenas aos abusos que podem ser cometidos, e não ao uso que se possa fazer desse agente com bons fins. E sendo assim, procedeu de má fé o autor do panfleto, inserindo a parte da encíclica que fala nos abusos e omitindo aquela que se ocupa do bom uso do magnetismo. Devia, também, ter falado da obra de Teologia moral de M. Gousset, arcebispo de Reims, da obra de M. Bouvier, bispo de Mans, das lições do abade Campert, de certos sermões de Lacordaire, autores, todos eles católicos, que admitem o magnetismo e aconselham autorizar seu uso como um remédio natural e útil, visto não ser permitida coisa alguma que pudesse ofender a moral sã e a virtude. “As forças magnéticas, mesmo não sendo ainda reconhecidas pela ciência, eu acredito nelas sinceramente, dizia o abade Lacordaire, e prefiro antes obedecer à minha consciência, do que à ciência que as proíbe. Por uma preparação divina contra o orgulho do materialismo, Deus quis que houvesse na natureza forças irregulares e irreduzíveis a fórmulas precisas, quase incontestáveis para os procedimentos científicos. Mergulhado em um sono fictício, o homem vê através de corpos opacos e a grandes distâncias, indica remédios eficazes para aliviar e ainda curar as doenças do corpo, parece saber coisas que antes não sabia, esquecendo-as no momento de despertar... Com isso Deus quis nos deixar luzes de uma ordem superior, uma espécie de cratera por onde a nossa alma, escapando por um instante dos laços apertados do corpo, possa se envolver nos espaços que não pode sondar, e que a alertam no sentido de que esta ordem presente esconde uma ordem futura, diante da qual a nossa é apenas o começo.”

O que o Sr. diz, senhor Benito, dessa maneira de apreciar o magnetismo pelo ilustradíssimo e católico Lacordaire? Longe de atribuí-lo a uma obra do

diabo, ele o considera como coisa providencial para ensinamento do Espírito, para que este conheça alguma coisa sobre seus destinos futuros, elevando-se durante o sono magnético ao mundo espiritual, produto de forças naturais, que são, como todas as forças, de origem divina. Será que o Sr. considera também Lacordaire e todos os outros sacerdotes católicos que citei, como homens de conduta iníqua e costumes mundanos, e que tudo o que eles escreveram sobre magnetismo foi para introduzir discórdias na família e induzir à desobediência às autoridades? De propósito procurei essas citações de autores e teólogos respeitáveis que o Sr. não poderá recusar, porque se tivesse citado Deleuze, Puységur, Du Potet, e tantos outros sábios que têm cultivado o magnetismo, com certeza o Sr. os teria desprezado como fez com Mesmer, do qual nem sequer conhece a biografia. É por isso que o Sr. não deveria ter entrado a escrever sobre coisas que não viu, que não conhece, e que muito pouco estudou e aprofundou. Então, longe de conseguir o seu propósito de refutar o Espiritismo e o Magnetismo, o Sr. não conseguiu nada além de patentiar a sua própria incompetência, petulância e ignorância supina, contribuindo, porém, para a propagação do Espiritismo e do Magnetismo a través da polêmica que provocou sobre um assunto cujo estudo teria ficado em um pequeno círculo nesta cidade, não fosse a cooperação do seu panfleto e do jornal *¡España com Honra!*, que me ajudou a difundir uma doutrina civilizadora, que se tem levantado frente aos erros e preocupações da corte romana e a ignorância do clero.

Não foi Mesmer, senhor autor do panfleto, quem inventou a teoria sobre o magnetismo. Esta ciência, que já era praticada em muitos povos da antiguidade, e que foi aplicada na medicina em tempos mais recentes por Paracelso, Van Helment, Maxwell e muitos outros médicos anteriores ao Mesmer, somente recebeu deste a sistematização e o fato de ter chamado a atenção sobre um agente que na sua época estava esquecido. Longe de ter criado esses magnetizadores charlatães de que o Sr. nos fala, que saíam pelo mundo para ganhar a vida com suas sonâmbulas, ele foi um homem genial, e entusiasmado por um agente que acreditava poder curar todas as doenças sem necessidade de qualquer outro recurso terapêutico, espalhando sua propaganda pela França e pela Inglaterra, criando uma sociedade científica chamada Harmonia, à qual pertenceu o mais seletto de Paris em matéria de ciências e posição social, e cuja Associação logo abriu sucursais em Estrasburgo, Lyon, Amiens, Narbona, Malta, etc. Depois, foi cultivado por homens de clara inteligência, e hoje o magnetismo é aceito por todos aqueles que se dedicam aos estudos biológicos, sendo dotados de entendimento para compreendê-lo, porque os talentos *cerris* não são adequados para estas coisas, mesmo que coloquem sobre a cabeça uma borla de

doutor.

Teremos de voltar à sua manuseada doutrina da intervenção de Satanás na produção de todo fenômeno magnético? Tudo aquilo que dissemos dela ao nos ocuparmos do Espiritismo, pode ser aplicado ao Magnetismo. Vamos supor que não existisse hoje uma teoria aceitável para explicarmos os fenômenos magnéticos, que não fosse verdade aquilo que os fluidistas e os espíritas dizem; no máximo, seria permitido apenas negar as teorias e aguardar que ulteriores avanços nos esclarecessem a causalidade de fatos inegáveis e evidentes. De modo que a teoria da intervenção do diabo é uma hipótese interina. Infelizmente para o Magnetismo, das revelações obtidas por meio dele, como também por meio do Espiritismo, não ficou provada a existência do purgatório do romanismo, nem médiuns ou sonâmbulos disseram que era preciso, para sermos salvos, dar muito dinheiro à Igreja, já que, se as comunicações obtidas através deles aconselhassem essas coisas, e também que a humanidade devia entregar sua alma, seu corpo e sua bolsa ao clero e principalmente aos jesuítas, então com certeza a sagrada Inquisição romana teria promulgado mais de cem encíclicas, dizendo que o magnetismo era coisa divina e a mais substanciosa do mundo.

A intervenção do diabo é, pois, uma explicação tola e ridícula, e como contra ela já expusemos opiniões tão respeitáveis como a de Lacordaire, e outros sábios teólogos, deixamos que o Sr. se ponha de acordo com eles sobre o modo de apreciar os fenômenos magnéticos.

O Sr. se entreteve analisando a teoria dos fluidistas e gaba-se de tê-la impugnado. Ao me ocupar do Espiritismo, já expliquei ao Sr. a doutrina dos fluidos, do jeito que ela é entendida pela ciência moderna, e por meio dela e da intervenção do espírito ficam explicados satisfatoriamente todos os fenômenos da magnetologia.

Se o Sr. tivesse começado negando o fluido, não precisaria mais de tanto argumento. Porém o Sr. deixou o fluido para o final, e o leitor não dá com ele até o fim do folheto, se é que tem a paciência de ler o Sr. do princípio ao fim. “É muito incerta a existência do fluido magnético — diz o Sr., sem dar grandes razões para essa negativa — e também que, no caso de existir, ele não pode sair dos *vasos fluídicos*, e não pode ser emitido para fora, no máximo, para dentro, porque se ele fosse lançado para fora, deixaria de ser animado pela alma e, portanto, de ficar sujeito à vontade e de ser instrumento dela; e além disso, que existe solução de continuidade entre o magnetizante e o magnetizado, e que nenhum império pode ele exercer sobre o organismo, como também não pode exercê-lo no próprio corpo sobre um dos membros que cessou de estar em

comunicação com a cabeça, por ter sido cortado o nervo da vontade ou do movimento que estabelecia a comunicação.”

O fluido, que o Sr. pode chamar de magnético, vital, biótico, adâmico, ou como o Sr. quiser, existe, e sua existência fica provada pelos fatos. É verdadeiro o fato de uma pessoa poder influenciar sobre outra com o olhar e com passes dados com as mãos, até o ponto de produzir na outra pessoa o sono, a insensibilidade, a catalepsia, o êxtase, a lucidez sonambúlica, e todos aqueles fenômenos maravilhosos, que o Sr. mesmo não pode negar sem aparecer como um tolo e um incrédulo estúpido? É verdadeiro que quando uma pessoa já está acostumada com a influência do magnetizador, é suficiente a vontade deste último para conseguir os fenômenos, que são produzidos sem advertência prévia à pessoa que ele magnetiza? É verdadeiro que muitas vezes cura-se uma dor em alguém que sofre, sem nada mais do que a aplicação da mão de outra pessoa, mesmo sem haver contato imediato? Com o Sr. nunca aconteceu o fato de ter lembrado, sem motivo algum para isso, de uma pessoa que faz meses ou até anos que não vê, e depois dessa lembrança, essa pessoa lhe aparece em casa ou encontra com ela na rua? Pois todos esses fenômenos não aconteceriam se não houvesse no corpo vivo um agente da ordem dos fluidos imponderáveis, como a eletricidade e o magnetismo mineral, porém de uma ordem superior, visto que seus efeitos o são; fluidos esses que são emitidos à distância e cujos movimentos impressionam outros. Além disso, essa história de *vasos fluídicos* é uma heresia anatômica, e os vasos existentes são para circulação de líquidos. Os fluidos imponderáveis permeiam o organismo todo, cercam todas as moléculas, e são emitidos para o exterior como acontece com o calórico de um corpo que foi esquentado. As pessoas magnetizadas veem seus magnetizadores envolvidos em uma atmosfera luminosa, e quando são suscetíveis de serem magnetizadas por diferentes sujeitos, elas diferenciam a cor do fluido de cada um deles, que vai do vermelho ao violáceo, e designam como fluido forte aquele que é vermelho ou que mais se aproxima dessa cor, e fluido fraco ou suave, aquele que é violáceo.

Se o Sr. tivesse presenciado estudos práticos de magnetismo, saberia por experiência própria todas essas coisas; porém, é lógico, como elas são coisa do diabo, um bom cristão deve negar-se a presenciá-las. O Sr. também não toma conhecimento de um fato curioso, que não deixa de ser frequente em hospitais. Vou relatar um, muito autêntico. Na Faculdade de Medicina de Madrid, um doente teve sua perna amputada, e quando já estava em sua cama, queixava-se de sentir frio na perna cortada, a qual tinha ficado na sala da cirurgia. O professor mandou envolver a perna com cobertores quentes, e o operado sentiu o calor e ficou consolado com isso. Por alguns minutos, e mesmo algumas horas,

os amputados acreditam ter ainda no lugar o membro cortado, e sentem friagem, ou dores, ou sensação de peso, referidos ao pé, à perna, à mão ou à parte que foi separada do corpo. Os tolos satisfazem-se dizendo que são alucinações dos doentes; porém, meditando sobre tais fatos, não há como não compreender que fica por certo tempo, mais ou menos longo, uma união fluídica entre o corpo e o membro amputado.

E observe o Sr. como os fatos demonstram a existência do fluido, sua emissão para fora do organismo, sua continuidade por algum tempo entre o corpo e um membro cortado. Por outro lado, existem na vida quotidiana mil fatos corriqueiros que não têm outra explicação para se produzirem do que a existência do fluido que os gera. Como explicar, então, a simpatia ou antipatia estabelecida instantaneamente entre duas pessoas que estão se vendo pela primeira vez? Como se desenvolve uma paixão amorosa entre dois jovens, com um só olhar? Como o homem exerce forte domínio sobre muitos animais, mesmo feras, que ficam intimidadas, muitas vezes só com o olhar? Esse mesmo exemplo que o Sr. cita, da cobra que atrai os passarinhos, o que é, se não for magnetismo? Todos estes fatos, como também os fenômenos sonambúlicos, o Sr. chama de fascinação. Mas com isso só faz trocar o nome. Explique o Sr. o mecanismo da fascinação, e não encontrará explicação plausível sem lançar mão da influência dos fluidos.

Na sequência, o Sr. acrescenta que essa opinião do fluido “não só é improvável, como também absurda, porque é insuficiente para explicar a transmissão das ideias do magnetizante para o magnetizado, porque por mais útil que se deseje supor esse fluido, ele será sempre material e extenso e incapaz, por conseguinte, de transportar coisas espirituais despojadas de qualquer corpo, como são as ideias, os mandatos, etc.”

Além de que os fluidos imponderáveis não têm as qualidades da matéria palpável, esse argumento não possui qualquer solidez. Mais materiais do que o fluido são a língua e a mão, e servem para transmitir ideias com palavras e com sinais, e bem mais material também é um telégrafo, e faz a mesma coisa. Quando o Espírito põe em exercício sua vontade, ela faz o fluido se movimentar, tanto para entrarem em jogo os órgãos do corpo que anima, quanto para fazer entrar em vibrações uníssonas o fluido de outra pessoa; e por esse mesmo mecanismo, o Espírito do magnetizado recebe a transmissão das ideias do magnetizador, isto é, uma ondulação do fluido harmoniza a ideia, visto que as ideias não passam pelo fluido como as cartas pelo correio, como parece ser que o Sr. entendeu.

“A efeitos inteligentes correspondem causas inteligentes”, o Sr. Diz também. É verdade: mas esse argumento o Sr. deve aplicá-lo àqueles que

sustentam que o fluido é apenas o produtor dos fenômenos magnéticos. Nós, que defendemos a influência do Espírito, como agente, e a do fluido, como instrumento seu, não somos atingidos por essa impugnação. Dentre os fatos magnéticos, existem alguns que são puramente fisiológicos, como o sono, a insensibilidade e a catalepsia; e outros realmente inteligentes, como a lucidez; porém, tanto em uns quanto nos outros, é inegável a intervenção do princípio espiritual.

Pela mesma razão, as considerações que o Sr. faz no número 3º da IV das suas conclusões, não impugnam as nossas doutrinas; pelo contrário, apenas vêm robustecê-las, porque em efeito, o fluido por si só não fornece explicação para todos os fatos da magnetologia, e nem a exclusiva ação do Espírito dá essa explicação. Sob esse ponto de vista, o magnetismo é apenas uma forma das manifestações espíritas, e não existe razão para separar seus fenômenos daqueles que pertencem ao Espiritismo.

O Espírito do magnetizador quer influir sobre o magnetizado, e essa atividade do princípio espiritual basta para que o seu perispírito e o fluido que existe em seu organismo se irradiem para o magnetizado, e o magnetizado, se tiver receptividade e condições de ser influido, fica subordinado à ação magnética, e acontece nele aquilo que o magnetizador desejar, de acordo com as leis que regem os fluidos imponderáveis existentes na organização. Desse modo é produzido o sono e a insensibilidade dos órgãos, é estabelecida a vontade do magnetizante, a catalepsia geral ou parcial, acelerada ou retardada também à vontade a circulação, e são obtidos vários outros fenômenos fisiológicos imensamente curiosos e surpreendentes. O Espírito do magnetizado pode não adquirir uma lucidez própria, e apenas expressar pensamentos e ideias do seu magnetizador, que são percebidas por intermédio dos fluidos postos em conjunção, e é nesse caso quando, em efeito, as comunicações do sonâmbulo não passam dos limites dos conhecimentos do seu magnetizador; porém, outras vezes, por um estado de perfeição do Espírito do sonâmbulo, estabelece-se nele a lucidez própria, e adquire um modo de ser, ainda que momentâneo, igual ao que o espírito possui quando não está mais unido ao corpo, conservando, porém, sua ligação com ele a favor do perispírito. Então o sonâmbulo vê, ouve e fala de coisas alheias às impressões que o magnetizador possa lhe comunicar. Nesses casos, faz descrições de cidades que ele não conhece e nem o seu magnetizador, aparece nele qualquer coisa de ordem profética, porque sua inteligência atinge uma maior extensão, e além disso, ele entra em comunicação com os espíritos livres que o auxiliam com seus conhecimentos superiores, quando a magnetologia é empregada para uma finalidade boa e digna; e nesses casos

também é quando a pessoa magnetizada pode nos relatar conversas mentais que mantém com Espíritos de pessoas que já faleceram, e que se apresentam a ele com tantas evidências que os parentes ou interessados nessas comunicações não têm como duvidar da identidade do espírito com quem estão se comunicando. Por esse procedimento temos visto em muitas ocasiões uma conversa entre uma mãe e seu filho já falecido, tendo o sonâmbulo como intermediário, e também vimos obterem-se comunicações sábias e sublimes, ditadas ao magnetizador por espíritos superiores. Desse modo, e aproveitando essa lucidez, consegue-se que o sonâmbulo enxergue os órgãos enfermos de um sujeito com tanta clareza como se eles fossem transparentes, contribuindo para o estabelecimento de um diagnóstico com grande precisão, e também, pela maior penetração do Espírito do sonâmbulo ou então porque é instruído por algum Espírito, pode indicar o remédio conveniente para uma doença sobre a qual é consultada a ciência do Magnetismo.

Em todos estes fatos temos, pois, o Espírito como agente principal, e o fluido magnético como meio para realizar todos esses fenômenos. A mesma coisa acontece com o movimento das mesas girantes, com os médiuns que escrevem, principalmente aqueles que o fazem inconscientemente, e com os demais fenômenos que foram estudados no Espiritismo. Os Espíritos movimentam com sua vontade o elemento fluídico, de que é feito o seu próprio periespírito, fazendo entrar em vibração o fluido que vitaliza as pessoas que cercam uma mesa que se tenta locomover. A impulsão parte de uma inteligência, o movimento da mesa é um fato físico devido ao impulso que recebe do fluido das pessoas que aplicam suas mãos sobre ela, e que, por sua vez, foi colocado em vibração pelo fluido que irradia do Espírito livre que se comunica ou se põe em relação com elas; e a mesma coisa acontece com os *médiuns psicógrafos*, cujo braço e mão se agitam para escrever por impulso do fluido, o seu, movimentado pelo fluido de um espírito desencarnado.

Não pertencemos, senhor Benito, à escola dos fluidistas nem à dos que apenas dão importância à influência do Espírito. Como o Sr. pôde ver, a nossa opinião é uma síntese de ambas as escolas. Uma pessoa doutíssima do Círculo magnetológico-espírita de Madrid, o senhor Huelves, explicava em uma sessão transcorrida há não muito tempo naquela sociedade: “A atividade livre do espírito traduzida em fatos concretos, manifestando-se em cada momento e em todos os momentos da vida sem relação com tempo e espaço, como também em suas relações múltiplas com a existência, é o que todos nós conhecemos com o nome de vontade. A união com a matéria, às vezes concreta, às vezes difusa, manifestando-se em um fato primordial ao qual todos os outros ficam

subordinados, traduz-se na linguagem vulgar e mesmo científica com o nome de fluido. Assim, a vontade e o fluido são uma mesma coisa, duas fases distintas da imensa trilha que a imensidão eterna desenvolve diante dos nossos olhos como único fim da nossa vida, como único descanso no nosso futuro. O fluido é a matéria, é a fatalidade na criação, é a metade da criação em uma palavra, se nos for permitido assim dividir a obra divina. A vontade é o próprio Espírito, é a liberdade na criação, a metade restante da criação inteira. Poderiam ser separados no homem a vontade e o fluido, o Espírito e a matéria? Impossível! O homem como ser livre, como ser racional, não pode mais abdicar da sua liberdade, da sua atividade consciente ou inconsciente, ele não poderia existir um instante nem fazer qualquer ato sem vontade: o homem também, manifestando-se na matéria como lei do seu progresso, ser complexo que não pode abandonar a matéria porque seria tanto como se aniquilar, e que durante sua passagem em um mundo, ou em seus períodos de existência disseminada, não pode fazer um ato qualquer, nem existir um instante sem fluido... Os nossos sentidos ficam reduzidos a apenas um — o tato, tato de mais ou menos movimento, tato de matéria, tato de força em suma: nossas faculdades anímicas ficam resolvidas na atividade, porque todo o nosso progresso, se deve ser nosso, precisa ser voluntário e, sem a vontade, a atividade é irresponsável. O homem vive a vida da matéria pelo fluido, e a vida do Espírito pela vontade. Como é que uma função tão importante, a função magnética da sua vida, poderia depender apenas de uma só dessas duas fontes, se nenhuma outra conta com tão minguada origem? O homem magnetiza pela vontade e com o fluido. O Magnetismo é o Espiritismo dos vivos: o Espiritismo é o Magnetismo dos mortos.”

Copiamos os belos conceitos acima porque eles batem tanto com as nossas opiniões, que não poderíamos expressá-las melhor com frases próprias. A impugnação tão trabalhosa de D. Gerônimo não ataca aqueles que, como o senhor Huelves e eu, não pertencemos a uma das duas escolas que se têm disputado o campo da verdade acerca da causa dos fenômenos magnéticos. Com a nossa doutrina o Sr. terá a explicação dos fenômenos magnéticos que acha tão fora da ordem das leis físicas, como também daqueles que o Sr. chama de instáveis e ainda daqueles verificados contra a vontade do magnetizador, pois, se a pessoa magnetizada chega a entrar em relação com espíritos livres, eles podem dominá-la com a sua vontade e o seu fluido, mesmo contra as tentativas do magnetizador.

Na quinta conclusão o Sr. reassume seus argumentos contra aqueles que explicam pela única ação do Espírito os fenômenos magnéticos, e além disso

insiste, sem prova alguma, em que as almas não possuem meios para movimentar a matéria ou entrar em comunicação com os mortais, porém convindo em que os espíritas têm razão quando afirmam que esses fenômenos são produzidos por uma causa inteligente. Como eu já refutei essa opinião quando me ocupei do perispírito, seria inútil e enfadonho tornar a repetir a doutrina que já deixei colocada e provada sobre esse particular. Essa doutrina é antiga, acrescenta o Sr., como encerramento da argumentação, e já foi exposta em meados do século passado por Swedenborg, espiritualista místico da Inglaterra. E muito antes do que ele, senhor Gerônimo, pois em todos os povos e em todas as idades da humanidade vamos encontrar alguma coisa sobre Espiritismo e Magnetismo. Mas isso, longe de provar que a nossa doutrina é falsa, vem provar que ela é verdadeira, quando parece encarnada na consciência humana. Pelo fato de uma noção permanecer durante mais ou menos séculos em um estado embrionário, mais ou menos em latência entre os povos, não é possível se deduzir que ela não seja verdadeira. Só que, na época presente, a favor do novo rumo que o espírito humano tem tomado, surgem com maior vigor do que nunca as verdades do Espiritismo e do Magnetismo, cuja ciência tem adquirido um enorme desenvolvimento, apesar dos esforços feitos pelas inteligências atrasadas para sufocá-la.

Que o Evangelho jamais foi lido por nós, porém pretendemos apoiar nele as nossas barbaridades, diz o Sr. também em suas conclusões, e desfia algumas citações para corroborar essa afirmação. Contra elas colocamos algumas, e com isso voltamos ao Espiritismo, considerado sob o aspecto religioso.

“Se me amais, guardai os meus mandamentos. Eu rogarei ao meu Pai, e Ele vos enviará outro *Consolador* para ficar eternamente convosco. *O Espírito de Verdade* vós o reconheceréis porque estará convosco e ficará convosco. O *Consolador* que meu Pai enviará em meu nome ensinar-vos-á todas as coisas e recordar-vos-á tudo aquilo que eu vos tenho dito. Em verdade vos digo que é útil para vós que eu vá, porque se eu não fosse o *Consolador* não viria, e quando ele vier, convencerá aqueles que não acreditaram em mim. Tenho ainda muitas coisas para vos dizer; mas no presente não poderíeis compreendê-las; porém, quando esse *Espírito de Verdade* vier, ensinar-vos-á toda a verdade, porque ele não vos falará por si mesmo, mas sim daquilo que tem aprendido, receberá o que está em mim, anunciar-vos-á as coisas do futuro, e desse modo, glorificar-me-á.” (*Evangelho de S. João, Cap. XIV e XVI*).

Nessa predição vemos anunciada a vinda do Espiritismo, vemos também que Jesus não disse todas as coisas, porque seus discípulos não poderiam compreendê-las, e portanto, as religiões fundadas sobre o Evangelho nunca

estiveram de posse de toda a verdade, visto que ele reservou completar suas instruções para mais à frente. Anunciou a vinda do Consolador ou Espírito de Verdade para ensinar todas as coisas e para relembrar as coisas ditas por Ele; então temos que os seus ensinamentos não estavam completos, e que ele tinha a previsão de que o que ele falava seria desnaturalizado, como em efeito tem sido, por todas as seitas cristãs, a começar pela Igreja romana. Se na época quando Jesus falava os homens não tinham condição para compreender as coisas que ele deixou sem dizer, não se deve pensar que transcorridos poucos anos os homens já estariam preparados. Seriam necessários grandes avanços nas ciências, e portanto, na inteligência humana, e isso apenas podia ser conseguido ao cabo de muitas gerações. Se o novo Messias tivesse chegado pouco tempo depois do Cristo, não teria encontrado ainda terreno preparado para seus ensinamentos. O Espiritismo é uma grande revelação que completa o Evangelho e esclarece as partes escuras que ainda não estavam sendo compreendidas.

O novo enviado não poderia ser o próprio Jesus, visto que Ele disse: “rogarei ao meu Pai para que vos envie outro Consolador”; Ele também não estava se referindo a uma individualidade, como se deduz das palavras “para que fique eternamente entre vós e em vós.” Uma individualidade, um Espírito que tomasse corpo carnal como Cristo, não poderia permanecer eternamente conosco e menos ainda estar em nós. Portanto, Ele faz alusão a uma doutrina, que, quando conhecida, o Espírito apropria-se dela, podendo ficar eternamente em nós. O Espiritismo realiza todas as condições do Consolador, visto não ser uma doutrina individual, não ser uma concepção humana, e cuja fundação nenhum homem pode atribuir a si mesmo. Ela é produto do ensinamento coletivo dos Espíritos, que o *Espírito de Verdade* preside e dirige. Não suprime nada do Evangelho; antes vem completá-lo, dando esclarecimento a favor das novas leis que ele revela, põe a religião em harmonia com a ciência, e explica satisfatoriamente aquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Já teve seus precursores e seus profetas, que pressentiram a sua vinda, e com seu poder moralizador prepara o reinado da felicidade sobre a Terra.

No caso de se pretender que essa profecia de Jesus foi realizada no dia de Pentecoste, com a vinda do Espírito Santo, e que este inspirou os apóstolos, esclarecendo sua inteligência e desenvolvendo neles as faculdades medianímicas, nada teria ficado escuro e incompleto; mas o Espírito Santo não ensinou a eles nada novo, e os apóstolos não realizaram aquilo que Jesus anunciava com a vinda de outro Consolador, nem chegaram com isso a possuir toda a verdade; e assim, pelas obscuridades do Evangelho e as interpretações contraditórias dadas a ele, nasceu essa multidão de seitas que dividem o

Cristianismo desde o primeiro século.

Vemos também, nessa profecia, e em outras palavras que citaremos, a lei das reencarnações, ou a necessidade da multiplicidade de existências. “Outro deve vir, mais tarde, para ensinar-vos isto que eu falo no presente, e dizer-vos toda a verdade, revelando-vos as coisas do futuro.” Como os apóstolos poderiam receber esse novo ensinamento dado pelo anunciado Consolador, se não voltassem a ter novas existências corporais? Essa profecia não faz sentido, ou se faz, é contraditório, se não se admitir que os apóstolos e os homens daquele tempo voltariam a nascer para compreender aquilo que o Cristo não quis revelar a eles no momento, porque não teriam compreendido, e para que acreditassem n'Ele aqueles que não acreditaram na época. Outra passagem bem explícita é encontrada no capítulo XVI do Evangelho de S. Mateus, que diz o seguinte: “Então, os discípulos perguntaram a Ele: Por quê os escribas falam que é necessário Elias vir antes? Jesus respondeu: é verdade que Elias devia vir para restabelecer todas as coisas; porém eu vos declaro que Elias já veio e eles não o reconheceram. Então os discípulos compreenderam que era de João Batista de quem Ele estava falando.” Segue-se disso que o espírito de Elias encarnou na pessoa de João Batista. Eis aqui uma prova do princípio admitido pelo Espiritismo sobre a pluralidade de existências.

Para corroboração do mesmo fato, deixo aqui outra citação, D. Gerônimo, tirada do capítulo III de S. João. “Havia um homem entre os fariseus chamado Nicodemos, senador dos judeus, que veio à noite buscar Jesus, e disse: Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruíres como um doutor, porque ninguém saberia fazer os milagres que tu fazes, se Deus não estivesse contigo. — Jesus respondeu: Em verdade vos digo que ninguém pode ver o reino de Deus, se não nascer de novo. — Nicodemos falou: Como pode nascer um homem já velho? Poderá entrar no seio de sua mãe para nascer uma segunda vez? — Jesus respondeu: em verdade vos digo que se um homem não renascer da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus. Aquilo que nasceu da carne, é carne, e aquilo que nasceu do espírito, é espírito. Não vos admireis disto que vos falo, que é necessário nascerem de novo. O espírito sopra onde quer, e vós ouvis sua voz, porém não sabeis de onde vem ou para onde vai: a mesma coisa acontece com o homem que nasceu do espírito. — Nicodemos perguntou: Como é que isso pode acontecer? — Jesus disse: O que! És mestre em Israel e ignoras estas coisas? — Se não acreditais em mim quando eu vos falo de coisas da Terra, como acreditareis quando eu vos falar das coisas do céu?”

Temos, pois, que o Espírito de Elias encarnou no corpo de João Batista; e que Jesus afirmou com suas palavras a lei das reencarnações, pois embora se

valesse da palavra água em sentido figurado, é preciso levar em conta o estado dos conhecimentos científicos da época, e que na antiguidade acreditava-se que a Terra tinha saído das águas, e que esse corpo era o elemento gerador de todas as coisas. A água era então o símbolo de toda a natureza material: assim como o espírito era da inteligência. Por essa razão dizia-se: que o espírito de Deus era levado sobre as águas; que o firmamento estava em meio às águas; etc., etc. Então, a frase “se o homem não renascer da água e do espírito” deve ser entendida como “se um homem não renascer com corpo e com seu espírito.” Isto deduz-se também da ampliação das suas palavras, acrescentando: “aquilo que nasceu da carne é carne, e aquilo que nasceu do espírito é espírito.”

A crença nas reencarnações fazia parte do dogma judeu, e Jesus, longe de combater essa crença como combateu muitas outras, veio corroborá-la, como acabamos de ver. Em Isaías, lemos a passagem seguinte: “Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada, viverão de novo. Aqueles que estavam mortos em meio a mim, ressuscitarão. Despertai do vosso sono, e entoai os louvores ao Senhor, vós que habitais no pó; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz, e vós arruinareis a Terra e o reino dos gigantes.” (*Isaías*, Cap. XVI, vers. 19).

Além da pluralidade de existências, o Espiritismo admite a pluralidade de mundos habitados por seres inteligentes; ou, em outros termos, a humanidade está espalhada pelo universo inteiro. Quanto ao Espírito que anima os habitantes desses mundos (estamos falando de racionais, visto que existem orgânicos inferiores ao homem, do mesmo modo que na Terra) não existe outra diferença além do grau de evolução, porque a essência e o destino são os mesmos, em todos eles. Com relação ao corpo material que animam, ele está em harmonia com as condições de cada planeta. No Evangelho existem também palavras de Jesus apoiando esta verdade, confirmada pela ciência. “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse Eu vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar” (*S. João*, Cap. XIV, vers. 2). Qual seria então, a casa de seu Pai, não sendo o universo, e os diferentes mundos essas muitas moradas aludidas pelo Cristo nas frases acima? A ciência já estabeleceu a certeza filosófica da existência de milhares de mundos habitados por seres inteligentes; e as revelações obtidas em círculos de estudo do Espiritismo concordam com a ciência e com o Evangelho, e hoje sabemos que existem mundos superiores e inferiores, isto é, de diferenças de perfeição, que possuem as condições físicas apropriadas ao grau de adiantamento dos Espíritos; e, portanto, o Espírito humano vai percorrendo essas moradas à medida que seu estado moral vai se aprimorando, sem poder alcançar aqueles mundos que não estão em harmonia com seu estado de evolução.

As comunicações dos Espíritos nos ensinam que há mundos de expiação ou de provas, como a Terra; outros são de aperfeiçoamento; e em todos eles existe uma vasta escala que vai dos graus muito inferiores até os muito superiores. O estado moral dos Espíritos necessariamente deve guardar relação com o estado de adiantamento físico de cada globo estelar, porque qualquer mundo deve apresentar condições adequadas para a vida moral e material dos seus habitantes inteligentes. Os mundos também têm sua evolução permanente, porque tudo é sujeito à lei do progresso, e os seres que os povoam não teriam como não se harmonizarem com o estado de perfeição de cada mundo. As condições da vida moral e material, em mundos mais adiantados, são diferentes das que existem na Terra. O corpo será, em muitos deles, menos material, com menores necessidades físicas, sem doenças, em uma palavra, com pouco predomínio da matéria. Os sentidos, mais apurados, e em maior ou menor número do que na organização do homem da Terra; e os órgãos todos serão diferentes, conforme as funções correspondentes ao modo de ser da existência material e às faculdades intelectuais e morais que o espírito precisar cultivar em cada um desses mundos.

A vinda do *Espírito da Verdade*, ou do Espiritismo, ficou profetizada pois, mesmo sendo nas formas alegóricas tão características da maneira de falar de Jesus. O fim dos tempos e os sinais precursores são uma bela figura que não se soube interpretar. Anunciam os Evangelistas que o Filho do homem aparecerá sobre as nuvens do céu, com grande majestade, rodeado pelos seus anjos, e que a isto precederão mil desolações, de guerras, de doenças, de tremores de terra, escurecimento do sol, queda das estrelas do céu, e que depois o Filho do homem enviará seus anjos, que farão ouvir o som das suas trombetas, reunindo seus eleitos de um extremo ao outro do céu. No Cap. XIII de S. Marcos podemos ler que o dia e a hora desses acontecimentos é coisa que ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, mas somente o Pai. Quanto aos sinais precursores desses tempos, encontramos também no Cap. XXIV de S. Mateus que muitos falsos profetas irão se levantar e seduzir muita gente. Em todas estas alegorias vemos grandes verdades, expressadas de modo a impressionar fortemente a imaginação, porque nos tempos de Jesus acreditava-se que os grandes acontecimentos da humanidade deviam ser precedidos ou acompanhados por grandes transtornos no firmamento, como terremotos, escurecimento do sol e da lua, queda das estrelas e cataclismos análogos. E assim, eles não apenas são mencionados na morte de Jesus, como também na morte de César e em uma porção de circunstâncias da história do paganismo, porque os escritores, para significar a transcendência de um acontecimento,

descreviam-no rodeado desses transtornos na natureza, que nem aconteceram, e que o bom-senso apenas admite como belas figuras retóricas. Porém, no fundo dessas alegorias, encerra-se a grande verdade das calamidades sem conta que vêm afligindo a humanidade, engendradas pela luta entre o bem e o mal, entre a ignorância e a ciência, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressivas e as retrógradas. Anuncia-se também que o Evangelho será pregado pela Terra toda e restabelecido em sua pureza primitiva; e por último, que irá chegar o reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universal, o verdadeiro reinado de Jesus, porque Ele presidirá ao seu estabelecimento, chegando os dias da alegria após os dias da aflição.

Cristo disse que somente o Pai sabia quando estas coisas iriam se cumprir, e que nem os anjos ou o Filho sabiam. Logo, Ele não fazia alusão aos acontecimentos da sua época, e sim a tempos distantes; e esses transtornos da natureza devem ser tomados como o estado moral das sociedades. Porém Jesus falava aos discípulos destas coisas como se eles fossem testemunhá-las; logo, é evidente que deviam renascer e talvez fazer parte do exército de homens inteligentes e virtuosos que hoje em dia carregam a ciência e a fé reunidas na consciência da humanidade, para que exista uma única família, uma só religião, uma só crença fundamental, que assuma todas as outras e venha despojá-las das suas impurezas, estabelecendo-se assim o verdadeiro catolicismo, o cristianismo universal, que não é, aliás, esse, estreito e minguado que a Igreja romana ensina.

“Quando o Evangelho se houver pregado por toda a Terra, então irá chegar o fim.” Não parece racional que Deus venha a destruir o mundo justamente no momento em que ele entra na plenitude do progresso moral, no tempo da completa encarnação dos seus ensinamentos na humanidade. Aqui temos outra alegoria, e esse fim do mundo não está aludindo à destruição do universo, nem sequer ao desaparecimento do nosso planeta, mas ao fim do velho regime das sociedades, ao fim do reinado do mal, do mundo regido pelas baixas paixões dos homens, substituídas pelo entronizamento do Evangelho em toda a redondeza da Terra; época feliz que irá ser precedida por grandes lutas entre a inteligência e a ignorância, entre o erro e a verdade, entre os fanáticos, os perversos e os exploradores de homens, e os sábios, os virtuosos, e todos aqueles que possuírem incrustado no próprio ser o sentimento da caridade e da fraternidade universal.

Concluirei as menções ao Evangelho, embora pudesse colocar muitas outras, com uma na qual também apoiamos as nossas barbaridades.

“Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei meu espírito sobre toda a carne, vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos

terão sonhos.” *Atos*, Cap. II. Vers. 17.

Vamos a contas, D. Gerônimo. O Sr. não acha que as novas ideias, as tendências, as aspirações e os pressentimentos dos povos, no que vai do presente século, são o anúncio de se estar elaborando uma nova ordem de coisas e que o mundo velho está próximo a desaparecer? “Eu derramarei o meu espírito sobre toda a carne” nada mais é do que a vinda do Espiritismo, as comunicações tão espalhadas hoje, e que cada vez serão mais, dos Espíritos com os vivos para divulgar a todos os ensinamentos de Cristo. “Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões” é a profecia de que a faculdade mediúcnica irá se desenvolver na nova geração. E em efeito, embora existindo casos de mediunidade em todos os tempos, esses foram casos isolados, mas hoje ela aparece como uma faculdade muito comum em pessoas jovens, e muito fácil de desenvolver naqueles que se propõem a consegui-lo de boa-fé e com sã intenção. Nunca, como agora, se viu tantas pessoas passíveis de servir de intermediário para as comunicações com os espíritos, seja pela escrita automática, pela inspiração, pelo sonambulismo ou pelo êxtase natural.

Nunca a humanidade teve tantos profetas. Essas plêiades de poetas, de oradores e de filósofos que, desde o final do século passado e no presente, vêm combatendo com suas ideias, com sua palavra e com as harmonias do seu sentimento, o regime social que está nos sufocando, a atmosfera de erros, de preocupações e de tirania que está asfixiando a humanidade. O que têm sido e o que são eles, senão os profetas dos tempos que se aproximam, da época de igualdade e de fraternidade que está batendo às nossas portas? Está se preparando o advento da República democrática universal e portanto, a realização de todo o ensinamento democrático de Jesus, e com ela vem o Espiritismo como religião única e universal, que não exclui outras, desde que admitirem a existência do Ser absoluto, a existência da alma e sua sobrevivência ao corpo, quaisquer que fossem, por outro lado, tanto o nome dado para designar a causa primeira, quanto as formas de culto que lhe tributarem. É verdade que antes de isto acontecer haverá grandes lutas, e já faz tempo que estamos mergulhados nelas, cada vez mais colossais, porque antes é necessário destruir todos os obstáculos, concluir com todos os déspotas, acabar com todos os exploradores de homens, lançar para fora do templo todos os fariseus, não com a inquisição e os patíbulos, mas com a luz da razão e da verdade; e, no entanto, os profetas da democracia e do Evangelho completo e puro multiplicam-se por toda a parte, alguns anunciando reformas sociais, outros anunciando reformas religiosas, que os povos vão aceitando apesar das pregações de fanáticos e dos obstáculos que os reacionários de todas as nuances

políticas e religiosas opõem.

O que fica exposto basta para deixar completamente refutado o vulgar panfleto intitulado *A Cátedra dos Curiosos*, ou *O Diabo Fazendo Comédias*. E não somente deixamos feita a refutação, mas além disso, deixo aqui colocadas, tão compendiosamente quanto me foi possível, as verdades fundamentais do Espiritismo e do Magnetismo, a fim de dar a conhecer nesta cidade uma nova doutrina, que carrega em si um grande progresso intelectual, que é moralizadora e cristã, e que está em pugna apenas com o materialismo, o ateísmo e o romanismo fariseu. Dou resposta desse modo à algaravia de instrumentos bélicos que têm alvoroçado Salamanca com acompanhamento de pratos, zabumba e bombardão, pretendendo soliviantar as consciências contra o Espiritismo e os espíritas, trombeteando e fazendo muito barulho, da conversa em particular aos decompostos artigos que viram a luz no já defunto jornal *¡España com Honra!* e do confessionário ao púlpito. A todos eles respondi e fico à espera de qualquer um que tente novas impugnações contra a doutrina que deixo assentada.

Não concluirei sem fazer menção da maneira como Benito termina o seu panfleto. Ele diz que é um pecado horrendo estudar as questões do Espiritismo e do Magnetismo, como também ir ver as experiências, mesmo que seja só por curiosidade, e que do mesmo modo fica condenado quem empresta sua casa para esses estudos. Tudo isso importa muito pouco a nós espíritas, que acreditamos seja um pecado bem maior não querer estudar essas coisas, que servem para aperfeiçoar a inteligência e a consciência de quem as cultivar.

Porém, o mais absurdo da obra é a fórmula final com a qual o autor sintetiza toda a sua doutrina e suas aspirações. Ei-la: *guerra ao liberalismo qualquer que seja a forma que ele use para se ocultar, todos são lobos da mesma camada*. Com alguém que diz coisas assim não se deve fazer outra coisa além de presenteá-lo com uma cabeça de burro, para amarrá-lo a uma manjedoura.

É verdade que um dos interlocutores, o sabichão D. Gerônimo, convida os seus comparsas Perico e Salsete para festejar o panfleto com uma garrafa de espírito, parodiando o palhaço Arderius quando fala em uma comédia: “em se tratando de Espíritos, eu prefiro o espírito de vinho.” Assim, não é estranho que a obra do Benito revele em seu autor uma marcada embriaguez de soberba, que unida à sua ignorância supina e à sua petulância, fazem seu perfeito retrato.

APÊNDICE

DEUS

Deus é a inteligência suprema, causa de todas as coisas. Pouco importa o nome que dermos a Ele, desde que estivermos de acordo em que, investigando as causas de tudo o que existe, iremos chegar a uma que é a primeira e anterior a todas as outras. Pois essa causa primeira, não criada por ninguém, da qual tudo provém, é Deus. Suprema e infinita inteligência, que abrange o infinito e está dentro e fora da criação, sem que se possa conceber um ser mais inteligente do que ele, e nem ser compreendido com princípio ou fim, visto que se ele tivesse um princípio ou fosse tirado do nada, teria sido criado por outro ser, superior a ele. Mas o nada, nada pode produzir, e se ele tivesse sido criado por outro ser, este ser seria Deus, e sempre iríamos chegar à existência de uma causa primeira, não criada, infinita e eterna. Além disso, ele é imutável, porque se estivesse sujeito a mudanças, não seriam estáveis as leis que regem o universo e que dependem dele. Não assim a suas obras, que seguem um contínuo progresso; e nesse sentido é como podemos dizer que Deus progride nas suas obras, sem que isso envolva mutabilidade nele, para quem tudo está presente.

Deus é imaterial, isto é, a sua natureza difere de tudo aquilo que chamamos de matéria, porque se ele fosse de natureza material, estaria sujeito às transformações da matéria. Não possui formas apreciáveis aos nossos sentidos, e não é, portanto, um Senhor, como o catecismo da doutrina cristã diz, nem é possível admitir, a não ser como linguagem figurada, a descrição de uma personalidade semelhante à humana, para fazê-lo compreensível. No entanto, essa maneira de descrevê-lo induz a julgamentos errados sobre sua natureza e seus atributos, principalmente em livros destinados a crianças, que adquirem o hábito de comparar Deus com um homem, tanto na forma quanto nas qualidades.

É Deus todo-poderoso, porque Ele fez todas as coisas. Se não as tivesse feito todas, aquelas que Ele não tivesse feito, seriam obras de outro Deus, e isso

seria, além de absurdo, impossível. Ele é também infinitamente justo e bom, como fica demonstrado pelas leis divinas que resplandecem em todas as coisas grandes e pequenas. Sua infinita sabedoria supõe, além disso, a infinita justiça e a infinita bondade, porque o infinito de uma qualidade exclui a possibilidade da existência de outra qualidade para aminorá-la ou anulá-la. Ele é, portanto, infinitamente perfeito, pois não seria possível concebê-lo com a falta de qualquer perfeição, ou existindo outro ser mais perfeito do que Ele. Porém, como Ele é infinito e superior em tudo para poder ser Deus, sua perfeição é igualmente infinita, e seus atributos não são passíveis de aumento ou diminuição.

Deus é único, porque não poderia existir outro Deus a não ser com a condição de ser infinito em tudo, já que havendo entre eles a mínima diferença, um seria superior ao outro e o inferior não seria Deus. Além do que, o infinito de um iria limitar o infinito do outro, e seriam infinitos limitados, o qual é um contrassenso. Sendo assim, Deus é a suprema e soberana inteligência, é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, presente em toda a parte em essência e potência, infinitamente justo e bom e infinito em todas as suas perfeições.

Todas as ciências, para serem verdadeiras, precisam estar em harmonia com esses atributos divinos. Qualquer teoria, qualquer princípio, qualquer dogma, qualquer crença, qualquer prática que estiver em contradição com apenas um desses atributos, que vise anulá-los ou rebaixá-los sequer, não pode estar na verdade. Não pode existir, então, na filosofia, na psicologia, na moral, ou na religião, qualquer coisa de verdadeiro, afastando-se ou contradizendo, minimamente que seja, as qualidades essenciais da divindade.

ESPÍRITO E MATÉRIA

O homem da Terra é tão presunçoso que pretende conhecer e saber tudo, e se não fosse porque nessa mesma aspiração vemos uma prova da vida eterna do seu espírito, iríamos condenar esse orgulho sem limite da sua inteligência. Aquele que se gaba de não haver nada que possa escapar à compreensão da razão humana, cai frequentemente em erros lamentáveis. Quem, pelo contrário, admite que a inteligência do homem do nosso planeta tem um alcance adequado às condições de organização e aos meios de existência neste globo, e que, portanto, faltam ainda sentidos ao corpo e faculdades à alma para perceber e compreender muitas coisas do universo, evita os escolhos dos racionalistas e

materialistas, e completa seus conhecimentos até onde é possível serem adquiridos na Terra, dando fé e crédito às verdades reveladas, como as obtidas pelas boas comunicações dos espíritos. E mesmo quando estes, por superiores e elevados que possamos supor que são, não possam nos ensinar aquilo que está fora do nosso alcance intelectual, sempre as suas comunicações completam os esforços da nossa razão e nos levam à posse de conhecimentos que não poderíamos adquirir, nem pelos nossos sentidos, nem pelo nosso raciocínio. Por isso é que o Espiritismo, mesmo coincidindo muito em sua filosofia com a mais adiantada das escolas modernas, isto é, a escola de Krause, fornece soluções mais amplas, mais completas e mais compreensíveis. Por isso também, apesar da ciência biológica ter adquirido um grande desenvolvimento, e ter resolvido questões antropológicas transcendentais, as comunicações espíritas comprovam essas soluções e afirmam outras, que a ciência apenas se atrevia a assinalar como hipóteses. Por isso, igualmente, as comunicações espíritas completam as aquisições feitas pelos estudos de astronomia transcendental e de geologia, e a seu favor foi possível formar uma doutrina cosmogônica, em parte revelada, e de acordo com as aquisições da ciência. Por isso, enfim, essas mesmas comunicações ilustram a razão e o senso moral, para confirmar tudo aquilo que a razão e a ciência já pressentiram sobre a insuficiência de todas as religiões positivas e a necessidade de a humanidade aceitar uma só, única e universal, a do amor e a caridade; porém, sem querer obrigar povos ou homens a abandonarem práticas, fórmulas e símbolos que hoje acatam, mas que irão substituir quando estiverem mais ilustrados pela prática das virtudes, que é a verdadeira religião, e que não exige templos, estátuas ou sacerdotes.

Observem como o Espiritismo veio com soluções novas em filosofia, em ciências e em religião. Já vimos como compreende Deus, e como é diferente o conceito que ele faz da inteligência suprema ou da causa primeira, do conceito histórico que até aqui a humanidade tinha formado sobre a grande causa. Outro tanto acontece com o espírito e a matéria.

Por muito que esforcemos o nosso raciocínio, não chegaremos a entender o que eram o espírito e a matéria antes do começo da criação. Não conhecemos a essência do espírito, ou a essência da matéria; apesar de os materialistas ficarem orgulhosos e gabarem-se, achando que o seu método é o melhor por não admitirem nada fora da matéria, chamando de matéria tudo que impressiona os sentidos, o fato é que com apenas um pouco de meditação chega-se à compreensão de que o que impressiona os sentidos não é a matéria, mas sim os corpos, que são modos de ser da matéria; porém, esta eles não a conhecem, não a viram, nem a tocaram, e não sabem nada da sua essência ou de seu estado

anterior à sua constituição em forma de corpos. Tudo que foi dito sobre esse particular, é hipotético; e o Espiritismo, ao aceitar revelações de além-túmulo sobre tão árduas questões, não entra em contradição com a ciência humana, mas busca alguma luz em assuntos onde a razão permaneceria sempre nas trevas sem esse auxiliar poderoso.

Os esforços da razão humana completados pela revelação espírita permitem hoje acreditar que o espírito e a matéria são a criação primeira de Deus, ou melhor, sua criação única, porque as posteriores são apenas uma consequência forçosa das propriedades desses elementos e das leis pelas quais eles deveriam se reger. Sendo Deus de toda a eternidade, e não concebendo n'Ele um período de contemplação e quietismo, o espírito e a matéria devem ser, também como Ele, eternos; e como nada havia além d'Ele, preenchendo o infinito, o espírito e a matéria são apenas a realização da sua vontade; e, de modo figurado, para que isto fique mais compreensível, poderíamos dizer que: uma grande atmosfera espiritual saída da inteligência única, penetrando em outra de matéria primitiva em estado de eterização como quando saiu emanada também do próprio Deus, preenchia o espaço infinito; uma e outra atmosfera, ambas permeadas pela grande inteligência, eram o perispírito de Deus e, impulsionados por Ele, esses dois elementos, o espírito universal e a matéria primitiva universal, saíram para realizar na eternidade todos os fenômenos de uma criação permanente e de uma evolução infinda, sujeitos às suas propriedades respectivas e às leis estabelecidas desde o primeiro impulso recebido. O espírito era a força e a matéria o seu meio de se manifestar, e nenhum desses dois elementos podia ter realização sem o outro. Já com o espírito universal movimentando a matéria universal e obedecendo leis determinadas para sua respectiva essência, harmônicas sempre, entre si e as de um elemento para com as do outro, foi feita a criação com esses elementos e com sujeição a essas leis; todas as evoluções que a matéria e o espírito realizarem, são em cumprimento dessas leis, sem necessidade de supormos, como as teologias querem, que Deus está sempre intervindo de modo imediato, tanto nos fenômenos materiais quanto nos espirituais. As forças possuem suas próprias leis de evolução, assim como a matéria também possui as suas, para responder aos impulsos das forças, e o espírito obedece suas próprias leis; por não tê-las estudado e conhecido bem é que foram inventadas explicações absurdas para dar explicação aos atos do espírito humano.

Temos, pois, como anteriores à criação, três elementos, Deus, ou inteligência suprema, espírito universal e matéria universal em seu estado primitivo, que são a única trindade do universo. O espírito era a força, o agente

da vida, o elemento intelectual, tudo isso latente naquele tempo e sem outra ação além da própria atividade. A matéria era imponderável então, inerte por si mesma, porém com receptividade para exteriorizar todas as impulsões do espírito. A missão do espírito foi a de realizar a criação, objetivar-se e objetivar a vontade divina, desenvolver-se no curso da matéria, desenvolver por seu intermédio as suas faculdades latentes, da simples atividade ou movimento até a sensibilidade e o instinto, até a inteligência e a consciência individuais, com outras faculdades que ainda não desenvolveu em sua passagem pela Terra, mas que desdobra em vidas e em mundos de maior perfeição.

As evoluções, pois, do espírito, vão unidas às da matéria, e esta existe para que ele possa realizar seus progressos e cumprir seu destino. Como se vê, não foram criados de início espíritos individuais, nem muitas matérias, mas sim uma só matéria passível de adquirir multidão de modalidades e de se individualizar em corpos, e um só espírito passível também de modalidades e de se individualizar no transcurso do seu aprimoramento.

CRIAÇÃO

Depois que o espírito universal único, e a matéria primeira única emanaram da causa primeira, funcionaram conforme às suas propriedades e com sujeição às leis impostas pela inteligência absoluta. E o espírito fez a matéria se movimentar no espaço. E, no seu movimento, obedeceu a lei da atração que determinava uma maior aglomeração em certos pontos do que em outros, estabeleceram-se centros de movimento, e a matéria ficou subordinada à concentração e expansão, isto é, às forças centrífuga e centrípeta da mecânica celeste. Assim, essa matéria primitiva ou coética ficou acumulada em quantidade maior em certas paragens do que em outras, como se um grande oceano se dividisse em muitos lagos; e cada uma dessas massas cósmicas eram o germe de sistemas planetários.

Aquilo que a ciência conhece com os nomes de luz, magnetismo, eletricidade e calórico, não eram agentes materiais, mas propriedades da matéria cósmica, aliás, modos do seus movimentos, movimentos esses que se transformavam em agentes poderosos para as transformações da matéria. A favor desses agentes, uma massa cósmica fracionava-se em porções que tinham em si um centro de atração, de condensação e de movimento; ao mesmo tempo, uma das frações sustentava as outras atraídas a si, desdobrando-se entre essa

força atrativa e a tendência a se afastar em cada massa um movimento ao redor da massa central; assim iniciou-se a primeira fase dos sistemas planetários, com seus sóis, seus planetas e os satélites deles, que são desprendimentos da matéria cósmica do sol ao redor do qual eles giram, porque ficaram dentro da sua esfera de atração. O movimento de cada corpo estelar, ao redor do seu eixo e ao redor do centro comum do sistema, produzia maior densidade em sua matéria, condensando-se e solidificando-se por camadas a partir da periferia para o centro, fenômeno que devia ser mais rápido quanto menor o volume do corpo estelar em questão; ao se verificar essa condensação da matéria cósmica em cada planeta, aconteceram grandes ações físicas e químicas, por causa das modalidades do movimento dessa matéria, ou seja, ao seu lumínico, ao seu calórico, à sua eletricidade e ao seu magnetismo; houve então a primeira associação atômica, a gênese dos átomos elementais, e depois das moléculas, polarizadas de modo diverso, cada um daqueles que constituía modalidades diferentes da matéria, e que foram os corpos chamados de simples na nossa química e seus analógicos, nos demais corpos estelares. Por sua vez, esses primeiros corpos combinaram-se entre si e deram lugar aos compostos, acontecendo na sequência uma série de grandes operações para a formação do estado ponderável da matéria em cada planeta.

Essa criação de mundos não aconteceu de uma só vez, mas sucessiva e permanentemente, de tal modo que, quando um sistema planetário estivesse no período de simples nebulosa ou de aglomeração de matéria difusa, outros sistemas já teriam completado a sua formação e ostentariam toda sua beleza e brilho, trazendo em si inclusive o desenvolvimento da vida orgânica e da inteligência. Hoje mesmo está acontecendo isso diante dos nossos olhos, e o telescópio penetra em lugares longínquos do espaço, permitindo-nos contemplar corpos celestes em diferentes períodos do desenvolvimento estelar, da tênue nebulosa que começa, aos mundos decrépitos que se desagregam para voltar em forma de matéria cósmica à massa etérea de onde saíram. O mesmo fenômeno é observado nos mundos de um mesmo sistema; enquanto alguns já estão muito adiantados em sua consolidação, existem outros rarefeitos ainda, quase gaseiformes e ainda sem condições de habitabilidade. A criação de mundos continua, e por isso dizemos que ela é permanente e eterna.

A julgar pelo que conhecemos da Terra, que é o planeta que nos é possível estudar melhor, transcorreram nele longos períodos sem que tivesse condições para o desenvolvimento da vida orgânica, e portanto é de se deduzir que com outros planetas aconteceu e ainda acontece a mesma coisa. Porém não se deve inferir que todos eles possuam idênticas ou sequer parecidas condições físicas,

ou que as organizações e seus meios ambientes sejam análogos aos da Terra. No tocante à Terra, a geologia nos ensina, e a revelação espírita confirma, sobre as várias épocas da formação da vida orgânica, dos cataclismos que aconteceram e que fizeram mudar a situação de terrenos já formados. Quando as condições do nosso planeta permitiram determinadas combinações dos corpos da química, nasceu a matéria orgânica e apareceram os primeiros seres vivos, sem germes prévios e por uma primeira geração espontânea, cujas organizações têm sido cada vez mais complexas, desaparecendo umas espécies para serem substituídas por outras em cada uma das longas épocas geológicas, que representam milhões de anos e de séculos, como testemunham os terrenos diversos, das rochas primitivas até os horizontes superiores do quaternário, com a grande espessura de muitas de suas camadas, com os sinais dos repetidos transtornos acontecidos em sua estratigrafia, e a enorme quantidade dos restos orgânicos fósseis que a paleontologia está descobrindo a cada dia. Cada época geológica teve condições diferentes das anteriores para o desenvolvimento da vida orgânica, e sempre as espécies novas têm sido mais perfeitas do que as antigas. E, como se as espécies inferiores tivessem se metamorfoseado nas imediatamente superiores, vê-se que apareciam bosquejados, nas primeiras, órgãos que depois iriam adquirir seu desenvolvimento na época seguinte, como vemos nos répteis alados que foram os precursores dos pássaros. Este fenômeno está sujeito a uma lei fisiológica, cuja fórmula é: que as necessidades criam órgãos, e que tudo aquilo que assim for adquirido, conserva-se por geração. Daí que, ao acontecerem grandes, extensas e profundas mudanças no planeta, que influenciaram fortemente e por muito tempo os seres orgânicos que existiam na época, com certeza aconteceu que aqueles que não puderam suportar essas mudanças pereceram, chegando assim ao desaparecimento de espécies inteiras, que não se reproduziram depois; e aqueles que conseguiram compatibilizar sua existência com as novas condições dos meios ambientes modificaram suas organizações pela influência desses novos meios, iniciando assim modificações na estrutura anatômica para poderem realizar outros impulsos fisiológicos; e assim foi como se desenvolveram novos órgãos e aparelhos, modificando-se as espécies, que passavam de uma inferior para outra mais perfeita. Desse modo, a organização foi metamorfoseando, dos moluscos aos peixes, répteis, aves e mamíferos até chegar, por transições, aos macacos, ao orangotango e ao homem.

Em toda essa dilatada evolução da matéria no nosso planeta, análoga àquelas verificadas em outros, o espírito é quem fornece a impulsão, adquirindo ele próprio modalidades e perfeições nesse movimento incessante, ineludível em seu ser. Desse modo, desdobra tudo quanto nele existia de latente, e

individualiza-se, adquirindo personalidade, desenvolvendo instintos quando passa por certas organizações, afetos em outras, e faculdades intelectuais de consciência e livre-arbítrio nas últimas.

Sendo assim, as organizações são como uma espécie de filtros por onde o espírito vai passando para adquirir maiores aprimoramentos a cada vez. O homem, então, considerado na sua parte orgânica ou material, é o último esforço da potência criadora do planeta, transformação de seres de outra espécie inferior, e que foram sendo aperfeiçoados com as gerações; porque os homens primitivos com certeza possuíam formas mais toscas e grosseiras do que os atuais, sendo inclusive dotados de imperfeições em certos aparelhos, que iriam sendo corrigidas com o tempo. Daqui inferimos que, como as causas geológicas que deram lugar a essa metamorfose de uma espécie inferior na espécie humana, com certeza foram bastante extensas, os indivíduos metamorfoseados não foram apenas um só macho e uma só fêmea, mas vários ou muitos ao mesmo tempo, e em diferentes regiões do globo. Houve, então, muitos Adões, diferenciados por razão das causas de localidade, e daí a multiplicidade das raças humanas, provenientes de diferentes pais, embora formando uma só espécie, visto que o cruzamento delas não dá produtos híbridos, que seria o argumento contra essa unidade. Quem conhece a história natural sabe que o caráter distintivo das espécies é esse, isto é, o fato de não ser possível o cruzamento, ou se ele existir, os produtos são infecundos ou híbridos; embora possa acontecer que a potência prolífera continue até a segunda ou terceira geração, ela esgota-se afinal, e os filhos que gera são infecundos.

Sob o ponto de vista espiritual, o homem é uma individualização do espírito universal único, que veio evoluindo através da matéria inorgânica e organizada, até chegar a adquirir a perfeição que corresponde à organização que anima. O espírito tem seguido, então, o mesmo caminho da matéria, que a partir da cósmica primitiva, foi passando por vários estados de matéria ponderável e mais tarde organizada, percorrendo a longa escala, dos zoófitos até a organização humana. Só que o que existe de material nos seres é mutável e transitório; o espírito é que é permanente, sendo que no homem não somente já possui personalidade, como também liberdade e consciência, com sujeição à lei das suas evoluções contínuas.

Existem motivos para pensarmos que com o transcorrer dos séculos acontecerão outros cataclismos no nosso planeta, que irão transtornar os continentes e os mares; e que irão dar lugar a mudanças nas condições dos meios ambientes, o qual tornará incompatível com eles a vida de muitas espécies, modificando profundamente as condições daquelas que conseguirem

suportar as novas influências telúricas. Desse modo, as organizações serão transformadas, aparecendo a organização das raças humanas modificada até o ponto de possuírem outros órgãos, e de se constituir uma espécie humana superior a esta de hoje, com maior alcance intelectual, com maiores faculdades desdobradas em seu espírito, com menores necessidades físicas, com menos inclinações ruins, com melhores aptidões para as virtudes e o estudo, isto é, para o exercício da vida espiritual.

Como existem milhões de sistemas planetários, e cada um deles está em diferente grau de desenvolvimento, sendo que alguns estão no início da sua formação, enquanto outros já estão se desagregando para transformar sua matéria em elemento cósmico e retornar ao éter universal, de onde veio e para onde retorna tudo aquilo que é matéria e, como o Espírito já individualizado continua em uma evolução indefinida, precisa procurar, em seu caminho eterno, mundos cujas condições materiais sejam adequadas e harmônicas com seu grau de aprimoramento, e por essa razão ele estará percorrendo planetas e sistemas planetários a través da imensidão. Obedece assim à lei da evolução, imposta à criação inteira, adquire novas faculdades, conhece cada vez melhor a Deus em suas obras, e cumpre seu destino, que é o aprimoramento contínuo. A matéria existe para que o Espírito possa se manifestar, como já foi dito aqui, e o Espírito une-se à matéria harmônica e adequada a ele, e à qual ele próprio imprime o modo de ser que ela deve ter para os fins que ele precisa.

Compreende-se, então, que dando-se o nome de humanidade a todos os seres inteligentes, ela está espalhada pelo universo todo, em diversos graus de evolução, segundo os diferentes mundos; e as organizações serão variadas e diferentes para cada um deles, e irão ser menos materiais quanto maior for a perfeição dos espíritos. Seguindo-se disso a existência de mundos onde os corpos que servem os espíritos inteligentes são pouco densos, tênues, em alguns deles são gasosos e mesmo etéreos; do mesmo modo, suas funções orgânicas irão se afastando da animalidade, com menos necessidades; talvez existam mundos onde apenas existe a necessidade do sono, ou do repouso; talvez existam aqueles onde os seres humanos não sejam reproduzidos por sexos, e sim por combinações de elementos materiais do planeta, sob a vontade do próprio Espírito, em que cada um irá organizar seu corpo material, não existindo, portanto, sexos nem geração; sendo também provável uma variação do número e alcance dos sentidos, onde o espírito possua maiores faculdades do que no nosso planeta, e onde, portanto, poderá ele adquirir conhecimentos que aqui não é possível nem mesmo imaginar.

Sobre todos estes grandes problemas que não podemos resolver, ou no

máximo, apenas fazer conjeturas que mais parecem fábula do que ciência, as comunicações espíritas têm fornecido instruções que não poderíamos ter adquirido pelos sentidos nem pela palavra; e os espíritas conhecem um pouco mais do que os sábios acerca dessas questões, já que os Espíritos adiantados dignaram-se a revelar o estado de certos mundos, o modo de organização humana em vários deles, certas condições da sua existência, duração de vida, e uma porção de coisas que, mesmo não tendo no momento meios de comprovar, batem com as ciências astronômicas e biológicas que conhecemos, satisfazendo a nossa razão e preenchendo lacunas que sempre existem na ciência humana, por muito que ela possa se aprofundar.

Como se vê, no Espiritismo a coisa menos importante são esses fenômenos maravilhosos que o vulgo procura, visto que o principal é a sua doutrina. É verdade que o modo de se chegar a ela foram esses fenômenos, como também a alquimia serviu de base para a química e a astrologia foi ponto de partida para a astronomia. É bom esses fatos se repetirem e até mesmo serem provocados, principalmente em todos os círculos familiares, que é onde eles melhor são obtidos; mas nas sociedades de estudo, o principal deve consistir em se procurarem ótimos médiuns, e buscar por intermédio deles o aprimoramento da doutrina, apresentada a nós sob estes três aspectos, como filosofia, como ciência e como religião.

O ESPIRITISMO COMO FILOSOFIA

Alguns dizem que a filosofia espírita é a mesma de Krause, e isso é devido a que os médiuns leram ou então ouviram falar nessa última escola filosófica alemã, e quando dizem receber comunicações sobre questões de filosofia, elas são soluções krausistas. É verdade que chama a atenção o fato de que muitos dos livros escritos sobre Espiritismo, muitas das comunicações dadas em todos os países e em todos os círculos de estudo, evocando espíritos para consultar com eles sobre assuntos filosóficos, estão de acordo e não se contradizem, sendo coincidência o fato de os médiuns todos estarem ao par da filosofia krausista, tão pouco estudada e generalizada em alguns países, como acontece na Espanha. Além do fato de a filosofia espírita ser mais completa do que a de Krause, ela resolve também um maior número de questões; e de um modo tão simples e claro, que ficam ao alcance de qualquer um. É mais justo se pensar que a evolução da filosofia já vinha preparando as inteligências para elas poderem

receber o Espiritismo, e que a escola krausista, como a mais avançada, é aquela que se parece mais com a nossa. Quem poderia afirmar que Krause não tenha sido inspirado por inteligências encarnadas superiores, como são e foram inspirados tantos homens que têm fornecido conceitos à humanidade para sua evolução, ou então, por um Espírito encarnado com grandes conhecimentos de outras existências, que veio no cumprimento de uma missão? Quantos existem e existiram em todos os tempos, que são médiuns sem o saberem? Não quer isto dizer que Krause e outros homens em diferentes estudos não devam seus conhecimentos e sua superioridade aos seus próprios esforços, pois aqueles que conhecem o Espiritismo sabem perfeitamente que não por um Espírito estar separado do corpo, ele já possui o *súmmum* da ciência; e como cada Espírito, encarnado ou não, possui um grau de adiantamento igual ao caminho já percorrido por ele, proporcionado ao cultivo que ele fez da virtude e do estudo, existem muitos que no estado de encarnados sabem mais coisas e são melhores do que inúmeros desencarnados. Isso explica a inferioridade de muitas das comunicações obtidas pelos médiuns e as contradições, entre elas e com as nossas ideias, em algumas matérias. Qualquer comunicação espírita corresponderá ao grau de perfeição do Espírito que a ditar.

Deixando essa digressão e voltando ao tema deste capítulo, vamos dizer que toda a parte filosófica pode ser condensada no modo como cada escola compreende a inteligência humana. Por essa razão o selo ou caráter dos materialistas consiste em dizer que tudo o que existe é matéria, e que todos os fenômenos intelectuais e de consciência são um efeito de um grau avançado da matéria orgânica; que por tanto não existe Espírito nem vida futura, porque aquilo que não é matéria é o nada; e, o Espírito não sendo matéria, o Espírito é o nada; do mesmo modo, sendo a inteligência um produto da organização, quando a organização morre e suas partes são desagregadas, cessa a causa dos fenômenos inteligentes, e a vida intelectual e moral é aniquilada. Partem de uma hipótese falsa, pois afirmam que matéria é tudo aquilo que impressionar os sentidos; porém não existem premissas para se inferir que tudo aquilo que não impressionar os sentidos seja o nada, sendo que o lógico é afirmar apenas que não é matéria.

E existindo fenômenos que não cabem dentro das leis da matéria, que não são mecânicos, físicos, químicos ou fisiológicos, eles são produzidos por outra coisa, que não é matéria, a que se deu o nome de Espírito. Qual seja a essência do Espírito, já foi dito que não sabemos, como também não conhecemos a essência da matéria. É provável que em mundos mais perfeitos a inteligência possa chegar a conhecer essas coisas.

O materialismo moderno não se conforma com que a inteligência do homem venha a concluir com a morte, e para explicar a perpetuidade do ser, admite que a matéria é modificada ao ponto de se transformar em elemento material inteligente e consciente, da essência dos fluidos, talvez o mesmo fluido magnético, que tendo evoluído dentro de um cérebro humano, desprende-se dele quando morre como o perfume de uma flor, e continua vivendo com os conhecimentos e lembranças adquiridas e a consciência da sua existência. Como vemos, aqui a diferença de opiniões é maior no modo de expressão do que no fundo. São espiritualistas que se envergonham disso, já que precisam ir parar na criação da matéria com todas as propriedades do espírito e tirá-las das leis que regem a matéria para seguirem o impulso de outras leis, assinaladas pelos espiritualistas para o elemento não material.

O panteísmo tem por caráter admitir um espírito universal, inteligência única do mundo, que anima toda a matéria, que passa por ela em suas múltiplas variedades, e que retorna ao foco comum, perdendo a individualidade. Deus é tudo, e tudo faz parte de Deus. São tantos os erros desse sistema e têm sido tão refutados, que não vamos perder o tempo em reproduzir tudo o que foi dito para sua impugnação. Baste, para não concordarmos com ele, sabermos que após a morte a personalidade humana é perdida, e que na sua vida futura todos os espíritos ficam confundidos em um só, trazendo cada um deles para esse espírito universal, ora a sabedoria, ora a ignorância, a beleza da virtude ou os horrores do vício; e que tudo o que seja pessoal, fica aniquilado ou confundido em um mesmo ser.

Os espiritualistas admitem uma entidade distinta da matéria; porém os filósofos dessa escola limitaram-se a averiguar as suas propriedades e faculdades, a estabelecer sua atividade, seu livre-arbítrio, sua consciência e todas as suas faculdades, assim como sua imortalidade; e apenas as teologias entraram na questão de querer averiguar sua origem e os destinos ulteriores. Certamente é incompleta a filosofia espiritualista se ela se limitar a compreender o espírito em apenas o momento da sua união com o corpo humano; e eis aqui o por quê do Espiritismo ser o complemento da filosofia espiritualista, e mesmo da parte prática e experimental que faltava a ela. Assim como a ciência da matéria ficaria incompleta também se não procurasse pesquisar sua origem e as leis que regem todas suas metamorfoses.

O Espiritismo ensina, como já deixamos colocado, que antes da criação existia o espírito universal com atividade e faculdades latentes, não individualizado ainda, e que, mexendo e metamorfoseando a matéria, foi e continua se individualizando, desdobrando faculdades até adquirir a

consciência, o livre-arbítrio e a inteligência, que são caracteres do Espírito quando atua sobre a organização humana. Ensina também que quando um Espírito encarna pela primeira vez em uma organização humana, sem ter estado ainda em outros planetas, ele já cultivou os instintos na escala zoológica. Admite que o Espírito inicia sua união com o corpo justamente no instante da concepção, a favor de um fluido etéreo que sempre o acompanha, mais ou menos tênue de acordo ao seu grau de perfeição, que recebe o nome de perispírito, e que ele mesmo impulsiona os materiais da geração para determinar as aptidões da sua organização. Admite também que nessa nova organização aprimora e purifica seus instintos da animalidade anterior, e nela encontra o meio de desdobrar novas faculdades. É doutrina espírita que, chegado o instante de se separarem espírito e corpo carnal, desliga-se deste o perispírito, que constitui a essência da vida e, ficando livre o Espírito com seu perispírito, o corpo subordina-se às leis da matéria e desagrega-se, e o Espírito continua vivendo, conserva sua individualidade, tem consciência da própria existência e de tudo o que executou. Esta vida, chamada livre, não é lúcida a partir do instante da morte. Existe um período de perturbação mais ou menos longo, no qual o espírito não possui consciência clara da própria existência. O conhecimento e as crenças do Espiritismo podem abreviar esse período, do mesmo modo que ele poderá ser prolongado pela falta de cultivo intelectual, o apego aos prazeres materiais, o ceticismo, além de outras causas.

O Espírito contempla o próprio corpo que acabou de deixar, vê inclusive a putrefação do cadáver, e quando está em perturbação, que aliás, é o mais frequente, tudo isso é para ele como um sonho ou pesadelo, até ir aos poucos adquirindo a consciência do fim de sua vida corporal. Para os Espíritos adiantados, essa lucidez surge muito depressa, e para alguns, no mesmo instante da morte.

Sendo que a evolução não termina e nem pode terminar com apenas aquilo alcançado em uma existência, e como o Espírito precisa da matéria para evoluir, depois de desencarnado ele volta a tomar corpo, na humanidade do nosso planeta ou em outros mundos, onde existam condições harmônicas com seu grau de perfeição. Assim, o Espírito humano caminha de planeta em planeta, até chegar a um grau de aprimoramento tal que não mais precise dessas encarnações materiais; então suas evoluções sucessivas e sem fim irão se realizar em mundos ou horizontes etéreos, tendo adquirido um grau de perfeição tão alto pela ciência e pela virtude, que passará a fazer parte dessa elevada hierarquia, que é figuradamente chamada de anjos e arcanjos por algumas religiões.

Nesse caminhar dos Espíritos de um planeta para outro, não existe uma ordem para todos, porque isso depende da sua perfeição, maior ou menor, e a perfeição dos diversos planetas também não guarda qualquer relação com a distância ao sol. As comunicações espíritas têm dado um certo conhecimento sobre esse particular, ensinando em quais planetas a inteligência da humanidade é mais avançada. Um Espírito pode encarnar na Terra sem ter encarnado ainda em outros planetas, ou então depois de uma ou várias existências em um ou vários planetas; como também pode encarnar muitas vezes na Terra, por isso ser necessário para adquirir condições que permitam a ele encarnar em outro lugar. E essa evolução não está encerrada no nosso sistema planetário: o Espírito continua se aprimorando em todos os sistemas, que, sendo infinitos, sua evolução também não tem fim. Às vezes um Espírito não encarna em um mundo para adquirir perfeições em si mesmo, mas para cumprir uma missão providencial que faça a humanidade progredir.

Sempre que um Espírito encarna de novo, isto acontece pelo processo exposto, e ele torna a cair em um período de perturbação, perdendo a lembrança de todo seu passado enquanto percorre sua nova existência material. Existem, porém, aptidões, inclinações, ideias e às vezes até conhecimentos inatos, lembrados pelo Espírito de outras existências.

Observem-se, então, como o Espiritismo não é a filosofia de Krause, por muito que esta, como muito avançada, seja incluída naquela, e como ele estuda o espírito em todas suas evoluções, do ponto de partida do espírito universal até a maior perfeição que a nossa razão pode conceber, em suas múltiplas vidas parciais, que são fases da sua única vida imperecível.

Bastem essas breves colocações para compreender o alcance e a essência do Espiritismo considerado como filosofia. Iremos examiná-lo agora como ciência.

O ESPIRITISMO COMO CIÊNCIA

O estudo do Espiritismo e das verdades que ele encerra, parte de fatos e possui sua base como todas as ciências positivas. Na primeira parte deste folheto já me ocupei dos fatos. Todos os fenômenos espíritas realizam-se, como já provamos, pela influência dos Espíritos, que nos fenômenos físicos utilizam-se do fluido do seu Espírito, do fluido dos médiuns, e do fluido que cerca e permeia os objetos. Não insisto nestas explicações, que já dei na primeira parte. Limito-

me agora a dissipar uma dúvida que vem se opondo aos fatos espíritas. Muitos falam que não viram nenhum fenômeno, e outros afirmam que apenas viram alguns, muito poucos, e que portanto não acreditam neles nem nas consequências doutrinárias que desses fatos nós deduzimos, enquanto não os comprovarem por si mesmos. E acrescentam que, como para a constituição das ciências são necessários dois fatores, isto é, a razão e os fatos, faltando este último no Espiritismo que eles viram, não pode haver o caráter de ciência. Nessa argumentação existe um traço de orgulho ou presunção injustificada, porque apenas se dá valor à experiência pessoal, duvidando-se do testemunho de outras pessoas. Também não é exato que as ciências precisem de apenas dois fatores, razão e fatos, mas precisam também de um terceiro, como seja a autoridade ou a tradição, pois se assim não fosse, se não déssemos crédito ao que foi observado por outros, as ciências não existiriam, elas começariam com os fatos observados por cada um, e morreriam com o indivíduo. Cada homem formaria a sua própria ciência com seus próprios fatos, sem levar em consideração aqueles que os antepassados ou seus próprios contemporâneos tivessem observado. Nem todos os fatos necessários para a constituição de uma ciência se apresentam quando nós queremos, nem a vida do homem é tão longa que ele possa estudar e ver todos aqueles que a natureza apresenta.

É, pois, indubitável que é preciso conceder um valor importante à história de cada ciência e admitir fatos que outros já observaram, embora não pudessem ser comprovados por nossa própria experiência, desde que o testemunho da autoridade reúna as condições exigidas pela sã filosofia para ser admitido como fonte de conhecimento.

Agora, os fenômenos espíritas têm-se produzido em todos os povos do globo, em presença de pessoas de toda condição que não estavam confabuladas para sustentar uma trapaça, diante de homens sábios, de sujeitos às vezes incrédulos em matéria de Espiritismo; e tais fatos estão relatados em inúmeros livros e jornais por testemunhas que tomaram todas as precauções para não serem enganadas, por comissões de corporações científicas, por jornalistas alheios ao Espiritismo e que apenas buscavam uma certeza sobre fatos maravilhosos para saber a que se aterem quando relatassem esses fatos aos seus leitores. Quando os fenômenos espíritas estão desse modo confirmados, é uma orgulhosa pretensão não dar-lhes crédito, apenas porque um de nós não pôde observá-los, ou viu poucos. A natureza da sua origem inteligente faz que não seja dado a nós provocá-los sempre que quisermos, porque precisamos contar com a vontade de espíritos livres; e quem somos nós, para pretender que todo o mundo espiritual fique ao nosso dispor cada vez que tivermos vontade de

realizar fenômenos espíritas? É preciso merecimento para obtê-los; e como não está nas nossas mãos realizar essas experiências cada vez que nos aprouver, é preciso, na Ciência Espírita, dar crédito ao testemunho dos homens, e admitir os fatos afirmados pela autoridade.

Agora, os fatos espíritas, comprovados pessoalmente por cada um de nós ou aceitos pelo depoimento de outros, vieram nos ensinar duas ordens de conhecimentos: aqueles que a humanidade pode adquirir por seus próprios esforços de inteligência e o auxílio dos sentidos; e outros que a humanidade nunca teria chegado a adquirir com o trabalho da razão ou os sentidos, conseguindo, no máximo, aventurar hipóteses sobre eles. Aos conhecimentos da primeira ordem que os espíritos nos fornecem, eu dou o nome de comunicações, e aos da segunda ordem, revelação. Se os Espíritos referem fatos geológicos, por exemplo, e ilustram sobre a série de espécies que já viveram no globo terrestre, estão dando uma comunicação, porque esses conhecimentos podem ser adquiridos pela ciência humana sem o auxílio dos Espíritos; porém se eles nos falam que daqui a um milhão de anos os mares e os continentes irão se transtornar, que todos os seres orgânicos atuais irão perecer, e que aparecerá outro ser bem mais inteligente do que o homem atual, com diferente organização, com outros sentidos e outras funções, então estarão fazendo uma revelação, porque sobre esse assunto, tudo o que poderíamos fazer seria aventurar uma hipótese.

A Ciência Espírita já possui hoje inúmeras revelações, e irá ter ainda mais, e mais transcendentais, quando os homens estiverem melhor preparados para recebê-las. Uma dessas revelações, que não sendo das mais importantes possui inúmeras aplicações em uma das nossas pesquisas mais interessantes, é aquela que se refere ao perispírito, esse fluido que sempre acompanha o espírito, sendo mais ou menos puro conforme o seu grau de perfeição e conforme o mundo que habita. Na ciência biológica, esse elemento vem resolver inúmeras questões que estavam no terreno das conjecturas. O perispírito explica o modo e o tempo da união do Espírito com a organização material, o modo de se separar dela no fenômeno chamado de morte, o período de perturbação a partir da vida fetal e aquele outro que vem depois da conclusão da vida orgânica. O perispírito é o princípio vital, tão questionado por filósofos e médicos, é o agente que explica a unidade da vida, que explica simpatias e antipatias entre as pessoas, os pressentimentos, os sonhos e as visões de sujeitos, coisas, lugares e panoramas enquanto dormimos, que facilita a explicação científica do magnetismo, do sonambulismo natural e provocado, da lucidez sonambúlica e de todos os fenômenos que hoje apenas possuem uma explicação hipotética. Esse

perispírito, que o espírito agita, é o que permeia todas as moléculas da organização, que estabelece dentro delas outros fenômenos e leis que não são as da matéria inorgânica, que se irradia do nosso interior como uma luz que parte de um foco luminoso, que entra na esfera de irradiação de outros seres, que leva a eles as modificações que nele são impressas pelos nossos pensamentos, trazendo as deles para nós; e será graças a ele que, quando por meio da cultura e da virtude todos os homens tornarmos o nosso perispírito mais puro e, portanto, mais poderoso, poderemos realizar os fenômenos mais portentosos, como será o telégrafo elétrico sem necessidade de fios de condução, e a cura de doenças com apenas o auxílio do perispírito e da vontade, sem a intervenção de medicamentos ou remédios materiais.

O Espiritismo como ciência fornece a chave para a solução de questões das existências naturais, porque ele é que explica a força que movimenta a matéria, e as leis que regem a força. Os fenômenos que outrora eram tidos por contrários às leis naturais, e nos que a Igreja exigia acreditar com uma fé cega sem pedir explicações, abandonam a categoria de milagres e adquirem um caráter científico, como acontece, por exemplo, com as aparições de pessoas que não mais existem. O Espiritismo, sobre este particular, como sobre muitos outros admitidos na condição de milagrosos, explica que o fenômeno é realizado sem perturbação ou oposição a leis naturais, e sim com sujeição a leis, naturais também, que regem o espírito e os fluidos, e que são, por tanto, da esfera da pesquisa científica. O espírito condensa, pela vontade e com seu poder, o próprio perispírito, modifica o fluido que envolve um planeta, influencia o perispírito de outras pessoas, modifica seu fluido vital, seu magnetismo, e pode, graças a processos que compreendemos, embora sem conhecermos sua essência, dar a si mesmo uma forma e uma manifestação que fique visível e palpável para certas pessoas, com as quais um espírito deseja se comunicar desse modo. Com essa explicação a ciência concilia-se com a religião, esta passa a ser científica ganhando muito com isso, a fé deixa de ser cega, e se harmoniza com o critério racional que deve ser o guia de todos os conhecimentos.

O Espiritismo veio trazer a parte experimental ao idealismo; e veio, nesta época de materialismo e incredulidade, provocada especialmente pelos exageros e os erros das religiões positivas, para produzir uma reação em sentido espiritualista e chamar de novo a atenção dos pensadores para o idealismo que, livre de tudo quanto pertence ao mundo espiritual das preocupações que os dogmas religiosos deixaram nele como uma praga, passa a ser aceito pelo homem de ciência, porque o racionalista vê que as grandes verdades da tradição ficam dentro do seu próprio critério; e, assim, alisa o caminho para essa

multidão que não pode, seja por falta de capacidade ou de preparo suficiente, elevar sua inteligência até a esfera das abstrações e dos estudos metafísicos, para assim poderem chegar com facilidade à compreensão da ciência do Espírito. Nesses tempos que atravessamos, era uma necessidade premente a vinda do Espiritismo, para a humanidade assentar seus progressos sobre fundamentos sólidos, para servir de fórmula à grande época orgânica que irá chegar depois da época crítica e anárquica que atravessamos, e em cujo último período já estamos.

Será possível chegar o dia de o Espiritismo desaparecer, de todos os fenômenos espíritas cessarem, e que se algum acontecer, seja uma exceção, e de essas comunicações de além-túmulo, dadas hoje com profusão para formar essa grande doutrina, deixarem de ser obtidas; e de acontecer com o Espiritismo o que aconteceu com os oráculos da antiguidade, que emudeceram quando os povos onde existiam entraram de cheio em outra civilização. É possível acontecer isso, e eu acredito que irá acontecer, porém quando o Espiritismo tiver completado a missão providencial que lhe foi encomendada, quando a humanidade, conduzida pela tocha luminosa da Escola Espírita, não mais precisar do seu auxílio, e dominados os terrores e os ódios e os vícios onde anda extraviada, entrar na trilha da verdadeira ciência e das virtudes.

Então não haverá essa produção tão frequente de fenômenos espíritas, nem essas contínuas comunicações dos Espíritos, porque uma e outros não serão mais necessários. O Espiritismo triunfante terá cumprido sua grande missão, restabelecendo todas as coisas e colocando a humanidade no verdadeiro caminho que leva a Deus. Sendo que hoje, sem possuírem um caráter científico, seriam inúteis todos os esforços para conseguir essa grande meta, o Espiritismo realiza-se revelando-nos todo o mundo invisível e os conhecimentos por ele emanados, sob esse triplo aspecto, de filosofia, ciência e religião.

O ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO

O Espiritismo não é uma religião positiva, porém é a religião universal, a essência das verdades religiosas, a ciência que explica e confirma essas verdades, a síntese dos sentimentos que ligam o homem com a causa de tudo o que foi criado. Não precisa de templos, porque eles estão na reta consciência de cada ser inteligente, e seus altares são as sublimes concepções da arte e da ciência e todas as produções do gênio, suas orações são a prática da caridade

sem limite em suas múltiplas manifestações, os cantos do poeta, as pesquisas do sábio e todos os esforços dos Espíritos, cada um na esfera onde estiver, para realizar sua evolução por meio da virtude e da ciência, para cumprir seu destino, que é se aproximar de Deus conhecendo Suas obras e ser em tudo semelhante a Ele no que for possível na perfeição relativa, que por maior que ela for, sempre irá distar imensamente do seu Criador.

Sem estigmatizar nenhuma religião, todos os cultos cabem dentro do Espiritismo desde que baseados na ideia de Deus e do espírito, na vida permanente desse Espírito que aspira à perfeição. Compreende que as religiões têm cumprido e cumprem uma missão civilizadora, embora os encarregados de as guardarem terem abusado, sendo cometidos, por causa deles, crimes incontáveis nas sociedades. Sabe e confessa que a religião cristã tem sido a mais civilizadora, já que o Espiritismo não é outra coisa além do Cristianismo ampliado e aperfeiçoado, despojado dos absurdos e abastardamentos que a Igreja romana e todas as seitas dissidentes introduziram na doutrina de Jesus.

Os princípios religiosos do Espiritismo, todos eles demonstráveis pela ciência, são:

A noção de uma causa primeira, seja ela chamada de Deus, Jeová, Alá, o Infinito, o Absoluto, a Grande Inteligência, ou como se quiser designar.

A noção do espírito, que partindo do espírito universal, individualiza-se em suas evoluções pela matéria, à qual movimenta e anima, até chegar a se individualizar em seres inteligentes, possuidores de consciência e livre-arbítrio.

A vida futura, eterna e desenvolvida em multiplicadas existências, percorrendo organizações e sistemas planetários.

Punições e recompensas, não como elas são entendidas pelo catolicismo e outras religiões positivas, mas como consequência necessária da obediência ou infração das leis que regem o Espírito, do mesmo modo que o corpo sofre as consequências das suas intemperanças, ou experimenta o bem-estar de um ordenado método higiênico. E, da mesma maneira como essas intemperanças obrigam a organização a se abster de cometer excessos e a adotar outro método de vida mais saudável, do mesmo modo, e por motivos parecidos, o Espírito que não seguiu as leis de seu desenvolvimento, sente falta da sua evolução, e deseja voltar ao caminho que o leve à sua perfeição.

Portanto, no Espiritismo o inferno é negado, como também o purgatório e o limbo da Igreja católica. Cada Espírito carrega, em seu comportamento, sua glória ou seu purgatório, e está na esfera do seu poder a saída do estado de aflição e de punições onde ele mesmo caiu; e para isso ele tem toda a criação e a eternidade inteira.

O Espiritismo não admite três Deuses, mas apenas um. Possui, porém, a sua Trindade, como já expliquei em outro lugar: Deus, como princípio e fim de tudo o que foi criado, o Espírito como verbo ou como força para a realização de todas as coisas, e a Criação como produto da vontade divina, exteriorizada e sensível às custas da matéria.

O sistema cosmológico do Espiritismo não é o das religiões, mas sim o da ciência.

Ele admite as revelações como uma necessidade para o avanço da humanidade e, portanto, as comunicações dos espíritos encarnados com aqueles que não estão.

Essas revelações acontecem por intermédio de Espíritos que, pelo seu estado de evolução, têm grandes missões para cumprir.

Dentre os muitos Espíritos que trouxeram para a Terra missões civilizadoras, um deles foi Cristo, como também Sócrates e tantos outros que têm servido de guia para a humanidade. Sendo assim, o Espiritismo não admite que Jesus seja o próprio Deus, e sim um Espírito como o de qualquer outro homem, embora de grande perfeição, que encarnou para cumprir uma missão divina. Não admite, portanto, o mistério da encarnação; porém, mesmo para aqueles que acreditassem nisso, fornece meios científicos para explicá-lo, com a teoria dos fluidos e do perispírito de Jesus, que teria realizado a organização de um corpo material dentro da organização de sua mãe, do mesmo modo como existem mundos onde a procriação não é sexual, mas cada espírito fabrica o seu próprio corpo com seu perispírito e os elementos do planeta com os quais ele combina.

Sempre essa hipótese seria absurda, por não estar de acordo com o modo de ser da vida orgânica no nosso planeta; mas nunca seria tão ridícula como aquela sustentada pela Igreja romana. O Espiritismo se importa muito pouco com essa questão, não aceitando o dogma católico sobre o assunto; mas também pouco se importa com o fato de Jesus ter ou não irmãos, como é afirmado por Renan e outros historiadores e críticos.

Muitas coisas que o catolicismo manda observar como sendo artigos de fé, dogmáticos e necessários para a felicidade das almas, são consideradas pelo Espiritismo como meras fórmulas, que ele respeita em quem as praticar, embora acreditando firmemente que não fazem falta. Elas são: o batismo, a confirmação, a confissão, a eucaristia e todos os sacramentos da Igreja, como também a missa, as rezas e orações, coisas todas elas que, na verdade, servem mais como meio para explorar os homens e abusar da sua ignorância esvaziando seus bolsos, do que como modo de se aprimorarem; e que têm dado e continuam dando

elementos aos sacerdotes para saciarem suas paixões e exercitarem sua imoralidade, levando vícios e perturbação ao seio da sociedade e das famílias. Essas fórmulas, no máximo, poderiam passar como solenidades de costume para comemorar um gênio, um ato patriótico, o natalício de um sábio; ou inaugurar uma sociedade científica em suas tarefas; ou aquelas estabelecidas para se conferir um grau acadêmico, para se impor uma condecoração, ou coisas parecidas.

O espírita ilustrado não precisa de nenhum rito, de nenhum culto externo, de nenhuma religião positiva. Seu templo é o universo, cujas inúmeras estrelas são outros tantos altares, de onde são elevadas as preces de toda a humanidade para a inteligência criadora; seu culto é o estudo da criação, o cumprimento dos deveres para consigo mesmo e para com seus semelhantes, e com isso ele satisfaz os deveres que a Deus se referem; suas missas e suas orações são a prática de todas as virtudes e da caridade em especial por ser o resumo de todas as outras; sendo bom dentro da sociedade, bom dentro da família, bom e honesto sempre em toda a parte; e amando todos os homens como irmãos, é como o Espiritismo estabelece seu culto.

Porém, se alguém encontrar consolação na prática dos cultos das religiões positivas, se alguém, espírita ou não, precisar dessas fórmulas para satisfazer as aspirações do seu espírito, o Espiritismo não irá rejeitá-lo ou vituperá-lo, deixará que ele siga seu caminho, buscando que sua luz chegue a todas as inteligências onde puder penetrar.

Este é o **Espiritismo**.

Leiam e julguem.

